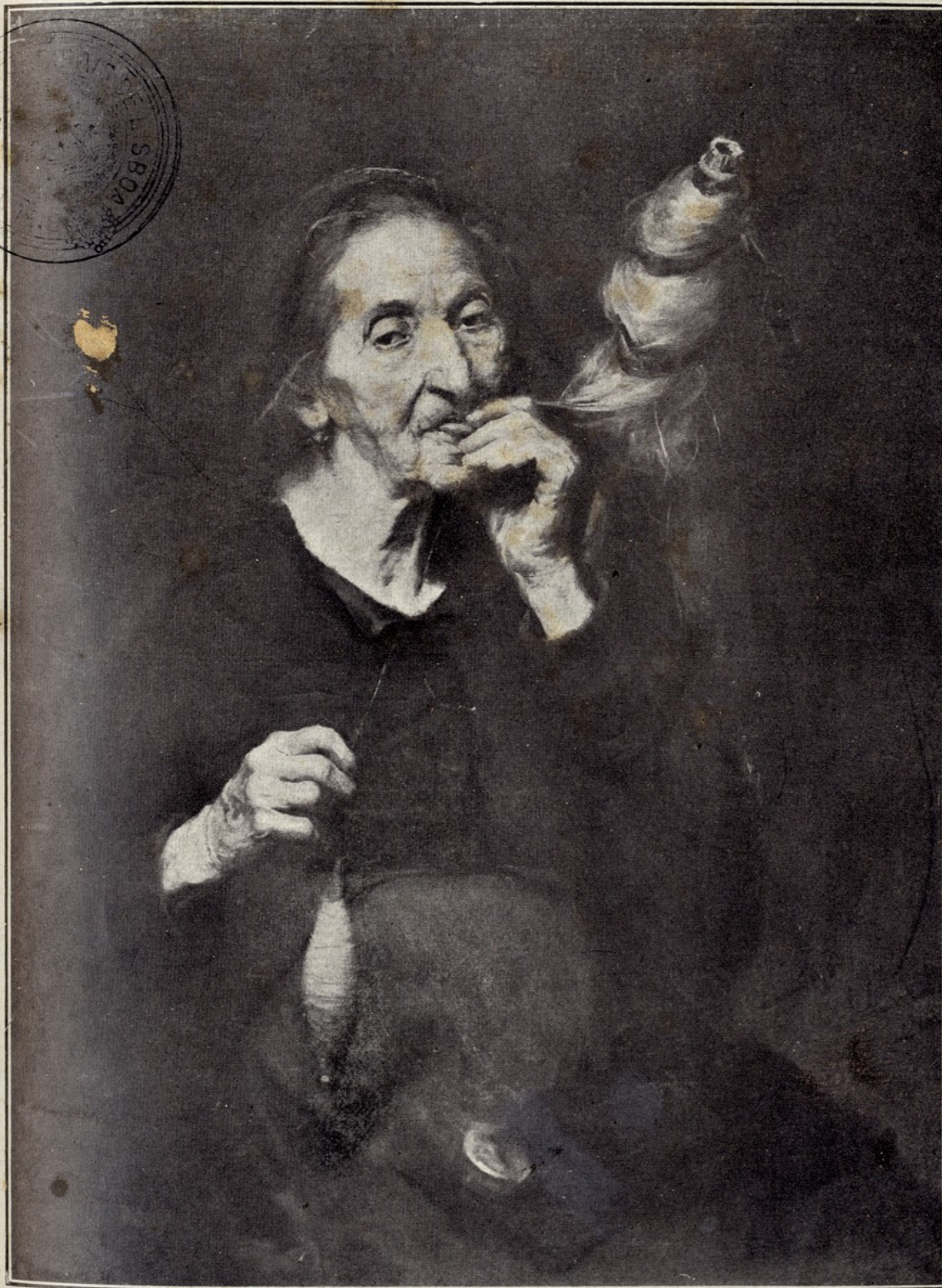


N.º 77
NOVEMBRO 1911

SERÕES



JOSÉ MALHÔA — A velha fiando

Summario

MAGAZINE

Pag.

ESTATUA DO CONDE FERREIRA

(Frontispicio) 322

O CASTELO DE PENELA

(1 vinheta e 6 illustrações) por AUGUSTO CASIMIRO 323

CANTO DE AMOR NO MAR (*Versos*) por JAIME CORTEZÃO 327

EXPULSÃO DOS JESUITAS DA CIDADE DE ANGRA

(3 illustrações) por ALBERTO TELLES 328

ARTE PORTUGUESA (*Illustrações*)

Caminho da Fonte Velha (Paço do Lumiar — SILVA PORTO 331

Partida de Vasco da Gama — VAZ 381

OS AMORES DO GRÃO-DUQUE

(2 vinhetas e 1 illustração) 332

AS NOTAS DE BANCO ROUBADAS

(2 vinhetas e 2 illustrações) por MANUEL DE MACEDO 337

SEGUNDO S. MATHEUS (*Versos*) por JOÃO PENHA 348

AS GRANDES POTENCIAS MUNDIAES

(1 vinheta e 10 illustrações) por REIS MACHADO 349

O JORNAL DO MAR

(1 vinheta e 8 illustrações) por ALFREDO GUIMARÃES 359

RESENHA PORTUGUEZA

(9 illustrações) por PORTUGAL DA SILVA 371

THEATROS

Por PORTUGAL DA SILVA 382

PELO MUNDO FORA

(11 illustrações) 385

SERÕES DAS SENHORAS

(3 illustrações) 396



Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portugêsa

Locuções latinas e estrangeiras

Historia e geographia

O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**.

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brasileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográficas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugêsa e brasileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portugêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3\$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.

Serões



Historia _____
_____ Sciencia
Romance _____
_____ Arte
Actualidades _____
_____ etc. _____

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escriptôres
e artistas portuguezes e brasileiros.

Assignatura annual, 2\$200 réis

Semestre, 1\$200 réis

Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Atenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.

N.º 77



SERÔE
REVISTA
MENSAL
ILLUSTRADA



NOVEMBRO 1911

Arte portuguesa



SOARES DOS REIS — ESTATUA DO CONDE FERREIRA

O castelo de Penela



UM eu um dia, com um tempo propicio, um sol de oiro e uma sã alegria, de Coimbra a Penela.

Por entre pinheiraes e marginando os altos montes que precedem a serra da Louzã, coroados ao alto por diadêmas de negra pedra, como ruinas de palacios de encantadas moiras, de pre-historicos castelos... — foram-se os meus olhos consolando na paisagem severa e risonha, — até á hora crepuscular e silenciosa em que vi, recortado no poente, sobre um fundo de pura claridade, erguido alto, numa velha e inocente ameaça, — o castelo de Penela.

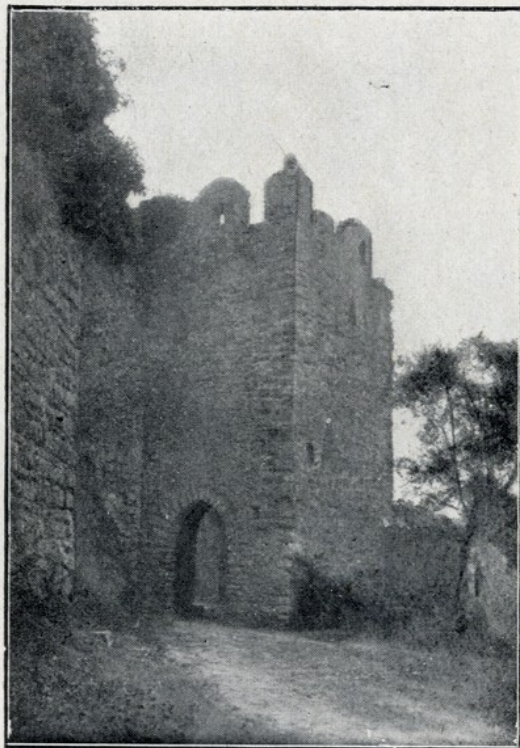
Aquella noite assim dormida perto do Passado, das velhas ruinas que falavam de mortas façanhas, e viveram com lendarios tempos, — fez despertar em mim os meus velhos, adormecidos avós, rudes besteiros, inteme-

ratos homens de armas, que me deixaram o amor á terra, a crença na Raça e o apaziguado, domado espirito guerreiro.

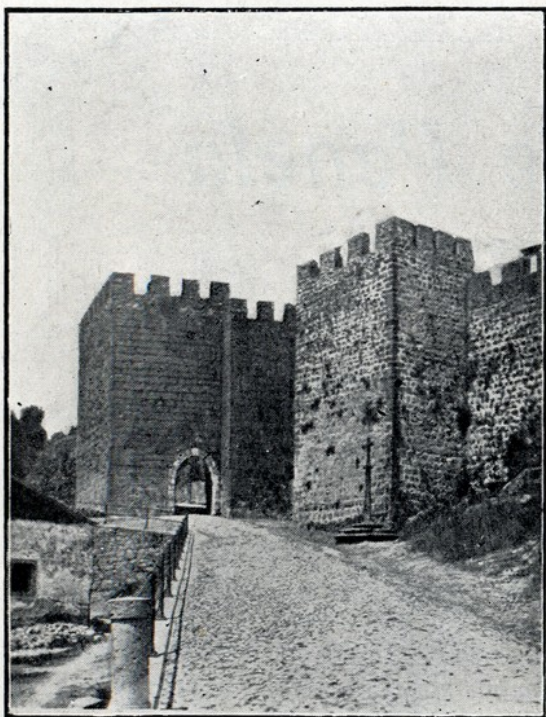
De manhã cedo logo, despida a pezada armadura que um sonho saudoso me lançara sobre os largos hombros, — na luz media dum ceu brumoso, com alvoroço, eu fui, como para revêr velhos logares de nunca esquecidos feitos, gloriosa herança imperecível, — até ao castelo agora franco, sem fossos nem ferradas portas.

Para construí-lo, uniu-se a Natureza aos Homens. Foi ella quem ergueu sobre o vale, no desespero vulcanico duma arremetida até ao ceu, o morro enorme sobre o vale profundo, como um rochedo, talhando-o depois á feição de ciclopicas muralhas, no talhe desigual e grandioso, harmonioso sempre.

Depois, já cansada, deixou que as rudes calosas mãos ajuntassem as pedras, erguessem as mais torres e muralhas, naquele



A PORTA DA TRAIÇÃO



PORTA DO CASTELO

afan guerreiro que o perigo proximo e a
incursão eminente reforçava.

vista dominadôra, sob o ceu mais proximo.
Parei sob o arco gotico da porta isolada
na rudez do conjunto.

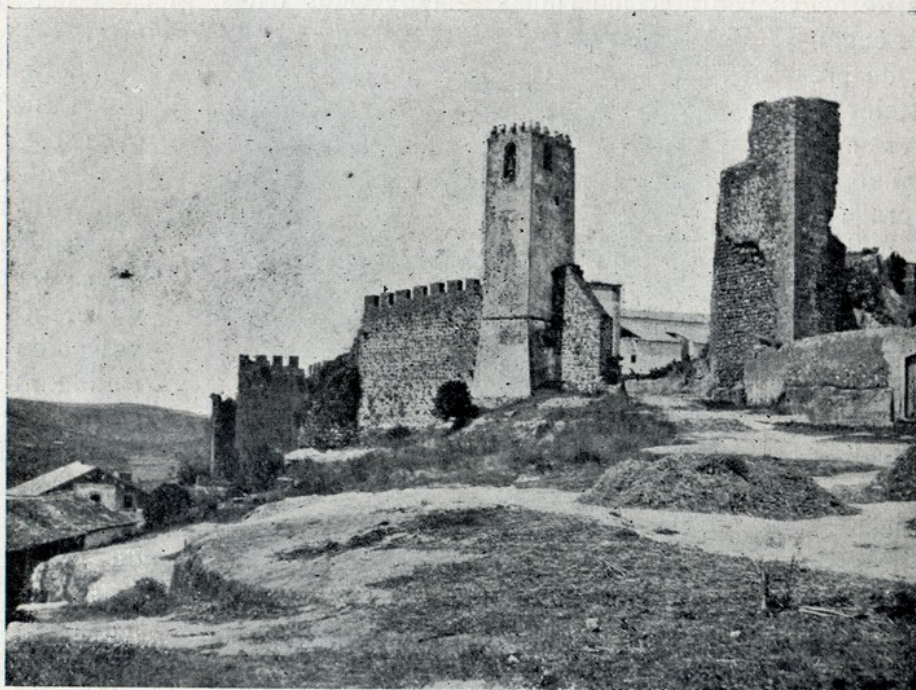
As formas goticas envolvem como au-
réolas.

E logo subi e deparei, sob o ceu, com a
paisagem extensa e profunda.

Eram ao longe, esfumados na bruma que
o sol ia varrendo, a serra da Louzã, o Ca-
ramulo, o Bussaco. E o olhar cinge até
muito longe a paisagem mascula e rude,
duma selvatica doçura, em que por vêzes
um bando de pinheiros mansos, silhuetados
no azul, põe um gesto suave extasiado.

No fundo, do lado do nascente, o vale,
os pequenos montes que por sua vez o for-
mam, a terra vermelha semeada de olivei-
ras, e ao cimo, á nossa esquerda, o *Pão
Alvo*, rochedo enorme que espera o esforço
titanico dum Atlante para sustentar a escalada
ameaçadora das hostes incansaveis.

Quazi toda a Torre, que ora chamam
Forte, é um rochedo monstro, erguido tam
alto que, do cimo, bem podia o alcaide de
Penela lançar impunemente os mais atrevi-
dos desafios aos inimigos raivosos e impo-



TORRE DO RELÓGIO

Subi á velha torre de menagem, tôska e
alta, num aneio de altura, antegosando a

tentes, acampados nos montes em redôr.
Talvez contemporaneo dos Romanos, foi

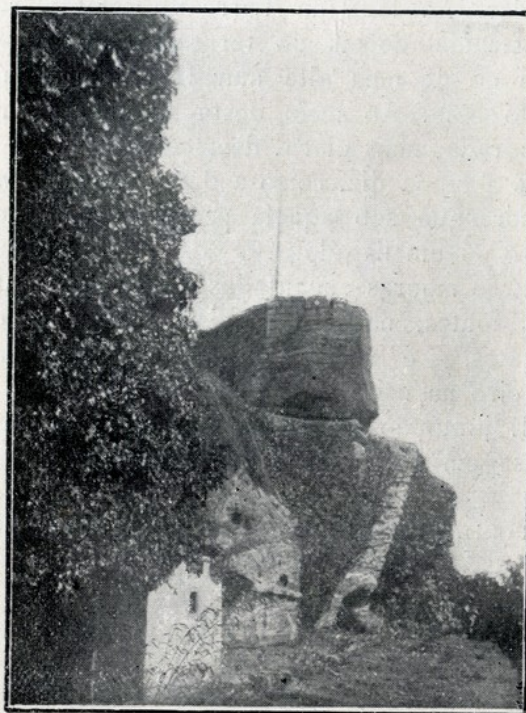
reedificado por D. Sizenando, Senhor de Coimbra. Era dos sarracênos quando o bando do Infante Afonso, numa noite calada, o escalou de surpresa, e fez, como em Santarem, mortos os seus defensores estremunhados, erguer sobre as ameias o seu pendão victorioso. E ainda infante, Afonso Henriques, *filho do Conde Dom Enrrique e da RReinha Dona Tarreya*, fez *carta de doaçom e de firmidom aos Homeens de Penella*, deu e outorgou a todos os que lá morassem a posse do castelo tomado aos sarracênos.

Varias vezes o tomaram de novo e destruíram estes.

E o rei Lavrador considerou-o ainda *bem notavel e attendivel*.

Sobre as suas ameias fez o povo tremular o pendão do mestre de Aviz, depois de o tomar ao conde de Vianna, primo de Leonor Telles, — o qual tinha voz por Castela.

Alem dos foraes, que lhe foram dados por Afonso Henriques, Sancho I e D. Manoel, — sendo interessante de vêr-se o primeiro, — poucos mais documentos clareiam a historia dos tempos mais antigos do re-



O FORTE

Só a porta da Traição nos deixa, pelo nome, supôr uma ignominia.



O CASTELO — LADO NORTE

moto castelo. E ele, por si, é mudo também. Nem uma inscripção nos seus muros.

Mas não deixou a fantasia do Povo de adorná-lo, de o cingir com uma corôa de

lendas. Ao lado da Torre do relógio, reconstruída depois do terremoto de 1755, está de pé uma alta muralha, dum arruinado belo. Ao meio desta ha uma pedra quadrada, mais clara, destacando.

E a lenda diz, como a das *arcas de Montemor*, que sob aquela pedra está um tesouro ou um flagelo.

E as mouras encantadas? Em volta, junto das fontes, nas velhas cisternas, sobre os regatos, — é vê-las, penteando os cabelos de ouro na noite pagã de S. João.

E junto do *Taboleiro*, em frente a uma paisagem que lembra o Penedo da Medita-

ção, e encantaria Santo Antero, — nas duas grandes cavernas sobre que assenta o *Pão Alvo*, já se abrigaram fantasmas, cavaleiros errantes, almas penadas, ou pelo menos ladrões.

NOTA. — Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Victorino Peres se deve a carinhosa reconstrução das torres e muralhas arruinadas. Não é descabido patentear-lhe aqui a gratidão que lhe devem todos quantos amam os restos do nosso passado, herança bela tam desbaratada por vândalos de espirito estreito e grosseiro egoismo.

Penela, Setembro — (Fotografias do amator Ex.^{mo} Sr. A. Rebello).

AUGUSTO CASIMIRO.



A VILA DE PENELA

Canto de Amôr no Mar

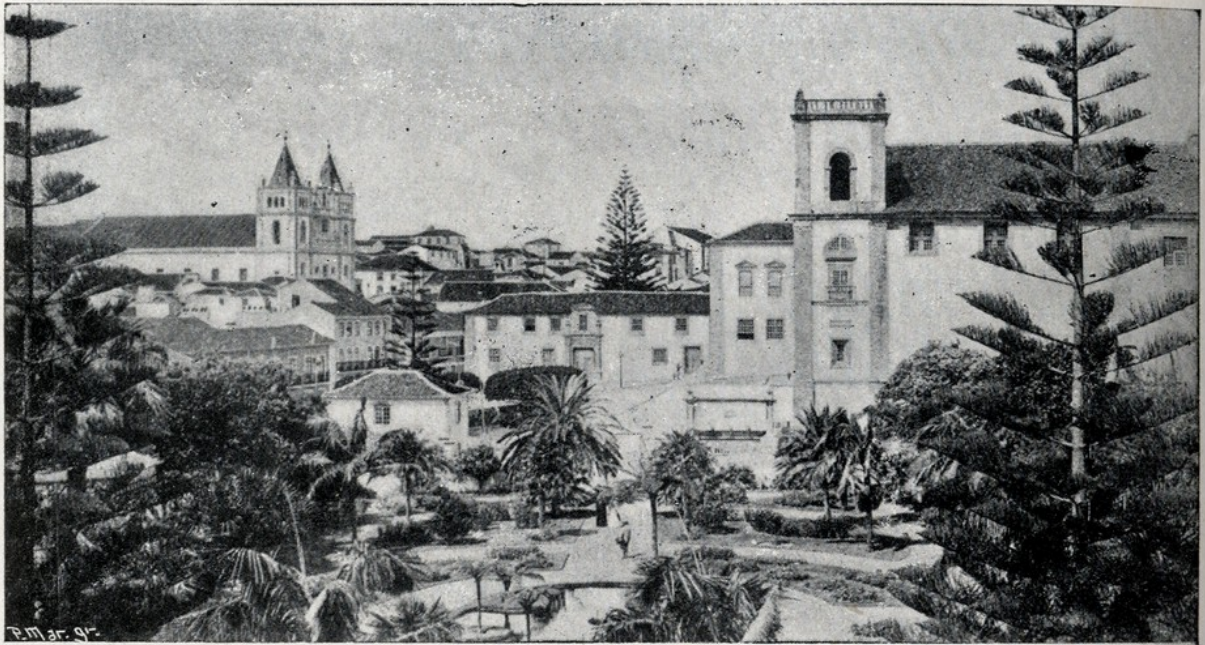
A tarde é o teu berço de criança . . .
A dar-te rendas fez-se o Mar de espuma
E o Ceu como um docel tecido em bruma
Prende-se em cima ao arco da Aliança.

Vê com que geito o vento te balança
E de aragens salinas te perfuma . . .
Conta-me agora as máguas uma a uma
Como se eu fôra tua Mãe, descança . . .

Não vês . . . ? o nosso barco mal balouça . . .
Deita-te, e vamos para o largo á vela
Onde ninguém nos veja, nem nos ouça;

Conta as viagens na mágua da tardinha.
Oh! Mar, arrenda a espuma, tem cautella!
Oh! Vento embala-me esta criancinha!

Jaime Cortezão.



ANGRA DO HEROISMO — PASSEIO DUQUE DA TERCEIRA

Expulsão dos jesuitas da cidade de Angra, ilha Terceira, em 1760

QUEM não tenha conhecimento das ordens terminantes e repetidas do conde de Oeiras, que depois foi marquez de Pombal, para que a expulsão ou embarque dos jesuitas, em toda a parte e sempre, fosse feita de noite, por evitar escandalo, poderia, ainda ha algum tempo, duvidar se a expulsão dos jesuitas da cidade de Angra, na ilha Terceira, se effectuara de dia ou de noite, pelas razões seguintes:

1.^a Não haver qualquer noticia de algum documento que prove ter-se feito de noite o embarque dos jesuitas de Angra, caso que já se não dá, por exemplo, com o embarque dos jesuitas da villa, hoje cidade, da Horta, na ilha do Fayal, donde os jesuitas foram levados para bordo da nau *Nossa Senhora da Natividade*, sendo das duas para as tres

horas depois da meia noite do primeiro de agosto de 1760, pois que a esse respeito temos o seguinte *auto de entrega*, publicado em 1878 no *Archivo dos Açores* (t. 1, pag. 388 e 389):

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil setecentos e sessenta annos, sendo das duas para as tres horas depois da meia noite no dia primeiro de agosto do dito anno, na portaria do Collegio de S. Francisco Xavier d'esta mesma villa (*da Horta*), aonde residiam os padres da Companhia denominada de *Jesus*; ahi estando o capitão-mór Thomaz Francisco Brum da Silveira Porraz Taveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e o juiz ordinario Antonio Soares de Evora, capitão mandante nesta mesma villa, em cumpri-

mento das regias determinações de El-Rei Fidelissimo Nosso Senhor, que Deus guarde, fizeram entrega dos padres que na casa se achavam ao M.^{mo} e ex.^{mo} conde de São Vicente Manuel Carlos da Cunha, a saber: o padre Antonio de Andrade, reitor, quarto voto; o padre Joaquim José, quarto voto; o padre Domingos Antunes, quarto voto; o padre André Rebello, quarto voto; o padre Diogo Alvares, procurador, quarto voto; o padre Manuel Mourão, quarto voto; o padre José de Paiva, mestre de latim, terceiro voto; o padre Luiz de Paiva, prefeito dos estudos, terceiro voto; o Irmão Lobato, dispenseiro; o Irmão José da Cruz, procurador da ilha do Pico; o Irmão Luiz Ferreira, sacristão; o qual se deu d'elles entregue, e fez conduzir com toda a solemnidade a bordo da nau *Nossa Senhora da Natividade*, commandada por João da Costa de Brito, tudo na fôrma das ordens de Sua Magestade, e por assim passar na verdade mandaram se fizesse este auto por mim Escrivão para todos no mesmo assignarem, de que para constar o fiz, e fica uma copia deste na mão do dito capitão-mór.

— Elias Antonio de Sousa, proprietario tabellião publico de notas, escrivão do judicial e almotaçaria, o escrevi. — O 2.^o capitão de mar e guerra, conde de São Vicente, Manuel Carlos da Cunha. — Capitão-mór, Thomaz Francisco Brum da Silveira Porraz Taveira. — O juiz ordinario, Antonio Soares de Evora.»

2.^a Affirmar a tradição constante que o embarque em Angra se fizera de dia, revestindo o supposto facto de minuciosos pormenores e circumstancias taes que pareciam dar-lhe tal ou qual verosimilhança.

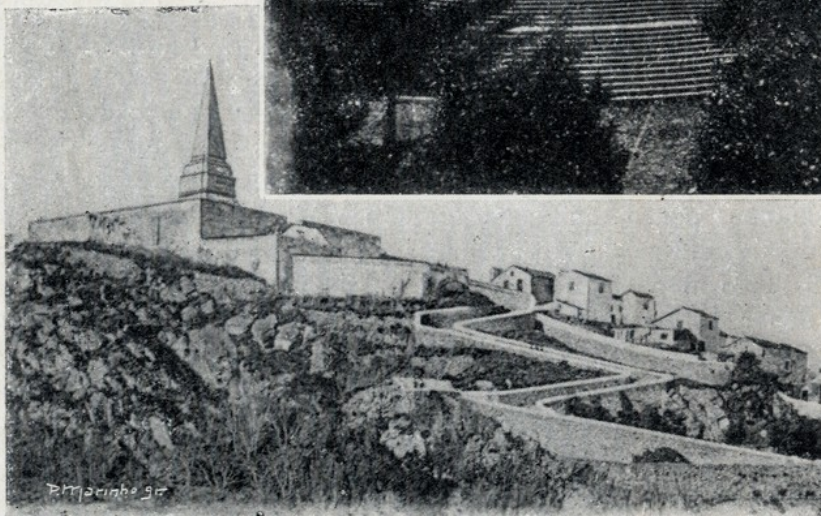
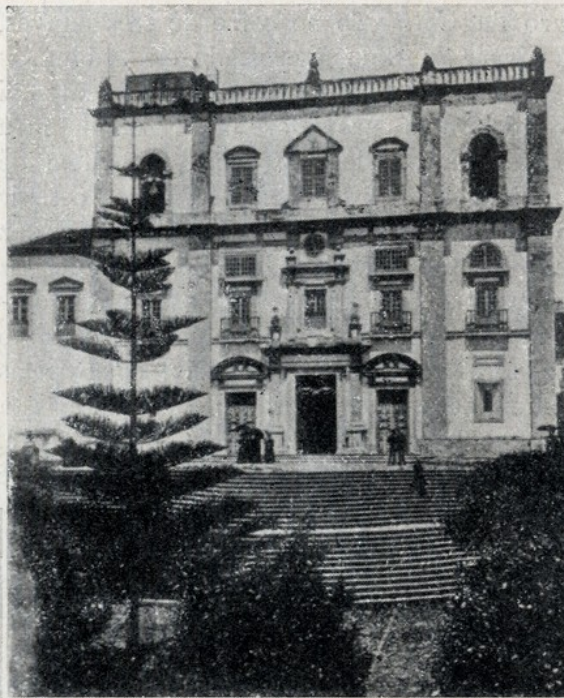
3.^a Declarar solemnemente o auctor dos *Annaes da ilha Terceira* (t. II, pag. 286, nota), Ferreira Drummond, que as noticias d'este successo (*a expulsão e embarque dos jesuitas de dia*) lhe foram «transmittidas por algumas pessoas antigas e com mais

discernimento pelo padre prégador fr. Antonio da Annunciada, octogenario, que vivia no seu convento da villa da Praia pelos annos de 1816, e tinha aprendido com os jesuitas.»

II

Hoje, porém, em face dos preciosos documentos, ainda ineditos, que pertencem ao

IGREJA DO COLLEGIO



MEMORIA

illustre terceirense e publicista. sr. Augusto Ribeiro, não resta a minima duvida de que tanto a expulsão dos jesuitas do collegio de Angra, como o seu embarque na mesma nau *Nossa Senhora da Natividade*, que, na volta do Fayal, aportara a Angra em 6 do dito mez de agosto, se fizeram effectivamente de noite.

O primeiro dos documentos, a que acabo de me referir, é como se segue:

OFFICIO DO DESEMBARGADOR CORREGEDOR
DAS ILHAS DOS AÇORES, HENRIQUE HENRIQUES
QUARESMA DE ALMEIDA

«Na manhã do dia 6 do corrente agosto recebi a de V. Ex.^a com a *Collecção dos breves pontificios e leis regias*, por mão do conde de São Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Silveira, a cumprimento da qual se está fazendo o traslado da dita *Collecção* no livro do registo da Camara, para depois de findo e conferido se guardar o proprio livro da *Collecção* no cofre de tres chaves, na fórma que Sua Magestade me ordena.

«Na noite do dito dia 6 do corrente fui avisado, e o provedor da Fazenda meu companheiro, pelo dito conde, a ordem de Sua Magestade para com elle irmos assistir ao bloqueio, que na noite do dito dia se fez nesta cidade aos regulares denominados da Companhia de Jesus, a que assistimos, deixando-os seguros e incommunicaveis, tanto por força do militar bloqueio, como pelas sentinellas que se puzeram e ficaram á vista dos cubiculos, onde se mandaram recolher, precedendo primeiro registo nos cubiculos e mais casas onde se presumia estar alguma cousa que fizesse contra os ditos regulares.

«Nesta mesma noite fiz pôr promptos os meus officiaes, e n'ella partiram a fazer sequestros em todos os bens que possuiam os ditos regulares, o que com effeito assim se executou, por o dito conde de São Vicente e o sargento-mór governador do castello de São João Baptista d'esta cidade assim m'o ordenar da parte de Sua Magestade.

«Na noite de 7 do corrente fui tambem convocado, e pessoalmente assisti á conducção e embarque dos referidos regulares, que do caes d'esta cidade foram conduzidos á nau de guerra, que vem commandando João da Costa de Brito, tudo na fórma das ordens de Sua Magestade, com que o dito conde de S. Vicente vinha munido, e carta regia, que tem o sargento-mór commandante do castello, que em tudo se cumpriu.

«O mesmo sargento-mór commandante me ordenou e a meu companheiro provedor da Fazenda fizessemos o inventario dos bens que existiam no Collegio dos ditos padres, a que satisfizemos, dando-lhe principio no dia 8 do corrente.

«E, para com maior presteza se findar,

dividimos o emprego, ficando-me tocando á minha parte a igreja do dito Collegio, alfaías sagradas e mais bens a ella inherentes, e a segunda parte dos bens do Collegio a meu companheiro.

«E de facto já a igreja está entregue ao bispo diocesano d'esta cidade, para o qual Collegio mandou o deão da Sé, que assignou termo no inventario de como a recebeu por ordem do bispo com todos os bens a ella pertencentes e descriptos no proprio inventario, que fiz dar com os sequestros ao sargento-mór commandante do castello para de tudo dar conta a Sua Magestade e no Juizo da Inconfidencia, e deixei ficar o traslado para segurança e procedimentos necessarios.

«Todo o referido ponho na presença de V. Ex.^a, que se servirá expô-lo na Real de Sua Magestade para me ordenar o que fôr servido. — Deus guarde a V. Ex.^a por muitos annos. — Angra, 10 de agosto de 1760 — O desembargador corregedor das ilhas dos Açores, *Henrique Henriques Quaresma de Almeida*.»

O outro documento é a resposta que deu o bispo de Angra, em 11 de agosto de 1760, ás cartas regias de 4 e 5 do mez de julho antecedente, sobre a expulsão dos jesuitas dos Açores, resposta que, a meu vêr, não merece ser aqui transcripta. O que ella patenteia claramente é a triste situação do bispo.

Curvado ou, antes, agachado no seu mesquinho paço, perante o vulto atterrador do ministro omnipotente, e segurando com mão tremula os regios pergaminhos, o bispo lê, assustado, as ordens do conde de Oeiras, a quem, tambem a tremêr, responde: — que tomou as providencias necessarias para que «nem pela interrupção de um só dia» cessassem as praticas do culto nas egrejas dos jesuitas; — que deputou logo o deão e provisor do bispado, dr. Manuel dos Santos Rolim, para assistir ao inventario que se fazia, pelas auctoridades competentes, das alfaías e bens pertencentes á igreja dos jesuitas de Angra, e que pelo mesmo inventario de tudo tomasse posse, persuadindo-o tambem a que fixasse a sua residencia no Collegio, para melhor attender, com os precisos subalternos, á conservação do edificio,

aceio e guarda da igreja; — finalmente, que mandou ordens semelhantes para Horta e Ponta Delgada.

Termina o bispo a sua lenga-lenga por esta ridícula genuflexão:

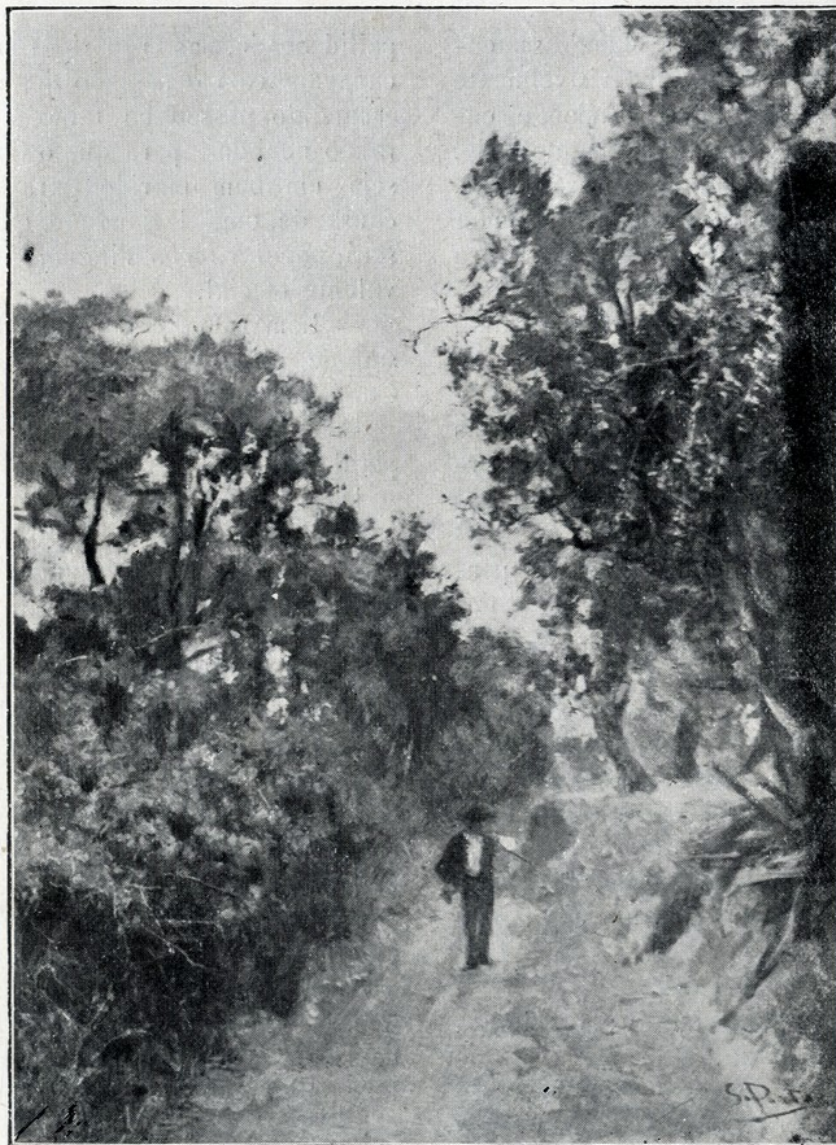
«A Sagrada Pessoa de Vossa Magestade

guarde e prospere o Ceo com as benignas e santas affluencias, que os seus fieis vassallos lhe desejamos, pelo que a nossa felicidade tanto se interessa na conservação de tão preciosa vida.»

Não é preciso pôr mais na carta.

ALBERTO TELLES.

Arte portuguesa



SILVA PORTO — CAMINHO DA FONTE VELHA (PAÇO DO LUMIAR)

Os amores do Grão-Duque



QUANDO a Condessa entrou vinha visivelmente agitada; o Conde encarou-a fixamente; ella, encontrando esse olhar, comprehendeu que a noticia que ia ouvir era desastrosa.

— Não quer? perguntou em voz baixa.

— Não, não quer, replicou o Conde.

No grande silencio que se seguiu, ficou-se pasmado olhando para o jardim e para as grandes florestas incultas que podiam formar uma tão boa propriedade se houvesse dinheiro para as cultivar.

— Parece-te que estava a serio? perguntou a Condessa anciosamente, passados alguns minutos.

— Muito a serio.

— Mostraste-lhe bem todas as vantagens?

— Parece-me que sim, pelo menos fiz-lhe todas as diligencias. Nos tempos que vão correndo os paes não teem grande influencia no espirito dos seus filhos; temos de lhes supplicar. Suppliquei Gilda. Disse-lhe parte do que seria para nós um casamento tão brilhante.

— Isso em nada a influiria.

— E' verdade, nada influuiu; resultados d'uma educação ingleza.

A Condessa levantou-se e veio sentar-se junto de seu marido tomando-lhe as mãos entre as suas. Não eram nenhuns velhos; sentiam-se mesmo bastante novos para terem ainda ambições ardentes e soffrerem cruelmente ao vê-las mallogradas.

— Ernesto, parece-me que tu, no teu intimo, dás-lhe razão?

— Quando eramos novos, disse elle em-

pallidecendo, as raparigas não se preocupavam com o passado dos seus noivos. O escandalo passou ha tanto tempo. Não vejo razão nenhuma para que o Grão-Duque não seja um bom marido para Gilda, lá por causa de uma leviandade que passou. Não será popular, mas ninguem nega que é um valente official.

— Lembra-te que Gilda tem nas veias sangue real, e é muito orgulhosa, disse a Condessa suspirando.

— Parece-me, exclamou o Conde com petulancia, que estás a favor d'ella.

Uma sombra passando por deante da janella que dava para o terraço obscureceu o quarto e logo em seguida entrou uma rapariga.

Gilda von Irmingen não era uma belleza nem se considerava como tal. A' primeira vista dava logo a impressão de uma soberba saude physica e moral. N'este momento a sua airosa e elegante figura estava vestida com uma blusa branca, um cinto de couro rodeava-lhe a delgada cintura, e a saia muito curta mostrava que acabava de andar em bicycleta. Os cabellos castanhos claros deixavam a descoberto a testa formosa e pura; os olhos acinzentados eram francos e confiantes. Sentou-se a um canto da secretária de seu pae, atirou para o lado o chapéu de palha, e começou a descalçar as luvas.

— Então, meus queridos, continuem, bem sei que falavam de mim.

— Gilda, disse a mãe querendo ser severa, não aprecias devidamente a honra que te faz o Grão-Duque.

— Não é nada d'isso, disse Gilda simplesmente. O Grão-Duque não devia pedir

a mão de nenhuma rapariga séria. Se tivesse todos os attractivos, em vez de ser o que é, um homem de meia idade, feio e rabugento, eu não poderia casar com elle. E no fundo do seu coração nem um nem outro desejam esse casamento.

A Condessa acariciou a mão de sua filha.

— Pensa em todo o bem que tal casamento traria, suggeriu docemente. Estás anceando para reformar o mundo, pensa no que poderias fazer se fosses a Grã-Duqueza reinante.

— Minha mãe, nunca se edificou um bom edificio sobre maus alicerces,

— No meu tempo as raparigas deixavam esses cuidados aos seus paes.

— Sim, e que pessimos resultados isso devia dar! Não, mãesinha, deixa que cada um seja infeliz a seu modo, e que não tenham os seus desgostos arrançados de ante-mão por uma outra pessoa.

— Um bom antidoto para a infelicidade é o poder alliviar a infelicidade dos outros, murmurou a Condessa como que falando sósinha.

— Esse homem deve amar-te, Gilda, aliás não escolheria uma joia n'um cofre tão pobre, disse o pae de repente.

A rapariga riu-se alegremente.

— Póde ter a certeza, meu pae, que elle só veio cá depois de ter procurado em vão algures. A nossa familia é a unica, em Ravenstein, que tem sangue real. O Duque já teria casado ha muito tempo se não fosse o não poder encontrar mulher.

O Conde e a Condessa entreolharam-se. Era inutil appellar para a vaidade d'esta rapariga, os seus olhos eram mais prescru-tadores que os d'elles; nem um nem outro queria falar-lhe no que, para elles, era o ponto principal da questão, a sua falta de meios e a sua ambição.

— Se em vez do Grão-Duque fosse o seu irmão Victor, então sim, dir-lhe-ia fazendo uma mesura: Com todo o gosto, meu caro senhor! porque é dez annos mais novo e mil vezes menos feio do que seu irmão. Mas Eberhardt! E' tão sensaborão! Quasi que me não dirigiu a palavra durante todo o tempo que dançou comigo no baile do paço.

— Provavelmente porque pensava muito, replicou o pae com um sorriso triste. Agora, Gilda, procura na tua educação moderna

um conselho para teus paes. O Grão-Duque vem ahi amanhã, incognito, acompanhado só pelo seu amigo o Barão Helso; o motivo apparente é a caça, mas o verdadeiro é o que acabas de ouvir. Que havemos de fazer?

— Ora essa, meu pae, póde vir á vontade; que importa que eu queira ou não casar com elle?

O Conde fixou a sua secretária e começou a desenhar distraidamente sobre uma folha de papel.

Far-lhe-hei comprehender claramente que és tu que recusas casar, porque, infelizmente, os paes já não podem impôr a obediencia aos seus filhos.

Gilda levantou-se de salto, brilhavam-lhe os limpidos olhos. Approximou-se rapidamente de seu pae:

— Conde von Irmíngem, diga-me; se podesse, obrigava-me a casar com o Grão-Duque Eberhardt? exclamou. — Não responde? Bem sabe que o não faria! Tanto meu pae como minha mãe acham a nossa linhagem muito pura para ser assim manchada, embora a mancha se esconda debaixo de regios arminhos! Mas teem medo e querem atirar a responsabilidade sobre uma rapariga! Pois façam-n'o embora, as minhas costas são bastante largas para lhe supportar o peso. E voltando-se, fugiu para o terraço a envolver-se nas folhas que o outomno fazia cair e a banhar-se nos pallidos raios do sol poente.

Os paes olharam um para o outro. Essa creança não realisava, não podia realizar o que era o peso d'uma pobreza de nobres. Tão nova ainda, era natural que só pensasse em si.

E era a sua unica filha!

Eberhardt, Grão-Duque de Ravenstaein, era um homem baixo e de fraca figura, de rosto enrugado, olhos cançados e encovados, cabellos e bigode prematuramente grisalhos. Na apparencia, frio e reservado, o que o tornava pouco popular nos seus estados. A sua fealdade era realçada ainda pela lividez de uma cicatriz na fonte esquerda, um legado que lhe ficara da desmedida coragem com que se batera na batalha de Eldergan.

Ao inclinar-se para beijar a mão de Lady Gilda na sala do velho castello de Irmíngem, tinha um ar resignado e triste.

Um gigante loiro que estava atraz d'elle,

e que era o Barão Helso, olhava com desprezo e sobr'olho carregado para essa rapariga que, apesar de pobre tinha a ousadia e a impertinencia de regeitar a mão de seu amo. Gilda estava encantadora com um vestido côr de rosa e perolas nas ondas dos seus cabellos loiros, pondo todos á vontade com o seu alegre sangue frio.

— O tempo está esplendido e as florestas regorgitam de veados; vae fazer uma boa caçada, Alteza.

Eberhardt encariou-a de frente e disse:

— A caça é-me indifferente, Fraülein, já que não posso realizar o desejo do meu coração.

— Deus lh'o conceda, Alteza, qualquer que elle seja, replicou logo.

— Só a Fraülein m'o pôde conceder.

— Quer Vossa Alteza alludir ao casamento tão lisongeiro para mim de que o Conselheiro falou a meu pae?!

O Grão-Duque curvou-se.

— Não imaginei que o seu coração estivesse envolvido n'esse assumpto, disse com malicia.

O Grão-Duque animou-se e um subito clarão illuminou-lhe o cançado olhar dando uma certa belleza áquelle rosto banal.

— Se eu lhe affirmasse que sim? Isso fal-a-hia reconsiderar na decisão, Fraülein?

A Condessa affastou o Barão Helso com o pretexto de lhe mostrar um quadro. Gilda atravessou vagarosamente a sala indo encostar-se a uma janella circular que dava

para o terraço, onde o sol poente dardejava os seus ultimos raios nos vidros, realçando os braços que attestavam a antiga e nobre linhagem dos Irmingsens. O Grão-Duque acompanhou-a e ella voltando-se de subito disse-lhe com um gesto meigo:

— N'um casamento deve haver dois corações e o meu coração não lhe pertence.

O sol irradiava sobre os seus cabellos louros, doirando-os como que coroando-a de

ante-mão. Divirtia-a o papel que desempenhava e a sua educação ingleza habilitava-a a poder apreciar o extraordinario da sua posição e da crise que a sua vida atravessava. Nenhum sentimento para o homem que estava ao seu lado vinha perturbar o seu socego de espirito. Sentia-se senhora da situação. Começar a vida regeitando a mão d'um soberano reinante era dar um exemplo de desinteresse da mulher moderna.

Evidentemente, Eberhardt assim o pensava tambem, e olhava para ella com admiração.

— Eu é que sou d'uma estranha ousadia, disse o Duque

humilde, estou tão cercado de cortezãos que me esqueço do pouco que valho.

O rosto expressivo de Gilda ruborisou-se.

— Espero que me não julgue tão mesquinha que me deixe levar pelas apparenciás; comtudo confesso que tenho um ideal muito elevado. E' um capricho tolo, talvez, mas resolvi que casaria com um heroe ou morreria solteira.



N'UM CASAMENTO DEVE HAVER DOIS CORAÇÕES
E O MEU NÃO LHE PERTENCE

O Grão-Duque fitou aquelle rosto franco e pela primeira vez olhou para ella com a indulgencia com que um velho olharia para uma creança e disse com bondade:

— O que entende por um heroe, Fraülein?

— Um homem com uma honra sem mancha, disse abaixando os olhos, que seja superior; que se sacrifique sem esperar louvores ou recompensa.

Houve uma pausa durante a qual Eberhardt pareceu levar e acceitar em silencio um profundo golpe, mas quando tornou a falar fel-o com meiguice e só nos olhos se lhe lia a dôr que sentira.

— Pensou já alguma vez, senhora, que talvez não reconheça o seu heroe quando o encontrar?

— Ora essa! disse Gilda, rindo; então os heroes são assim tão vulgares que não haverá nenhuma differença entre elles e os outros homens?

— Não é isso, mas parece-me... — fez uma pausa e o seu olhar resignado estendeu-se sobre a floresta que o outomno tingia; havia na sua voz uma nota triste quando concluiu dizendo: Parece-me que um homem que fosse capaz de fazer o que diz seria o ultimo a falar n'isso.

Dizendo isto curvou-se adeante d'ella com a sua fria cortezia germanica e foi ter com a condessa que procurava entreter o Barão Helso, o qual estava bastante aborrecido da vida n'um velho castello da provincia.

Mais tarde, quando o Grão-Duque se achou só nos seus aposentos com o amigo, depois de contemplar por largo tempo as figuras embutidas n'uma velha secretária de pau santo, voltou-se e disse abruptamente:

— Helso, ella sabe; disseram-lh'o, disseram-lhe tudo!

— Deus do céu! exclamou Helso que estava accendendo com grande prazer um enorme charuto. O que vae ser de nós agora que as raparigas ousam criticar a moralidade dos actos dos seus soberanos mesmo na cara d'elle?

— Tocou n'isso muito delicadamente dizendo apenas que só casaria com um homem com uma honra sem mancha.

— Ora, não conheço nenhum no paiz, rosnou Helso. Valha-nos Deus, que exigencias teem agora as raparigas! E' monstruosos!

Fumou por algum tempo em silencio e depois disse: Calculo que quer dizer que ella sabe parte da verdade?

Eberhardt fez um signal affirmativo.

Helso movia-se impaciente na cadeira com os olhos fitos no vulto triste e resignado do Grão-Duque. Levantou-se por fim e approximando-se d'elle tocou-lhe no hombro com um gesto amavel e terno que fazia lembrar a meiguice d'um elephante.

— Amigo, está deveras apaixonado?

— Deveras.

— A sua felicidade depende do amor d'essa mulher?

— Conhece-me, Helso, e sabe se sou susceptivel de impressões passageiras, comprehende que sentindo com todo o coração, como sinto agora, se me será facil mudar, esquecer.

— Sendo assim, respondeu Helso sacudindo gravemente a cinza do seu charuto, sendo assim, com sua licença, Alteza, ella saberá tudo.

Houve um momento de hesitação — apenas um momento — depois Eberhardt endireitou-se, poz de parte a familiaridade com que falára até então, e respondeu com a entonação de quem ordena a um inferior.

— Com minha licença *nunca!* Barão Helso.

Dizendo isto entrou precipitadamente no seu quarto de dormir fechando a porta com gesto resolute como quem se refugia contra a tentação.

Helso sentou-se e continuou a fumar.

— Um passeio na floresta de Sauffringen é esplendido, sr. Barão, disse Gilda, mas hoje com um tempo tão incerto! Olhe para aquellas nuvens negras ali no horizonte!

— O vento está norte, Fraülein.

— Sim, mas o barometro?

— N'esta quadra o vento norte e um barometro que desce annunciam o melhor tempo possivel. Sou propheta do tempo; comtudo não quero insistir porque é um passeio bastante fatigante para uma senhora.

Gilda fez ouvir um risinho orgulhoso; e depois d'isto nada a deteria.

Os olhos do Barão Helso brilhavam maliciosamente debaixo das palpebras.

Partiram para esse longo passeio que lhes tomaria todo o dia. Gilda, vestindo um simples amazona á ingleza e um chapéu de

feltro com uma aza de faizão, montava airosa o seu cavallo com o olhar alegre da mocidade que é inexperiente e confiante em si propria.

Caminhavam como de costume, Gilda adeante com o Barão e o pae atraz com o Grão-Duque. Chegando a um descampado, Helso convidou a rapariga para um galope. Quando pararam os outros já se não viam.

— Não faz mal, disse o Barão, vamos pelo caminho mais comprido e iremos apanhal-os na estrada de Auschwitz; conheço muito bem este sitio.

— Eu não o conheço nada, disse Gilda, está fóra dos meus passeios habituaes. Nunca são das nossas propriedades. Isto é lindissimo, vamos andando.

Entravam n'um pinhal. O sol dardejava os seus raios sobre elles com aquelle calor intenso que ás vezes se sente antes d'um

temporal. O vento norte abatera e a tempestade subia, ameaçadora, do oriente. Como caminhavam para o occidente, Gilda não reparava n'isso, toda entregue ao prazer que sentia em contemplar a soberba paisagem.

— Imagine, viver apenas a uma legua disto e não o conhecer! exclamou.

— Estamos muitas vezes perto de coisas admiraveis sem as conhecermos, disse Helso.

E Gilda, muito grave, respondeu:

— E' muito verdade o que diz.

Sem saber porquê occorreu-lhe á lembrança o rosto grave e cicatrizado, os olhos tristes do homem que tanto a amava. N'estes tres dias que elle tinha passado no castello reconhecera n'elle um homem bem differente d'aquelle que imaginava. Uma ou duas vezes já lhe tinha passado pela mente a ideia que se teria enganado a seu respeito mas, era impossivel.

(Continúa.)



As notas de banco roubadas



ão havia sombras, sequer, de misterio quanto á identidade do individuo que, sósinho e sem cúmplices, roubara o Banco Nacional n.º 13, no valor de 109.937 dollars em notas e meia duzia de dollars em estampilhas.

Era o Dolan, especialista em arrombar cofres de segurança, apesar da pouca idade, e efectuara uma limpeza radical.

Nem pairava o minimo vislumbre de misterio com respeito ao seu paradeiro. Achava-se trancafiado e seguro num calaboiço, na Estação correcional, pois fôra capturado um pouco menos de doze horas depois de haver sido descoberto o roubo.

Dolan não offerecera resistencia de especie alguma aos agentes, no acto de ser filado, como tambem não tentava negar, quando foi interrogado pelo detective Mallory. Bem sabia que lhe tinham deitado a mão nos devidos termos e mais que legalmente, e que não havia argumentos possiveis, e por consequencia, confessou com assomos de orgulho, como quem se acha conscio de ter feito obra limpa.

Decorreram uns cinco dias depois da captura do meliante, antes de que o caso fôsse submetido ao criterio do celebre professor von Dusen — o tão eximio e reputado *detectivo amador*, que é como se dissessemos o Sherlock-Holmes americano — mas de carne e osso, no presente caso, e não um producto da imaginativa de qualquer emulo *yankee* de Sir Arthur Conan Doyle.

O problêma era, pois, do teor seguinte:

O Dolan, passaro bisnau, apesar dos poucos annos, pois ainda não trintava, era um sujeito que metia serio respeito á policia.

Tinha um cadastro mais que notavel, visto haver sido precoce. Aquelle golpe de mão ao banco devia de ser a sua ultima façanha, e em seguida retirar-se-ia, para gozar os seus rendimentos. Tencionava levar comsigo a mulher, sumir-se, muito á calada, a coberto das barbas crescidas, de uma coarctada de ausencia, ahí para qualquer logar escuso e muito arredado do seu antigo centro de acção. E contudo, a mutabilidade dos acontecimentos, no humano viver, é assunto de um rifão bem conhecido.

Ao passo que o roubo, na essencia, fôra um bico de obra da maxima proficiencia artistica, e em absoluta concordancia com um plano, elaborado nos minimos pormenores com mêses de antecipação, caíra num erro, unico, é certo, mas da maior gravidade. E fôra o ter deixado por descuido a lata em que trouxera a nitro-glicerina no proprio logar da acção. E este acto de inadvertencia dera azo a seguirem-lhe a trilha.

O Dolan e a consorte occupavam três cubieúlos numa pobre casa de hospedes. Desde o momento em que a policia se achou de posse dos sinaes da pessoa que comprara o explosivo, os agentes adquiriram confiança no bom exito, pois conheciam o seu homem. Assim, pois, quatro detectivos saga-

zes traziam de olho a mesquinha casa de hospedes. Nem o Dolan nem a mulher ali se achavam quando ali chegaram os agentes, mas, dadas as condições em que encontraram os quartos, perceberam que os inquilinos tencionavam regressar e, nessa conformidade, occuparam os respectivos postos, confiando em ser bem sucedidos.

Sem sombras de suspeita, pois lhe não ocorria o erro palmar que praticara, o meliante voltou cerca das Avé-Marias e galgou de um pulo os cinco degraus da porta da casa de hospedes. Quis o acaso que olhasse para trás, de subito, e pescasse uma cara a esconder-se, á pressa, por detrás de um pilar de um predio, ali ao lado. A luz electrica, porém, lançava para ali um forte clarão, e Dolan conheceu o detective Downey, um dos habeis satelites do tão proficuo e experiente Mallory. o mais fino detective do corpo policial de Nova-York. O finorio do Dolan nem estremeceu nem se deu por achado; parou um instante, embrulhou um cigarrinho, a matutar no caso.

E se elle, em vez de entrar, fôsse andando, muito socegado da sua vida, por ali abaixo, dobrasse a esquina e, pernas para que te quero?

Mas, no mesmo instante, eis que lobriga outra cara, na direcção da contemplada fuga. Era o detective Blanton, um latagão com lume no olho.

O Dolan, a amolar o caso, fumou ameta-de do cigarro, a olhar, como um parvuo, em frente de si

Sabia de uma porta trazeira abrindo para um passadiço. Quem lhe dizia a si se os detectives se haveriam esquecido de a guardar? Atirou fora a ponta do cigarro, entrou no predio, muito senhor de si, e fechou a porta. Galgou num pulo a loja, extensa e pouco limpa, que acompanhava o edificio em todo o comprimento, e abriu de repelão a porta trazeira. Recuou, de golpe, — lá fora outro detective, aquelle melro do Cunningham!

Eis lhe acode uma inspiração!

O telhado! O predio tinha quatro andares. Enfiou, como uma sêta, escada acima, e ia já a meio caminho do ultimo, mas estacou. Lá de cima, feriu-lhe o olfacto a baforada de um pessimo charuto, e em seguida o trilhar compassado de umas botas pesa-

das. Outro detective! Com o coração mais pequeno que uma ervilha, desceu em pés de lan por ali abaixo, abriu a porta do seu coio com a chave do trinco e entrou.

Fechou-se por dentro e sentou-se, a analisar a situação. A respeito de escapúla, nem esperanças! Achava-se bloqueado por todos os lados e o virem deitar-lhe a unha era apenas uma questão de tempo. E agora, calculava elle, só estavam á espera do regresso da esposa. Podia brigar pela propria liberdade, já se vê — dar cabo de um, de dois, talvez, dos agentes que estavam á sua espera. Semelhante alvitre, contudo, apenas serviria para lhe grangear a propria morte. Se tentasse fugir, esquivando a qualquer dos policias, render-lhe-ia isso um ou dois tiros nas costas. E dahi, o morticinio repugnava á alma artistica de Dolan. De nada lhe aproveitaria. Mas poderia elle avisar a Isabel — sua esposa? Receava que ella viesse cair na ratoeira, conforme lhe havia acontecido a si, e ella não tinha nada que vêr com o negocio.

Depois, com receio de que regressasse a mulher, mudou-se, de golpe, no temor de que ella o não fizesse. E lembrou-lhe, de repente, que lhe era indispensavel falar-lhe. A policia não podia inclui-la no roubo, de modo nenhum; poderiam tê-la debaixo de prisão, por uns tempos, mas depois, teriam que a soltar, visto a sua innocencia daquelle crime especial estar absolutamente fora de questão. Mas se a filassem antes de que ella regressasse, a pobre da rapariga achar-se-ia sem recursos: e era isso uma contingencia com que Dolan não se podia conformar. Existia uma centelha de ternura, de humanidade, naquelle bronzeo coração, e para si, lá no calaboiço, seria um refrigerio o lembrar-se de que ella se achava ao abrigo de necessidades. Aparecesse ella, quanto antes, e dir-lhe ia onde é que o dinheiro...

Durante dez minutos ponderou o caso sob todas as fases possivel. Participar-lhe numa carta onde é que arrecadára o pé de meia? Nada disso. Iria parar ás mãos da policia; a coisa era inevitavel. Em cifra? Nunca lhe chegaria ás mãos. E como havia de ser? Como? como?

E elle, a todo o instante, á espera de um clamór, á porta, significando que a policia estava com elle a contas. Bem sabiam elles

que o tinham á mão de semear. Qualquer expediente para que apellesse tinha de ser rapido.

Tomou o fôlego, e pôs-se a embrulhar outro cigarro. Com a delgada mortalha em uma das mãos e na outra a bolsa do tabaco, surgiu-lhe uma inspiração.

Deixaram-n'o em paz, sósinho, para ali, coisa de uma hora. Até que por fim o seu ouvido sagaz apreendeu o palmilhar subtil de uns pés, na loja, e em seguida um trupitar, imperativo, na porta. A policia, manifestamente, havia-se receado de prolongar a expectativa. O Dolan estava encostado a uma máquina de costura, quando ouviu a chamada. Por instincto, levou a mão ao revolver, depois pô-lo de parte e encaminhou-se para a porta.

— Quem é? perguntou.

— Abra a porta, Dolan, foi a resposta.

— E' você, Downey? perguntou Dolan.

— Sou. E olhe lá não se espéte, amigo. Somos três. cá fora, e o Cunningham está no passadiço, á coca das suas janélas. Tem as saídas cortadas.

Por um instante, por um instante apenas, Dolan vacilou. Não era porque se arrependesse, nem porque lhe metesse medo a cadeia — era a pena de ser filado. Havia urdido o seu plano, de tão diverso modo, — e que magua não iria sentir a rapariga, coitada! Finalmente, com uma rapida olhadéla, desfechada á máquina de costura, abriu a porta. Três revolvers apontados á cara, com uma unanimidade traduzindo a primôr a opinião da policia a respeito do individuo. Do-

lan ergueu, rapido, as mãos acima da cabeça.

— Holá — abaixo as armas, expostulou. Não sou nenhum doido. A minha pistola está ali, em cima da cama.

O detective Downey, mediante investigação pessoal, corroborou a declaração, e abaixaram-se os revolvers.

— O chefe precisa de você, declarou o agente. E' a respeito da tal chalaça do Banco Nacional.

— Pronto! respondeu Dolan, muito socego, e ergueu as mãos para receber os anjinhos.

— Olhe lá, Dolan; você poupava-nos um trabalhão se nos dissesse onde encaixou o dinheiro.

— Lá isso poupava — foi a resposta ambigua.

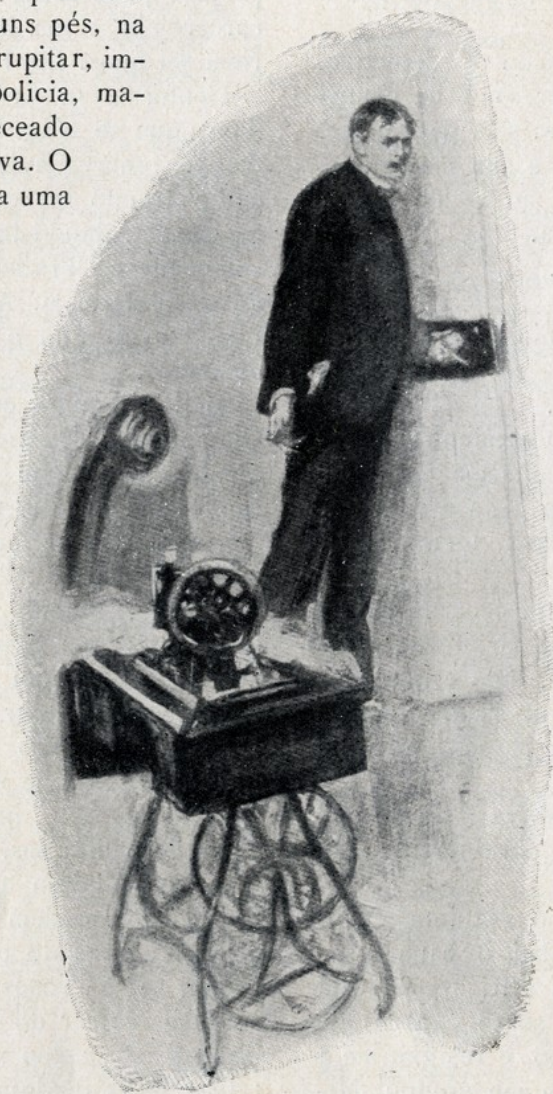
O detective Downey olhou para elle e percebeu. Foi chamado lá do passadiço o Cunningham. Este e Downey ficaram no aposento, e outros dois agentes carregaram com o Dolan. No decurso natural dos acontecimentos, compareceu o preso perante o detective Mallory, na Estação central da policia. Conheciam-se de perto, profissionalmente.

O Dolan fez a sua franca declaração,

desde o início do plano até á propria realização do crime. O detective, repimpado na poltrona, e com os pés assentes na secretária, a escutar. Até que, por fim, inclinou-se para o reu.

— E onde pára o dinheiro? indagou.

Dolan estabeleceu uma pausa, sufficiente para embrulhar o competente cigarrinho.



É VOCE, DOWNEY? REPERGUNTOU DOLAN

— Isso é comigo; respondeu prazenteiro.

— Eu, se fôsse a você, declarava-o, insistiu o detective. Já se deixa vêr que havemos de dar com elle, mas poupava-nos trabalho.

— Aposto um chapéu novo, em como não são capazes de o encontrar, replicou o Dolan; e um clarão de ufanía a luzir-lhe nos olhos. — E eu, extra-oficialmente, aqui, de homem para homem, aposto um chapéu novo em como não são vocês que lhe põe o dedo em cima.

— Isso, veremos — atacou o detective.

Varou com a vista o preso. Este, contudo, revidou-lhe a olhadéla, sem pestanejar.

— Safar-se-ia com elle a sua mulher?

A pergunta participou ao Dolan que a mulher não fôra capturada.

— Não, respondeu elle.

— Está no seu coio?

— O Downey e o Cunningham lá andam ambos a barafustar — foi a resposta. — Dir-lhe-ão o que encontraram.

Prolongou-se o silencio, uns minutos, agente e preso de olhos pregados um no outro. Sempre que um ladrão se nega a pés juntos a responder a perguntas, torna-se um sujeito difficil de manejar.

Havia o «terceiro grau», é certo, mas o Dolan era homem para se rir disso; a especie de homem de quem, todo e qualquer alvitre, além de tormentos fisicos, jámais conseguiria sacar qualquer resposta que elle não quisesse dar.

O detective Mallory estava mais do que sciente daquella teimosia, característica da indole do criminoso.

— O caso resume-se no seguinte, expôs o Dolan finalmente. Roubei o banco, safei-me com o dinheiro, e elle, agora, está onde os senhores nunca serão capazes de dar com elle. Fi-lo sósinho, e resigno-me a engulir a pilula. Ninguém me ajudou. Minha mulher, — e sei que os agentes estavam á sua espera antes de me deitar a unha, — minha mulher, repito, não tem nada que vêr com o negocio, e pode prová-lo. E com isto, tenho dito tudo. E contentem-se, que não me sacam mais nada.

O detective Mallory piscou os olhos.

— Você vae declarar-me onde é que pára o dinheiro — refunfunhou — quando não... quando não, empenhar-me-ei para que apanhe...

— Vinte annos é o limite absoluto — atalhou o Donald, muito placido, — conto apanhar vinte annos, e é o peór que me póde arranjar.

O detective olhou para elle, carrancudo.

— E dahi, — proseguiu o Dolan — não me acharei sósinho, lá para onde os senhores tencionam pregar com este seu criado. Conto por lá com mais de um amigo. Eu proprio já lá estive. Por signal que um dos carcereiros é um barra a jogar o *bridge*. Nem sei quem lhe leve as lampas.

Conforme se dá com um rôr de individuos, que se vêem levados á parede, o detective tentava aplacar a propria indignação vibrando invectivas ao preso, ameaças, promessas; dando-lhe mel pelos beiços, descompondo-o. Trabalho perdido. Dolan não dava sinal de si. Até que por fim o levaram por ali fora e atruzaram com elle no calaboiço.

Dali a minutos compareceram Downey e Cunningham. Uma olhadéla revelou ao chefe que o não podiam elucidar, quanto ao paradeiro da quantia roubada.

— Vocês têm qualquer desconfiança do sitio onde pára? indagou o chefe.

— Não, senhor chefe; mas tenho uma ideia mais que assente do sitio onde elle não está, retorquiou Downey, arreliado. Não se acha lá no coio. Não nos ficou uma polegada de espaço por esquadrinhar, nem um só objecto que não desmanchassemos em bocadinhos. Ali, nem raça; escondê-lo-ia antes de o filarmos.

— Bem, levem a gente de que precisarem e não arredem pé de lá, — fôram estas as instrucções do chefe Mallory. — A proposito, um de vocês que traga á minha presença a mulher do Dolan. Estou convencido de que não meteu mão na empreitada, mas talvez saiba qualquer coisa, e eu cá, sei puxar pela lingua ás mulheres.

O detective Mallory apregoava o prediçado, como se fôra uma prenda de que devesse ufanar-se.

— Agora, o que nos resta fazer, é apanhar á unha o dinheiro. Fica a meu cuidado o conservar incomunicavel o patife do Dolan.

— Que elle sempre haverá probabilidades, sugeriu Downey, de um espertalhão como o Dolan se ter valido de uma carta

em cifra, ou de qualquer observação indirecta, afim de a informar de onde pára a quantia, dado que ella o não saiba, e temos que ter cautela com isso.

— Tem-se cautela, declarou Mallory com enfase. Ao Dolan, por enquanto, não se lhe consentirá o falar seja com quem fôr, nem mesmo com o proprio advogado. Pode vir a fraquejar, mais tarde.

Foi, porém, correndo dia atrás de dia, e o Dolan sem dar sinaes de fraquejar. A mulher, neste comenos, fôra capturada, e submetida ao «terceiro grau.»

Concluida a referida prova, o detective Mallory convencera-se de que era inteiramente alheia ao roubo, e de que não tinha a minima ideia quanto ao paradeiro da quantia.

Dolan requisitou meia duzia de vezes licença para lhe falar ou escrever. E de cada vez recebeu negativa peremptoria.

Jornalistas, com inspiração ou sem ella, tinham buscado o dinheiro baldadamente; e a policia andava na investigação dos factos e gestos de Dolan, desde o momento da aparição deste nos degraus do predio onde residia.

Esperavam, por este meio, alcançar indícios de onde elle escondera o dinheiro, visto que a ideia de elle estar escondido no coio fôra posta de banda. O Dolan restringia-se a não abrir bôca.

Até que, finalmente, um dia, o Hutchinson, reporter, procedeu a uma busca minuciosissima no coio do Dolan, pela quarta vez, e depois dirigiu-se á Estação policial, para conferenciar com Mallory. Emquanto elle ali estava, compareceram o presidente e dois directores do banco victimado. Estavam arreliadissimos.

— Haverá quaesquer vestigios do dinheiro? indagou o presidente.

— Ainda não, respondeu Mallory.

— Ouça lá, não poderíamos conferenciar com o Dolan, uns minutos?

— Quando nós não conseguimos sacar-lhe coisa nenhuma, que vão lá fazer os senhores? replicou o detective. E dahi, isso em nada pode prejudicar. Venham comigo.

O Dolan não deu mostras de lhe agradar sobremaneira a visita. Assomou ás grades do calaboiço e pôs-se á espreita. Apenas quando lhe apresentaram o presidente do

banco, pareceram interessá-lo os visitantes.

O interesse assumiu a fórmula de um riso de mofa.

O presidente trazia qualquer coisa importante na ideia, percebia-se, e procurava o melhor modo de a expressar. Falou baixo uma ou duas vezes com os companheiros, e o Dolan, curioso, a observá-lo. Até que por fim se voltou para o prêso.

— O senhor admite haver roubado o banco? perguntou.

— Nem é preciso negá-lo, replicou Dolan.

— Muito bem; e o presidente hesitou um instante. O conselho dirigente reuniu, esta manhan, e falando em seu nome, desejo comunicar-lhe alguma coisa. Se acaso nos informar do paradeiro da quantia, faremos a diligencia, depois de a rehavermos á mão, por lhe reduzir a pênna a metade do tempo. Por outras palavras, o senhor não deu trabalho á policia, segundo me consta, confessou o crime, e tudo isto, juntamente com a restituição da quantia, ser-lhe-á levado em conta, proferida a sentença. O maximo da pênna, ponhâmos que sejam vinte annos, conseguiremos reduzir-lha a dez, se recuperarmos o dinheiro.

O detective Mallory não parecia estar muito convicto. Avaliava, ao que parecia, a futilidade do prometimento, mas nem palavra. A proposta sempre pode vir a dar em resultado qualquer solução, como ponto de partida.

— Não me cheira: declarou Dolan, finalmente. Estou com vinte e sete annos. Vêm a perdoar-me, para ahi dois, por bom comportamento — e venho a apanhar, efectivamente, dezoito. Ao cabo desse prazo de tempo apanho-me á solta com cento e nove mil dollars, e fico rico para em quanto viver e podendo retirar-me do officio, aos quarenta e cinco annos. Por outras palavras, em quanto estiver de gaiola, é como se estivesse a trabalhar, com um salario redondinho a valer, — coisa que merece bem a pena. — Não haverá muito individuo apto a retirar-se aos quarenta e cinco annos.

O presidente avaliou devidamente o que havia de veridico naquella declaração. Era o ponto de vista de um homem, para quem a prisão nem por isso envolve uns terrores por ahi além, — de um homem resignado a

permanecer em clausura, pelo espaço de dezoito ou vinte annos, por certas considerações. Voltou-se para os dois directores e puseram-se a cochichar todos três.

— Mas vou dizer-lhe o que tenciono fazer — disse o Dolan, após uma pausa. — Se os senhores assentarem em me arranjar só dois annos, por exemplo, prontifico-mo a restituir-lhes metade da quantia.

Produziu-se um silencio. O detective Mallory pôs-se a passear pelo corredor, fora do alcance da vista do prêso, e chamou á puridade o presidente, com um aceno de cabeça.

— Annuam á proposta; insinuou. E' possível que elle ceda.

— Mas se não ha possibilidade em se conseguir?... Que acha?

— Não, com certeza, respondeu o detective; mas digam-lhe que sim. Apanhem-lhe o dinheiro, se puderem, que nós, ao depois, mais por aqui mais por acolá, têmo-lo na unha.

O presidente ficou-se a olhar para elle, pasmado, vagamente indignado com a deslealdade do alvitre; mas venceu a cobiça.

Voltou a acercar-se do postigo gradeado.

— Concordamos, senhor Dolan, declarou, de chofre. — Estabelecer-se-lhe-á uma sentença de dois annos, a troco do dinheiro.

— O Dolan esboçou uma risadinha.

— Está dito — respondeu elle.

— Se me dessem uma sentença de dois annos, e se um advogado de nome arranjar as coisas de modo que o caso não possa ficar sujeito a revisão, declaro-lhes aonde podem ir buscar a metade.

— Já se vê, contudo, que tem de no-lo declarar primeiramente; replicou o outro.

— O Dolan pôs-se a rir á escancara. Era uma risadinha socarrôna, insinuante, acusadora, como se dissessemos, informando o presidente do banco de que o contemplado ludibrio estava desmascarado. O presidente entupiu, por instantes, vermelho como um pimentão.

— Nada feito, declarou o Dolan, e sumiu-se na penumbra do calaboiço, como se o caso deixasse de o interessar em absoluto.

— Mas — mas — é que nós precisamos do dinheiro, desde já! gaguejou o presidente. A quantia é avultada, e causou-nos grave transtorno.

— Muito bem — respondeu o Dolan, como que por demais. — Quanto mais de pressa eu apanhar os dois annos mais depressa a apanham também.

— Mas como se poderá... assentar?...

— Isso é lá com os senhores.

E disse. O presidente e os dois directores do banco fôram por ali fóra, a arder com a decepção. O presidente demorou-se um bom pedaço, no gabinete do chefe Mallory, para desabafar.

— De acordo que foi um acto brilhante por parte da policia, a captura do Dolan, declarou causticamente; mas para nós não nos aproveitou em coisa nenhuma. O que eu sei, em conclusão, é que ficámos sem uns cento e nove mil dollars.

— Palpita-me que assim será, assentiu o detective; a não ser que os venham a encontrar.

— Pois sim — mas por que é que o senhor os não encontra?...

O detective Mallory teve que desistir do assumto.

Que faria o Dolan do dinheiro? perguntava ao professor von Dusen o Hutchinson, reporter. O insigne homem de sciencia e logico inexcédível estava refestelado, com a cabeça encostada a uma almofada e a entortar os olhos para o vacuo.

— Não se acha no predio. Tudo indica que o escondeu em outro sitio.

— E a mulher do Dolan? indagou o professor, naquella sua voz perpetuamente irritada. Parece-me concludente o ella ignorar de todo onde se acha a quantia.

— Foi submetida ao terceiro grau, expôs o reporter — e se o soubesse tê-lo-ia declarado.

— E ella residirá ainda no predio?

— Não, senhor. está em casa de uma irman. — E os aposentos dos conjugues estão fechados e trancados — quem tem a chave é o Mallory. Elle tem procedido com o maximo cuidado. Não se tem consentido ao Dolan o falar ou escrever á mulher, com receio de que elle lhe declarasse onde escondeu o dinheiro; nem lhe permitiram o communicar com quem quer que fôsse, inclusivé o advogado. Elle viu-se com o presidente do banco e com dois directores, mas é natural que lhes não desse recado algum para a mulher.

O professor, sem dar palavra. Para ali esteve cinco, dez, vinte minutos, com os dedos compridos, esmagriçados, juntos ponta com ponta, a envesgar os olhos, pasmados, para o tecto. E o reporter, paciente, á espera.

— Com certeza, — reatou finalmente o professor, — cento e nove mil dollars, ainda mesmo em notas grandes, fariam um masso de imenso volume, e muito difficil de esconder, num aposento que tem sido esquadrinhado de fio a pavio. Podemos supôr, portanto, que não se acha ali. Que é que os detectives souberam com respeito aos actos do Dolan, desde que este praticou o roubo até o momento em que o prenderam?

— Coisa nenhuma, respondeu o reporter, nada absolutamente. Dir-se-ia haver-se sumido pelo chão abaixo, por uns tempos. E esse intervalo aproveitá-lo-ia elle para sumir o dinheiro. Urdira optimamente o seu plano.

— Haveria probabilidades, certamente, mediante as simples regras da logica, em não nos mexermos daqui, e fixarmos terminantemente o paradeiro da quantia, mas levaria muito tempo. Principiariamos pela ideia, por exemplo, de que tencionava fugir. As respostas a estes quesitos, até um certo ponto poder-nos-iam esclarecer, quanto ao sitio provavel onde se encontra o dinheiro, pois lembremo-nos de

que se deveria achar onde estivesse accessivel, em caso de fuga. O processo, não obstante, seria morosissimo. O melhor, talvez, seria levar o proprio Dolan a confessá-lo.

— Seria, se elle o confessasse, concordou o reporter; elle, porém, é mudo a ponto



DOLAN NÃO DEU MOSTRAS DE LHE AGRAVAR SOBREMANEIRA A VISITA

de exasperar, assim que se menciona o dinheiro.

— Naturalmente, observou o sabio. Mas pouco importa. Não tenho duvidas quanto ao elle informar-me a semelhante respeito. Nessa conformidade, o reporter e o pro-

fessor fôram procurar o chefe Mallory. Encontraram-no engolfado em funda abstracção. Ergueu os olhos para os intrusos, com alívio, por assim dizer. Sabia intuitivamente do que se tratava.

— Se fôr capaz de desencantar onde elle encaixou o tal dinheiro, senhor professor, eu... eu... em summa, o senhor pode lá!

O professor envesgou a vista para os olhos do agente, pensativo, e os cantos da rectilínea bôca descaíram-lhe com expressão reprobativa.

— Prefigura-se-me que terá havido, talvez, um excesso de cautela, chefe Mallory, declarou. Não ponho duvida em que o Dolan não deixará de me informar de onde se acha a quantia. A mulher, segundo me parece, encontra-se absolutamente falta de recursos?

— E' certo, foi a resposta. Está ás sôpas da irman.

— E elle tem-se farto de pedir que lhe consintam escrever-lhe ou falar-lhe?

— Tem, duzias de vezes.

— Bem, ora suponhâmos que o deixam falar com ella? sugeriu o professor.

— Ora essa! Morrendo por isso está elle, resmungou o detective. Se chega a falar com ella, estou certo de que, deste ou d'aquelle modo, por palavras, gestos ou olhadelas, não deixará de a informar de onde se encontra o dinheiro. Actualmente, contudo, sei que ella o ignora de todo.

— Pois bem, se elle a informar, não nos informará a nós, também? perguntou o professor com certa impaciencia. Se acaso o Dolan se empenha em dar a conhecer o paradeiro da quantia á mulher, por que é que o não deixam falar com ella? Elle que lhe dê a informação desejada. E ousa afirmar que, se ella fôr bastante sagaz para interpretar uma palavra emitida com referencia ao assunto em questão, eu, por mim, não o serei muito menos.

O detective pôs-se a pensar no caso.

Estava farto de conhecer aquelle ginja do nosso sabichão da cabeçorra desconforme; e sabia, alias, dos assombrosos resultados atingidos pelos métodos, divergindo em absoluto daquelles de que se valia a policia. No presente caso, todavia, duvidava, francamente.

— Faça o seguinte, continuou o profes-

sor. Mande vir aqui a mulher, e deixe-a passar pelo calaboiço do Dolan e falar-lhe, de modo que elle saiba que é ella; depois, deixe-a manter com elle conversação, mas sem que elle lhe ponha a vista em cima. Trate de se intender com um taquígrafo, sem que nenhum delles esteja sciente; que vá assentando a quanto elles disserem, *ipsis verbis*. Passe-me para a mão uma copia da palestra, e veja se entretem a mulher, um pedaço, afim de que eu tenha tempo de estudar o caso um tanto ou quanto. No caso de elle lhe dar uma deixa, descobrir-lhe-ei o dinheiro.

Não resumbrava o minimo vestigio de pessoalidade no tom rabujento do ginja. Dir-se-ia meramente uma exposição de factos.

O chefe Mallory, de olhos postos na cara chupada do logico, vacilava entre a duvida e a expectativa, até que por fim consentiu na experiencia.

Mandou vir a mulher, que acudiu pressurosa, collocou um taquígrapho no calaboiço contiguo ao do Dolan, e a mulher foi levada através do corredor. Quando parou em frente do calaboiço do Dolan, este estremeceu, e investiu para ella soltando uma exclamação. Depois levaram-n'a um pouco fóra do alcance da vista do marido.

Com o rosto comprimido de encontro aos varões do postigo, Dolan espipava os olhos para o chefe Mallory e para o reporter. E nos olhos lia-se-lhe uma expressão de terrível ferocidade.

— Que destino tencionam dar-lhe? perguntou.

— Dolan, Dolan! clamava a joven.

— E's tu, Isabel? perguntou elle por sua vez.

— Disseram-me que querias falar comigo, expôs ella.

E arfava, ferinamente, tentando sacudir as mãos que a continham fóra do alcance da vista do esposo.

— Que trica é essa, Mallory? perguntou o prêso.

— Você não disse que desejava falar com ella? replicou Mallory. Pois ahi a tem, fale. O que não pode é vê-la.

— Ah! Elle é isso, hein! rosnou Dolan. Para que fô, então, que a trouxe aqui? Vem debaixo de prisão?

— Dolan, Dolan, interpôs a voz da mu-

lher. Não me deixam chegar ao alcance de nos vêmos.

Produziu-se instantaneo silencio. O reporter, oprimido pelo sentimento de que estava presencendo, a seu pezar, uma tragedia familiar, foi indo, em bicos de pés, para o ponto para onde se desviara o professor, fora do alcance dos olhos afuradores do Dolan. O professor, a conjugar as pontas dos dedos, e dali a nada, o detective a vir ter com elles.

— Isabel, voltou Dolan a chamar.

Era um murmurio, quasi.

— Não digas palavra, Dolan, offegava a joven. O Cunningham e o Blanton têm-me agarrada; os outros estão de ouvido á escuta.

— Não desejo dizer-te seja o que fôr, respondeu o Dolan com todo o socego.

— O que eu queria era vêr-te. Quero saber se vaes indo sem novidade. Ainda lá estás em casa?

— Não, fui para casa de minha irman; foi a resposta. Estou sem dinheiro, não posso ficar vivendo lá na casa.

— Vão pregar comigo por ahi além, não sei se sabes?

— Sei; e havia como que um soluço na voz. Assim o não soubesse!

— E que apanho o limite — vinte annos?

— Tambem sei.

— Podes ir-te remediando? indagou Dolan. Poderás fazer qualquer coisa da tua parte? insistiu elle, solícito.

— Farei a diligencia, foi a resposta. Ai, Dolan, Dolan, para que havias tu?...

— Mau, deixemos isso, atalhou elle impaciente. Não remedeia nada o estar a carpir coisas passadas. Não foi isto que eu projectei, minha filha, mas é assim mesmo, e tenho que aguentar. Tenciono alcançar a atenuação dos dois annos, por bom comportamento, e depois...

Havia no tom da voz uma ameaça, que não passou despercebida aos que o escutavam.

— Dezoito annos, — ouviu elle lamuriar a Isabel.

Por instantes, os labios de Dolan comprimiram-se, rigidos, e naquelles instantes lastimava elle uma coisa, — lastimava não ter morto o Blanton ou o Cunningham, antes do que submeter-se á prisão. Sacudiu a ira com esforço.

— Não sei se jámais me consentirão que te veja, — disse com desespero, — enquanto eu me negar a declarar-lhes onde é que pára o dinheiro; e sei que nunca me permitirão que te escreva, com medo de que eu te diga onde o escondi. E, portanto, percebo que será esta a despedida. Custa-me, a valer, rica filha!

Ouviu-a chorar e arremeteu contra a grade, furibundo. Passou-lhe de repente. Não devia esquecer que ella se achava sem recursos, e o dinheiro... aquella imensa riqueza!...

— Uma coisa ha que tens que fazer por minha causa, Isabelinha, disse elle, já mais socegado. Lá essa obra da choradeira não adianta mesmo nada. Vê se espertas e espera — espera por mim. Dezoito annos não é nenhuma eternidade; ambos estamos novos, e... Mas deixemos isso. O que eu queria era que fôsses lá ao coio e — sabes — o meu casacão côr de castanha, de inverno?

— Bem sei. O velho? perguntou ella.

— Tal qual, respondeu elle. Faz um frio dos diabos, nesta cafúa. E tu, assim que elles te soltarem, vae lá a casa e vê se coses ao casacão aquella farpa grande, por baixo da manga direita, e se m'o mandas. E' o ultimo favôr que te peço, provavelmente, até daqui a muito tempo, e por isso, vê se m'o fazes, ainda esta tarde.

— Pois sim, sim, respondeu ella, lacrimosa.

— O rasgão é na folha interior da manga direita, e não te esqueças de o coser, — insistiu o Dolan. — Quando eu fôr chamado ao tribunal, é possivel que tenha occasião de te vêr, e, então...

Pôs-se de pé o professor e espreguiçou-se um quasi nada.

— Eis tudo que nos é necessario, chefe Mallory — declarou. — Conserve-a debaixo de prisão, até eu lhe dizer que a soltem.

O Mallory fez um aceno ao Cunningham e ao Blanton, e lá foram carregando com a mulher, num berreiro. O reporter estremeceu algum tanto e Dolan, sem perceber o que se estava dando, atirou-se ás grades do postigo, tal qual uma féra na gaiola.

— Gabo-lhe a esperteza, amigo; rosnou assim que bispou o chefe Mallory. — Pensava, talvez, que eu lhe ia dizer onde estava

o dinheiro? Isso, nicles — e perca a esperança de o vir a saber — nem daqui a um milhar de annos.

Acompanhado pelo professor e o reporter o detective voltou para o seu gabinete: lam calados, todos três, mas o chefe, de vez em quando, tentava ler nos olhos do professor.

— E agora, senhor Hutchinson, já sabemos onde pára o dinheiro, declarou o professor, muito socegado da sua vida. — Vá alguém, imediatamente, á morada do prêso, e traga o casacão a que elle se referiu. Estou persuadido de que o segredo se relaciona com o casacão.

— Mas se dois dos meus agentes já revisitaram o tal casacão? protestou o chefe.

— Isso não quer dizer coisa nenhuma; refilou o sabichão.

O reporter abalou sem replicar.

Dali a meia hora, ei-lo de volta com o casacão. Era um traste vulgar, com bastante uso, e a precisar de concerto, não só na folha interior da manga, senão que ainda por outros sitios. O professor, quando o viu, abanou a cabeça, abruptamente, como se fôsse, á justa, aquillo que esperava.

— O dinheiro não pode ahí estar, ia apostar a cabeça! declarou o chefe Mallory, peremptoriamente. — Nem cabia ahí.

A Máquina pensante vibrou-lhe uma olhadela, em que havia um toque de compaixão.

— Bem sabemos; replicou elle; que o dinheiro não se acha no casacão. Mas não lhe ocorre que é mais que possivel a existencia de um papel, em que o Dolan tenha escrito onde é o esconderijo? Não lhe ocorre o elle ter pedido com tanto empenho este sobretudo, — que é tão inferior ao que agora usa — com o fim obvio de atrair sobre elle a atenção da mulher? Não vê que foi o unico objecto definido a que elle se referiu, sabendo que havia todas as probabilidades em não lhe consentirem o tornar a vê-la, Deus sabe até quando?

Assim, pois, o casacão, costura por costura, foi absolutamente desmanchado. Cada peça, a seu turno, submetida a exame minuciosissimo. Mas sem resultado, O chefe Mallory, francamente, declarou ser méro trabalho perdido; e quando a prenda se achou reduzida a retalhos de fazenda e de fôrro, propendia a alardear triumpho. O professor cada vez mais meditabundo.

— A coisa far-se-ia com mais antecipação, — cogitava o sabio, e naquello zimborio, que lhe supria a testa, principiou a delinear-se uma pauta de rugas.

— Ah! senhor Hutchinson, tenha a bondade de ir ao tal coio, revolva as gavetas da máquina de costura, ou o açafate respectivo, e hade encontrar um novêlo de fio côr de castanha. Queira trazer-m'o.

— Como é que o senhor sabe que existe ali um novêlo dessa côr? indagou o detective.

— Sei-o porque o nosso amigo reporter m'o vae trazer; revidou o professor. — Sei-o pelas mais rudimentares regras da logica.

O reporter meteu por ali fora.

Dali a meia hora estava de volta com o novêlo da côr indicada.

Os dedos lividos do professor von Dusen aferraram-n'o com ancia, e os seus olhos vesgos, aguados puseram-se a examiná-lo. Uma porção da linha havia sido gasta, o novêlo achava-se reduzido a metade. O nosso sabio notou, contudo, — e nos olhos a luzir-lhe o triumpho — que o rotulo em ambas extremidades do carrilho estava ainda no seu logar.

— E agora chefe Mallory — disse elle — vou demonstrar-lhe que, no caso do Dolan, a policia se está vendo a braços com um homem muito além de ladrão vulgar de estabelecimentos bancarios. Olhe para isto!

Raspou a canivete os rotulos de papel e espreitou pelo buraco do carrilho. Por instantes, leu-se-lhe na fisionomia o maximo espanto e extrema decepção. Depois, pôs o carrilho em cima da mēsa, e envesgou para elle os olhos, em silencio absoluto.

— Deve de estar aqui — disse por fim. — Forçosamente! Alias, por que é que elle?... Pois ja se vê! — Com dēdos velozes pôs-se o desdobrar a linha. Vara atrás de vara a desenrolar-se-lhe na mão, até que finalmente, na camada dór de castanha, despontou uma tira branca. Acto continuo, a Máquina pensante ostentava na mão uma folhinha de papel, dēlgadinha como uma mortalha de cigarro. Fôra enrolada no carrilho e o fio dobrado por cima, tão liso e tão egual, que era impossivel o perceber que tinha sido desdobado.

O detective e o reporter, pendurados por cima do hombro do sabio, a observarem a manobra, no auge da curiosidade. — Desdobrou-se a mortalha do cigarro — apresentava um dizer escrito a lapis. O professor fôï-o decifrando, de vagar.

— «47, rua de Causeway, rez-do passeio — decima lage, contando da esquina — nordeste.

E ali se achou o dinheiro — 109,437 dollars. O predio achava-so devoluto, e muito perto de um caes, donde largaria dentro em breve um vapôr singrando para a Europa. Com meia hora de antecipação, Dolan encontraria facilidade em recobrar a quantia, e isto sem despertar de modo algum as suspeitas de quem quer que o andasse vigiando. Visto que uma loja de bebidas, contigua, abria para um saguão, nas trazeiras, e uma janéla escangalhada lhe proporcionava facil acesso ao seu thesouro.

— O raciocinio do Dolan era o seguinte; opinava o professor — ainda quando lhe não permitissem o tornar a ver a mulher,

esta não deixaria de se servir do carrilho, e com o andar do tempo viria a encontrar a direcção, afim de topar com o dinheiro. Além disso, opinava que a policia nunca viria a suspeitar de que um carrilho encerrava o segredo de que ella andava em busca, tanto tempo havia.

A sua conversa com a mulher, tivera por fim unico atraír-lhe a atenção para qualquer coisa que a levasse a fazer uso da linha côr de castanha. Apenas lhe ocorreu o casacão. E eis quanto se deu, na minha opinião.

O Dolan recebeu, sucumbido, a triste surpresa, quando lhe deram a noticia de se haver encontrado o dinheiro. Mas nem por isso o abandonou um certo estoicismo filosofico. Olhou, espantado, para o chefe Mallory, ouvindo a historia com absoluta incredulidade, e afinal, voltou-lhe as costas e foi-se sentar na enxerga.

— Lavre lá dois tentos, chefe Mallory — nunca o julguei capaz de lhe dar volta. E caso é que lhe fico a dever um chapeu.

Versão do inglês por MANUEL DE MACEDO.



Segundo S. Matheus



Pintado e repintado, n'essa idade,
Na do limite, no dizer d'agora,
Deixa a hedionda mulher, que te devora,
E te expõe aos motejos da cidade.

Eu não te digo que te mettas frade,
Que uma vida nas sombras apavóra,
Mas, como o rei de Thule, deita fóra
O pando cangirão da mocidade.

Não lês senão romances, mas também
Devêras lêr um pouco os Evangelhos,
Que nos conduzem suavemente ao bem.

No mundo ninguém segue os bons conselhos;
Mas, ouve o que diz Christo: «Não convem
Deitar o vinho novo em ôdres velhos.»

João Penha.





A esquadra inglesa! Não evoca, essa estonteante acumulação de couraças e canhões, a historia, o imperio, a força, o orgulho da Inglaterra?

As grandes potencias mundiaes

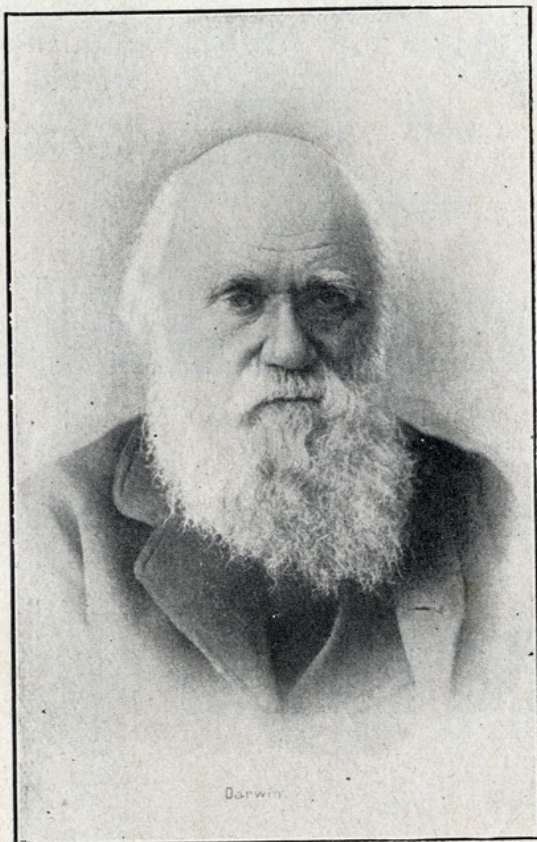
I — A Inglaterra moderna

A importancia do seu conhecimento para Portugal — Um monstro

Portugal é inconscientemente arrastado por uma civilização que desconhece. Tendo colaborado para a sua formação pelas suas descobertas e conquistas ultramarinas, viveu comtudo sempre dela afastado. Quando na Renascença se esboçou, uma infiltração do espirito europeu, o jesuita pressuroso precipitou-se a detê-la, cadeverisando a patria viva mas estafada, que, balbuciando os seus primeiros vagidos produzia — Camões e Albuquerque. A Revolução francesa, ao estalar, — solavanco enorme que convulsionou o mundo — veio despertar a nação adormecida quando as bayonetas napoleonicas espiçaram o seu corpo inerte. Então do novo

universo que se lhe deparou aos olhos estre-munhados da sua catalepsia secular, só apreendeu o aspecto externo, importou formulas apenas; continuou a desprezar o espirito. A vida recrudesceu, com ella a imitação inconsciente. Portugal veio desembocar na crise original e formidanda do seu viver contemporaneo. Procurar assimilar o espirito da civilização moderna é tentativa que se deve impôr a todos. Para isso o conhecer na sua vida propria — intima e profunda — as grandes potencias que formam e dirigem essa civilização é para Portugal necessidade impreterivel. Dêmos nós o exemplo, procurando rapidamente esboçar o caracter nacional dessas fortes individualidades, em face das quaes — nós portugueses — não passamos de creanças com pretensões a homens.

A Inglaterra domina a civilização moderna, colaborou intensamente para ela com homens, ideias e factos. O seu conhecimento portanto impõe-se em primeiro lugar. E



DARWIN

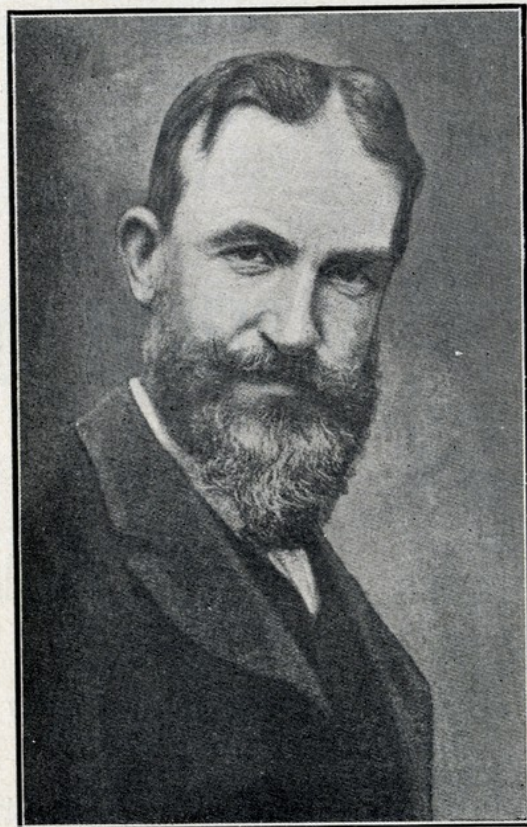
Uma das maiores e das mais bellas figuras de sabio do seculo dezanove; a sua explicação dos phenomenos da vida traduz as características essenciaes do genio inglês: a selecção natural, a concorrência vital, a lucta pela existencia.

desde logo, ao lançarmos um olhar para um planisferio observando o imperio inglês e lembrando-nos como se formou, como se desenvolveu e como agora se nos apresenta, encontramos nele qualquer coisa de estranho, de original, de incoherente, de contradictorio, de antagonico, de monstruoso... Monstruoso! — eis o verdadeiro termo que o define. E' portanto dum monstro que vamos tratar.

O aspecto do monstro

Um monstro pois! tal é a Inglaterra. O seu imperio é tudo quanto ha de mais es-

tranho. E' o maior de que reza a historia e que existe no mundo. E' maior do que foram os imperios orientaes, do que foi o imperio de Alexandre, dos romanos, de Carlos Magno, dos Incas, dos Azteques, de Carlos Quinto e o de Napoleão; é maior do que o imperio da China, que o da Russia. Dos 144.110:600 kilometros quadrados que mede a superficie emersa da Terra 29.734:000 são ingleses; o mar todo é seu. Dos 1:500 milhões de homens que povôam o globo 400 milhões são ingleses. De 794 milhões de pessoas que falam as linguas indo-euro-



SHAW

O critico corrosivo de todos os valôres moraes da Inglaterra contemporânea: a propriedade, a familia, o casamento, o patriotismo, a religião, a moral corrente.

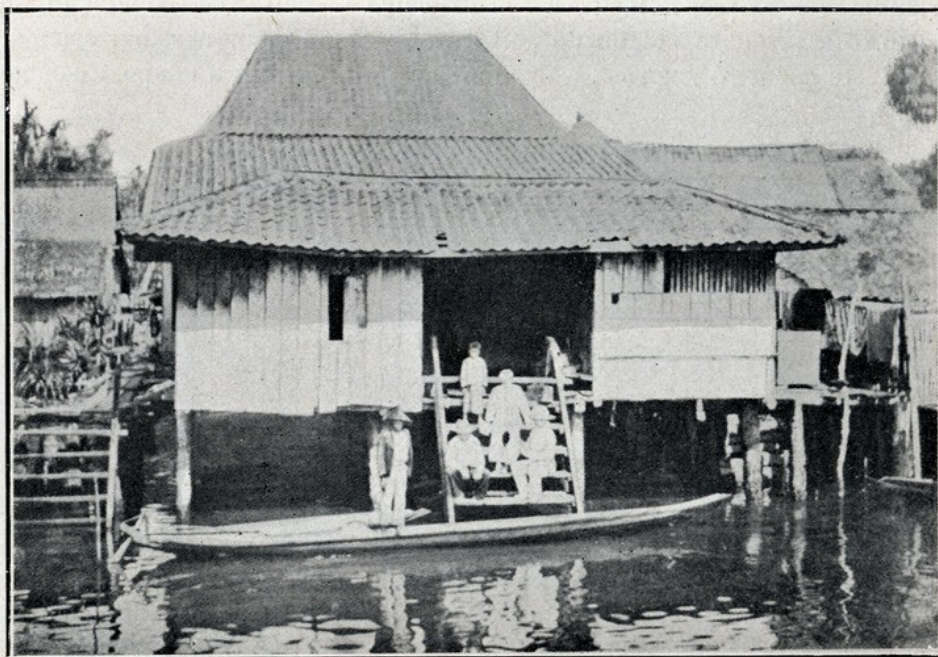
pêas, 124 milhões falam inglês. Sendo o maior imperio que tem existido, é o menos consistente. Disperso em todas as partes do globo, apresenta uma diversidade espantosa de educação, de climas, de tradições, de leis, de costumes, de religiões, de governos.

O seu pavilhão côr de sangue é saudado pelos povos os mais diversos: europeus, asiáticos, malaio, australianos, polinesios, arabes, pretos, vermelhos... Sendo o menos consistente é o que mais extraordinário, intenso, variado e constante dominio tem exercido em todos os pontos do mundo. Economicamente impera. O seu commercio é de 1.762:520 milhões de libras — é um colosso; nenhum se lhe compara; 11:517 navios mercantes, propriedades suas, trazem-lhe de toda a parte as ma-

terias primas e os alimentos de que necessita. Em poder industrial nação alguma o eguala. E' o banqueiro universal. Intellectualmente domina. Os seus grandes homens, as suas ideias, as suas descobertas e invenções honram a humanidade. Deu-nos Shakespeare, Cromwell, Bacon, Newton, Stuart Mill, Peel, Locke, Cobden, Wilberforce, Nelson, Disraeli, Watt, Byron, Darwin, Hobbes, Wellin-

gton, Harvey, os Browning, Ruskin, Adam Smith, Newman, Stephenson, George Eliot, Milton, Gladstone, Thomson, Faraday, Dickens, Hume, Carlyle, Jenner, os Pitt...; deu-nos: o parlamentarismo, a machina a vapor, a lei da gravitação, o radicalismo político, a lei de Malthus, o aço, o imperialismo, o potassio e o sodio, o capitalismo, a locomotiva, a lei da selecção natural, o sport, o industrialismo, o conhecimento da circulação do sangue, o movimento operario, o neo-catholicismo, o livre cambio, o pragmatismo, a lei de Greasham, o macadam, a sociedade protectora dos animaes, etc., etc.

Tanta riqueza, tanto poder, tanta superioridade assenta numa massa enorme faminta, embrutecida, agitada, contradictoria, violenta, resignada. Em Londres, na Irlanda, todos os dias morre gente por não ter que comer, arruinada pelo alcool, pela tuberculose, pela sífilis; na India a fome ceifa milhares de creaturas. Entretanto, *lords*, *cervejeiros*, *snoobs*, milionarios emfim, abarrotando de tudo, suicidam-se fartos de gozar. Um capitalismo forte, empreendedor,



A Biblia transformou no seculo xvi o caracter da Inglaterra.

Nos cantos mais longiquos do Universo, o inglês assenta para o dominio efectivo a espingarda, para o dominio comercial os panos de Manchester, para o dominio espirital a Biblia. Que haverá de mais curioso que este armazem de religião estabelecido entre povos primitivos, lá nos confins da terra?

vê irromper movimentos operarios formidaveis em face dos quaes tremem os alicerces da sociedade. Povo mais accentuadamente guerreiro jámais se viu e é no seu seio que mais violentamente brotam correntes pacifistas. Povo mais utilitarista existiu alguma vez? e comtudo continuos movimentos religiosos teem porventura irrompido em qualquer parte como em Inglaterra? Uma filantropia profunda e sincera — pulsando em corações cheios de amor — encontra-se ao lado do mais sordido egoismo, da mais vil ancia de dinheiro. A grosseria mais animal ergue-se junto da mais distincta delicadeza.

A mulher mais divinamente bella e mais requintadamente pura acha-se ao pé da mais disforme e abjecta prostituta.

Viu-se lá nunca um imperio assim! A' testa de todo este poder, expressão mais completa de tanta força, de tanto contraste, concentração de milhares de concentrações está Londres: um mundo. Tem mais população do que Portugal, tem 19 vezes a de Lisboa, mais catholicos do que Roma, mais judeus do que a Palestina, mais escoceses do que Aberdeen, mais galêses do que Cardiff, mais irlandeses do que Belfast. E' o primeiro porto, é a primeira cidade do universo.

E este monstro enorme, estranho, gran-

baro introduzindo-lhe uma onda de sangue juvenil, uma plasticidade primitiva, espontanea, profunda. E' nesta fase do seu evoluir — mil e tantos annos depois dos primeiros alvares da Grecia, quatro seculos depois do apogeu imperial de Roma e do nascimento de Christo, cento e tantos annos depois do invasor barbaro, que os anglosaxões — uns povos barbaros — lançaram os alicerces da Inglaterra. Tinham vindo assentar a sua individualidade animalmente livre de germanicos nordicos sobre a massa celta da população, sonhadora e ingenua. Dominaram-na, como senhores fortes, e passaram o tempo a combater os normandos que



Casas de mineiros: ou, o que é, o que tende a sêr a organização do operariado inglês

dioso, unido num brado unisono e potente — arranco d'alma em que todo elle vibra — saúda a sua grande patria, a grande Inglaterra.

A historia do monstro

Como se formou este corpo colossal, original e estranho, contradictorio e antagonico. Como se formou o monstro?

Como todos os monstros, a Inglaterra começou por ser um ponto minimo e insignificante. Uma vasta e forte civilização envolvia-a. E comtudo ella — que não era nada — passou a dominá-la; tornou-se tudo. O que era essa civilização? Essa civilização iniciou-a a Grecia com a noção do homem livre, se bem que escravo da cidade, espalhou-a Roma conquistando um imperio, desenvolveu-a o christianismo libertando o homem da cidade e descobrindo-lhe um mundo novo — a alma; retemperou-a o bar-

continuamente assolavam as costas da ilha.

Foi tarde — no seculo XI — que Guilherme, duque da Normandia, já precedido por varias missões christãs, vencendo em Hastings as tropas anglo-saxonicas, introduziu o genio continental. Destes quatro elementos — celta, anglo-saxão, christão e francês — unidos pela situação insular do territorio, ia sair o inglês.

Organisada pelo genio poderoso do Conquistador emquanto a Europa se anarquizava pelo feudalismo, depois proclamando pela voz da sua nobreza aliada ao povo a Magna Carta, restringente do poder real e preparadora do primeiro Parlamento do mundo, — justamente quando no continente se esboçava o absolutismo, — a Inglaterra foi-se unificando. Os seus elementos combinavam-se, adquiriam uma forte tensão, iam irromper. A França seria o escoadouro. E' o destino do futuro monstro que vae ser posto em

jogo. A Inglaterra irá sair da sua ilha, abandonar o seu isolamento, alastrar-se para o continente, compartilhar da vida historica delle? Não! a França, invadida, reagiu — patria que se manifesta, que quer ser livre; — a Inglaterra teve de refluir para os seus limites insulares. E essa forte actividade, que se expandia, condensou-se: os seus elementos variados, heterogenios, violentos, chocaram-se, penetraram-se. Surge a guerra das duas Rosas, n'ella uma classe — a velha nobreza da Magna Carta — extermina-se, outra vem substituí-la: é a *gentry* rural da lã e do trigo — riqueza da Inglaterra que morria.

A nação passa a transformar-se em commercial e industrial. Um movimento proprio vago, de que Wiclef fôra o iniciador, rugue surdamente no sub-solo inglês; insurge-se contra Roma, — a mundana catholica —, insurge-se contra a corrupção da epoca. O continente vai fornecer os elementos productores da explosão; a Renascença e a Reforma. O primeiro desenvolve um forte naturalismo desregrado: é Henrique VIII, o sensual, o autoritario que se aproveita da adversão existente contra a Igreja romana

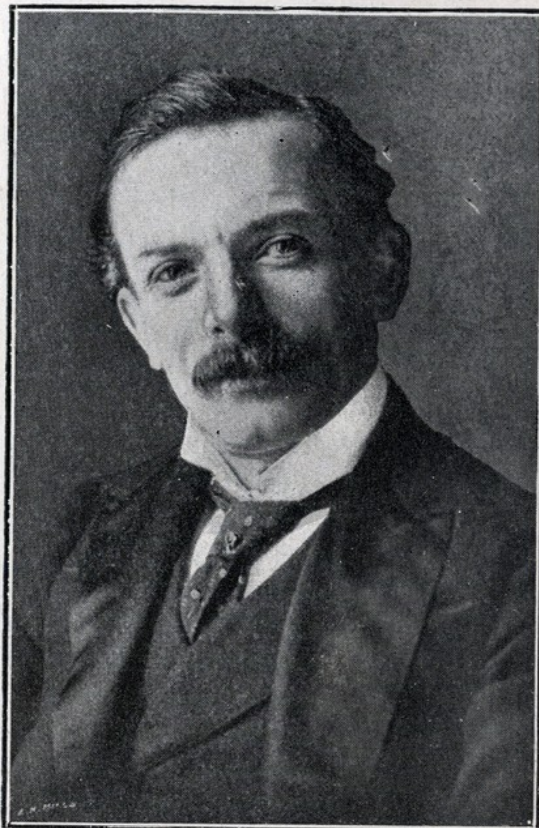


KIPLING

É o poeta glorificador do imperialismo, da força brutal da Inglaterra moderna

para a separar da inglesa; é Isabel, a pagã, a sceptica, a egoista, que vê a *Invincível Armada* ser desfeita a seus pés e que assiste ao primeiro desabrochar da expansão in-

glêsa; é Shakespeare, o genio, cinzelador da alma inglesa de então — agitada e esplendida, grosseira e delicada; é Bacon, o theorico do methodo experimental. O se-



LLOYD GEORGE

Encarna na politica o aspecto moderno do puritanismo, essa doutrina, essa vida, que produziu a Inglaterra metódica, colonisadora e grande radical, não conformista, democrata com tendências religiosas, partidario da paz defensor da temperança, Lloyd apresentou o celebre orçamento socialista que traduz uma das suas mais fortes aspirações: a confiscação gradual da propriedade individual em proveito das corporações municipaes e dos concelhos locais.

gundo desperta o movimento vago que borbotava no seio da Inglaterra e torna-o a forte corrente religiosa e democratica, a que se chamou puritanismo — condensação de toda uma actividade secular que a Inglaterra tinha ido creando nas entranhas do seu ser e que lhe fôra negado expandir nas terras cheias de sol da França. Um rei procura oppor-se á corrente — a sua cabeça rola sobre o cadafalso. O naturalismo da

Renascença, que se opunha, é abafado, a leitura de Shakespeare é proibida. Cromwell surge, severo e grave, presentindo a futura grandeza expansiva, lança com a conquista da Jamaica, com o Acto da navegação, com a guerra contra a Hollanda, as bases sobre que ha de assentar o poderio do monstro. A celta, a catholica Irlanda revolta-se: é esmagada sem piedade. Outro rei volta a afrontar os sentimentos da nação: não é morto, é expulso.

O equilibrio então restabelece-se. A crise finda. O habitante da Inglaterra deixa de ser celta, anglo-saxão ou francês: passa a ser inglez. Milton canta-lhe a sua alma mistica, energicamente sentimental; Locke formula as idéas que, transplantadas para a França, irão constituir em parte a poderosa alavanca com que se havia de levar a cabo a maior revolução dos tempos modernos.

A esta crise seguiu-se um grande abatimento. A passagem do seu character agricola para industrial e commercial modificou completamente a velha organização. Grandes prados tinham vindo substituir as pequenas propriedades de outrora. Os campos foram se despovoando, as cidades desenvolvendo-se. Aparecêra o operariado. A Inglaterra começava assim a ter de viver á custa da agricultura estrangeira. A *gentry* ambiciosa — senhora do poder — aproveitou-se das novas circunstancias e transformou-se em oligarquia. Dividida em dois partidos politicos, intrincheirou se em estreitas circumscrições eleitoraes e apossou-se do Parlamento. O puritanismo victorioso decaiu na hipocrisia. Os costumes tornaram-se grosseiros. A criminilidade aumentava continuamente. A literatura acompanhou a materialidade do tempo artificializando-se. Comtudo na sciencia apparecem nomes gloriosos como os de Newton, Halley, que annunciam já a ilustre pleiade do fim do seculo.

Nesta tranquilidade interna em que jazia, gosando da victoria que tivera, a Inglaterra adquiria novas forças para novas expansões. E' a guerra da successão de Hespanha, é o tratado de Methuen, é a tomada de Gibraltar, são as victorias de Marlborough, é a reunião da Escossia, é o tratado de Utrecht. No meiado do seculo o methodismo e o industrialismo são os elementos novos que lhe veem multiplicar as

suas energias. O primeiro acorda o movimento religioso adormecido, o segundo accelera as necessidades de expansão. A Inglaterra, com a Biblia em punho, lança-se com vigor á conquista do mundo. O que lhe succederá agora? De novo o seu destino está em jogo.

A' voz de Pitt — ministro patriota á maneira antiga — a Inglaterra lança-se numa nova guerra dos *cem annos*, mas agora não é o seu territorio que ella ambiciona á França: são as suas colonias. A luta dá-se: mas desta vez a França é vencida. O Canadá e a India passam a ser ingleses. São mercados novos que se criam. A producção industrial aumenta. Descobertas mecanicas veem acelerar extraordinariamente a sua actividade já immensa. O regime da grande manufactura urbana apparece com todos os seus characteres: concentração de capitaes, divisão do trabalho, separação entre o patrão e o operario, fusão em um só ser do homem e da maquina. A miseria ergue-se formidavel. A *gentry* agarrada aos grandes prados da Inglaterra rural e ás suas estreitas circumscrições eleitoraes, cambalêa. Influenciado por todo este renascimento apparecem os prenuncios dessa grande revolução moral, intellectual, artistica, religiosa, que se chamou o romantismo. Então estala a Revolução francesa, que favorece os fermentos da liberdade existentes no seio da nação inglesa, que ameaça matá-la á fome fechando-lhe os portos europeus e pondo em risco as suas colonias. A Inglaterra assusta-se, dá força á oligarquia que encontra no segundo Pitt, o forte campeão da sua defeza. Uma luta formidavel vae travar-se: Napoleão encontra na sua frente um inimigo invencivel. As derrotas que lhe infligem Nelson e Wellington obscurecem o sol de Austerlitz: são Abukir, Trafalgar, são as linhas de Torres Vedras, é finalmente Waterloo — golpe de morte. O triumpho foi completo; a expansão enorme, novas colonias vieram juntar-se ás já existentes: o Cabo, Malta, a Ascensão, Mauricia, Seychelles, Ceylão, e a posse da Australia, em que já a Inglaterra se estabelecêra havia pouco, foi-lhe reconhecida.

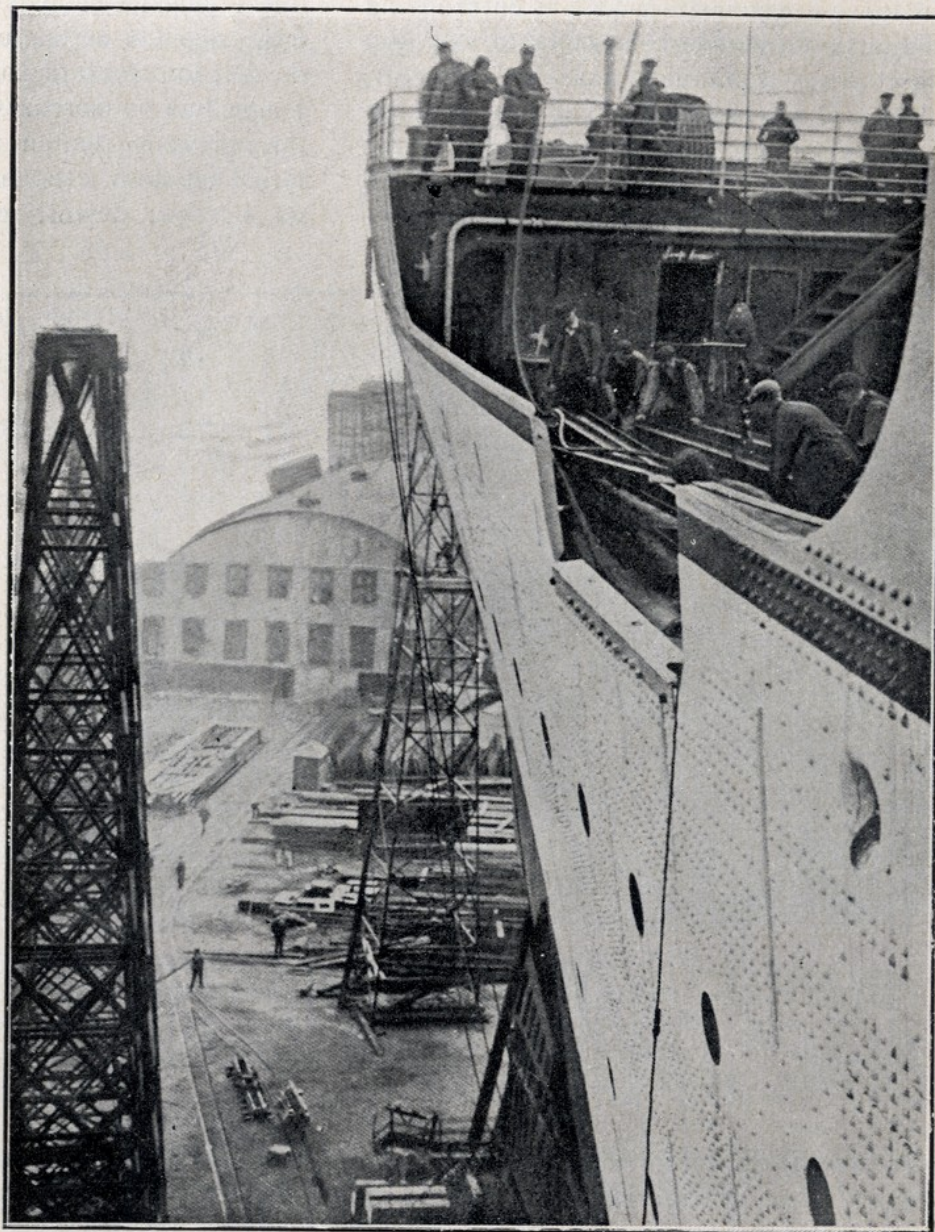
Entretanto uma nova crise estalou. O estado social da Inglaterra era incompativel com as novas necessidades que apareciam.

A carestia da vida, pelo forte protecçãoismo que tinha sido imposto, o defeituoso sistema eleitoral não podiam subsistir. Com o apoio do operariado formou-se o partido radical. Tumultos formidaveis deram-se. A oligarquia teve de transigir.

A data de 1832 abre uma era nova para a Inglaterra: uma lei eleitoral permite o acesso do Parlamento aos grandes industriais. D'ora ávante um novo movimento democratico vai acompanhar o forte movimento imperialista cada vez mais dominador e agora profundamente intensificado com o livre cambismo. O operariado organiza-se nas suas *Trade unions*, obtém o voto eleitoral, torna-se pouco a pouco uma força poderosa; intrincheirando-se nos seus sindicatos, vai-se preparar para entrar no Parlamento. Os partidos politicos passam a representar as correntes dominantes da nação. E são essas correntes que lançam a Inglaterra á conquista do mundo. Primeiro é a Asia que recebe uma invasão de Biblias e de productos industriais; a rainha Victoria é proclamada espectacularmente imperatriz das Indias. A Russia ameaça a expansão do monstro, a Russia é afastada. Depois, na Africa, a França ameaça tambem a sua expansão: a França submete-se.

O Transvaal encontra-se de permeio entre o Cabo e o Egypto, e o Transvaal é conquistado.

A Inglaterra alcançava o seu apogeu. Uma literatura, conciliando o aspecto idealista,



Um monstro marinho em terra. Esta gravura dá bem idea da altura vertiginosa dos grandes paquetes. Trata-se do *Olympic*, que ha pouco abalroou com um couraçado, o *Hawk*, tambem inglês.

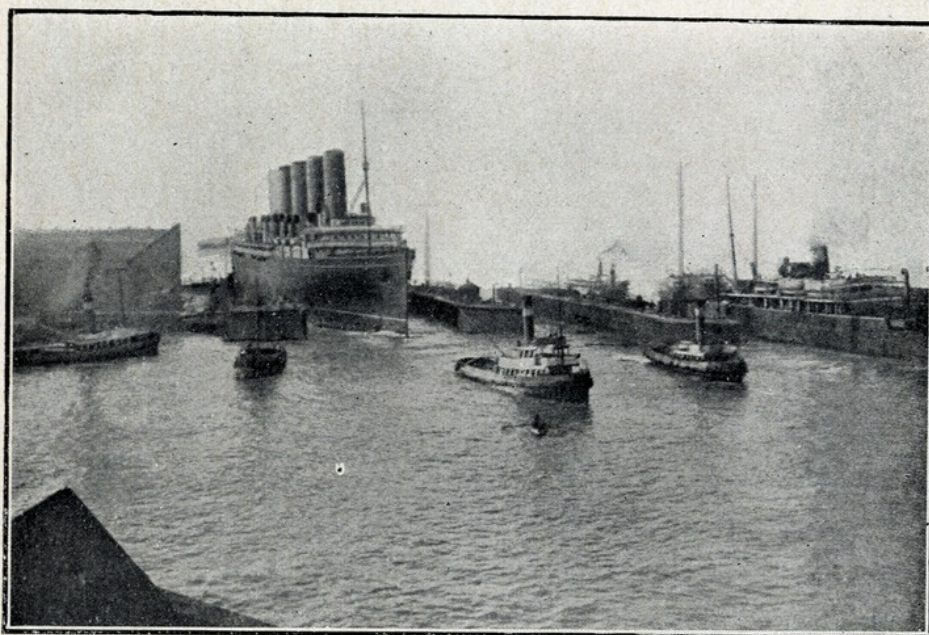
naturalista e social, acompanhara-o superiormente. Grandes nomes firmam-na, Tennyson, Browning, Rossetti, Morris, etc. Na philosophia apparece, Stuart, Mill, Green, Carlyle, Spencer. Na sciencia Darwin Huxley, Lyell, Tyndall, Faraday, Kelvin...

Comtudo obstaculos enormes irrompem. A Australia, o Canadá e o Cabo tinham-se tornado quasi republicas, apenas ligadas á mãe patria por um governador inglês, e separadas por interesses economicos opostos. Nações novas — a Allemanha, os Estados-Unidos — erguiam-se poderosas entrando na conquista do mundo e no emtanto ella — a Inglaterra — continuava a produzir, a crear, a lutar. O seu imperialismo acirra-se, a sua diplomacia impõe-se. Aparecem-lhes perigos enormes a atender, nas suas entranhas ruge o operariado e o monstro perseguido pro-

meiros, falta-nos fazer uma idea do terceiro e combiná-los para podermos tirar a sua resultante.

O clima torna a Inglaterra de todos os paizes do norte, um paiz áparte. O ar humido, pesado — até irrespiravel por vezes; o sol empaledecido pela nevoa, a obscuridade que em certas ocasiões abranda a luz do dia, impõe ao organismo amolecido o dilema: luta ou morre. O inglês preferiu lutar, primeiro tentou alargar o seu territorio nebuloso até aos campos fulgurantes da França; depois, repellido, refluio sobre

si mesmo e começou a crear-se. Converteu-se. Surgiu o puritanismo. O inglês vencêra. Os *animal spirits* são contidos e enfiados por uma disciplina forte. A raça aparece entre as nações civilisadas a primeira pela força fisica, pelo peso do corpo e sobretudo pela vontade. Vontade poderosa, dominadora, enorme! Condição da sua existencia. Exercitado o seu vigor, o inglês acabou por querer pelo prazer de querer,



A competição entre os dois imperios do Norte tem a sua representação pitoresca na rivalidade das carreiras para a America. Eis um colosso dos ingleses, entrando na doca em Liverpool. Ao ultimo lance destes responderam os allemães lançando á carreira o futuro *Europa*, leviatão de 60.000 ton. (V. os *Serões*, n.º 72).

cura uma saída ás dificuldades que o envolvem. E' uma nova crise que estala, maior do que todas aquelas que explodiram no seu seio, é a epoca moderna que aparece indecisa, problematica, ameaçadora.

A alma do monstro

Assim nasceu, assim se formou, assim se desenvolveu a Inglaterra moderna. Qual foi a causa propulsora de tudo isto? Quem fez a Inglaterra? O inglês. E o que é o inglês? O producto de varios factores. A raça, a historia, o clima. Já conhecemos os dois pri-

passou a amar o esforço pelo esforço. A natureza externa foi pois para elle uma escola de iniciativa que lhe serviu de modelo para as suas *schools*, para as suas *universities*, para os seus *sports*, quando a riqueza tornava desnecessario o trabalho. Entretanto o allemão metafisico pensava aprofundando o Sér; o francês, racionalista, abstrahia desprezando os factos.

Assim, com o privilegio d'uma vontade potente e em contacto com uma natureza viva, o inglês domina. Os requintes da sensibilidade meridional não o seduzem. A sua sensibilidade é concentrada, é obtusa, é

lenta; comtudo, quando irrompe, é terrível — é um vulcão que a neve cobre. Despresa as formas, as percepções são pouco delicadas, pouco vivas; só os sentidos vitaes adquirem uma grande energia. Do que resulta uma inferioridade notavel, racional e esthetica, inferioridade racional que faz com que o inglês produza por vezes trabalho inutil, que faz com que a sua acção se desperdice: é um touro que marra sem saber por vezes em quê; inferioridade esthetica que faz com que na Inglaterra não haja uma pintura, uma musica, uma escultura, apesar de se poderem mencionar grandes pintores, musicos e escultores. O belo torna-se um instrumento de emoção util, subordina-se á moral. Assim um utilitarismo feroz campeia, uma preocupação de dinheiro obseca a maioria — não é o dinheiro força, poder, dominio? «*Make money, my son; honestly if you can... but make money*»! (1) aconselhava, uma mãe escocesa ao filho que seguia viagem.

Este materialismo coexiste com uma profundo idealismo. A luta contra as circumstancias adversas do mundo externo uniu os ingleses numa estreita solidariedade: creou o ideal moral da raça. Nas corporações, na familia, a opressão de parte a parte não existe, o respeito mutuo predomina. Toda a autoridade é acatada religiosamente. Deus, a lei, a mulher, o *home*, são objectos do mais sincero culto. Em face d'elles desaparece toda a grosseria, toda a brutalidade e o inglês que não nos soube dar uma arte, soube dar-nos a melhor poesia do mundo, porque é a forma de expressão que mais convinha a sua concentração psicologica, ao seu feitio espontaneo, primitivo, infantil.

O estado actual do monstro, os seus problemas

Esta grande e gloriosa Inglaterra chegou finalmente, nos nossos dias, á mais colossal e grave crise que jámais a sua existencia registou. O monstro impellido pela corrente enorme da sua produção não pode mais parar. E comtudo concorrentes poderosos

atacam a sua industria, ameaçam o seu commercio, conquistam imperios que se chocam com o d'ella, que procuram desconjuntá-lo por uma atracção superior. Primeiro os Estados Unidos — um filho seu, — nação nova, cheia de vida, rica em hulha, em minas metaliferas, productos em que ele o monstro, fora senhor supremo; detiveram nas Americas o seu commercio, ameaçaram-nô nas proprias colonias, passaram a



O caricaturista alemão pinta um facto culminante no progresso da corrente democratica da Inglaterra moderna. A camara dos lords tinha o direito de veto sobre a legislação da camara dos commons, usando d'elle constantemente para impedir a promulgação de toda a reforma revolucionaria. O actual governo, appoiado na opinião publica, acaba de obrigar a propria camara dos lords a approvar o projecto de lei que restringe o direito de veto.

atacá-lo na Europa, na metropole até. A Allemanha, logo depois, constituido o seu imperio, desenvolve a sua metalurgia, a industria do carvão, a dos tecidos, cria productos chimicos — e entra em concorrência victoriosa com a industria da Inglaterra.

O monstro, em face do perigo, procurara encerrar-se em si, fortificar o seu imperio por meio duma forte muralha de direitos alfandegarios. Evitara todo o auxilio es-

(1) *Arranja dinheiro meu filho; honradamente se poder ser... mas arranja dinheiro.*

trangeiro — é o *splendid isolement*. Irrealisavel sonho: as colonias teem interesses que não querem sacrificar á mãe patria. O monstro, então, abandona o orgulho de se conservar forte e isolado no meio do seu imperio, e forma uma das mais poderosas ligações internacionais que jámais existiram: a aliança com o Japão, a *entente* com a França, com a Russia, que visa indirectamente o aniquilamento da Allemanha — a sua poderosa rival. Ele que sempre saiu vencedor dos inimigos que se opunham á sua expansão mundial, ira tambem agora desfazer-se deste ou encontrará finalmente um adversario invencivel? Tal é o formidavel problema economico-politico que se apresenta.

Por outro lado a sua velha organização social e parlamentar é violentamente atacada por um operariado forte e organizado que quebrou a unidade antiga dos dois partidos politicos — herança do passado, e ameaça derrubar os proprios alicerces da sociedade. E n'este caso não será o monstro a esfacelar-se em nações autonomas? Ou então conseguirá ele fazer o que democracia alguma ainda conseguiu — organizar-se plenamente? E' um novo problema que surge tão importante como o primeiro e cuja solução se impõe com uma urgencia maxima.

Mas a sua fraqueza moderna, toda esta crise em que o monstro se debate não será

afinal proveniente da inferioridade do seu espirito em face das exigencias do tempo?

As novas nações suas concorrentes começaram a adquirir a forte vontade emprehendedora, que fizera a sua grandesa, e aliavam-na á razão propria disciplinada scientificamente. A Inglaterra se quer dominar ainda, se quer viver não terá de modificar a sua alma. Conseguil-o-ha?

Este novo problema surge ameaçador e tão imperioso, que o proprio instincto vital da raça levanta-se energicamente. O povo que não quiz morrer quando a natureza externa o ameaçou de morte, sente de novo essa ameaça que o seu instincto lhe formula apresentando-lhe agora a propria alma como o inimigo a combater. Uma literatura original e poderosa — representada pelos vultos illustres de Wells, Meredith e Shaw — ataca violentamente o espirito inglês, o seu desdem pela intelligencia, a sua incapacidade critica, a sua docilidade em face das mentiras convencionaes, a sua rotina. Um forte movimento religioso afasta-se da severidade, da independencia, do prosaismo protestante e aproxima-se da exterioridade, do autoritarismo, da poesia católica.

Sairá o monstro victorioso de mais esta crise e continuará a fornecer ao mundo ideias, acções, invenções, descobertas e *homens* tão grandes, tão notaveis, tão originaes como os que tem fornecido até agora?

Outubro de 1911.

REIS MACHADO.





O jornal do mar

(Continuação)

IV

Pela manhã muito cedo — antes que a praia encha de frequentadores — ha sempre este periodo alegre para o banho das creanças que são «envergonhadas» ou medrosas, o qual é, das horas chamadas «da areia», a mais original e divertidamente agradável.

São breves horas passadas num vôo largo de vida, sem *snoobs* e sem *madamas* do baixo Minho, descobrindo as nuvens brancas do alto, que parecem correr a enxugar as cambraias humidas e rotas pelo orvalho da noite, e adormecendo um pouco ao marulho da agua, pelas ondas que vão e voltam, muito indolentes, da areia para as rochas e das rochas, mais anciosas, até ao nosso lugar.

E', em frente de nós, uma primavera de côr, de orvalho e de luz! . . .

E lá pelo corte esfumado e longiquo da barra vêm-se ás vezes, no amanhecer, formidaveis paquetes de tráfego, com os cascos negros deslisando na agua, e espreguiçando ao vento, tanto quanto a atmosfera o permite, a ban-

deira negra e longa do fumo da chaminé. . . Outras vezes são perfeitas caudas flutuantes de fusélas côr de cinza claro, que vêm, numa troça ardente e solta e elastica, passar e arquejar, num vôo, sobre as ondas mais proximas do areal; ou, então, garvosos grupos de lanchas que ao norte demandam a praia, com a colheita matutina da sardinha. E entre tudo isto o ar fresco, quasi languido, tudo harmonisa e reveste de graça. Todo o mar, a esta hora, não é menos azul do que o ceu.

Entretanto a gaiatada brinca e chora e rabuja, abrindo doidos leques de espuma quando tenta fugir ás mãos vermelhas e pesadas dos pescadores avisados, os quaes mergulham na agua meio corpo do seu vestido de brancêta felpuda e clara.

De cada lado nos surgem bebês rosados e gordos como leitões que, erguidos sobre as ondas e contra o peito dos banheiros, choram, mal deixam escorrer do nariz a agua salgada (agitando afflictamente todo o corpo cheio de roscas), e clamam, anciosos, pela «mamã», pela «Rosa», pelo pae ou

quaesquer outra das pessoas que distinguem, para que acudam áquele *perigo* cheio de prantos.

Simultaneamente, alguns outros vêm subindo o areal, já envoltos no lençol turco, mas gritando sempre, rabujando sempre, como para uma vingança de que se faz mistér. E a mim encanta-me esse ar aflito e grave dos paes que se levantam e que a um só tempo pretende repreender e socegar os petizes enrolados no feltro, sendo severos e carinhosos na sua tremura de voz toda singular: — *Menino!... Vá... Calou. Já não ha mais... Então, seu feio... Vae á mamã...* Porém, o mimo do garoto aumenta, e então o choro redobrava, os pesitos gordos sacodem-se, cheios de maldade, pela abertura do feltro branco e comprido.

Ah! mas os mais interessantes ainda são os que, ao colo da creada, junto á lona da barraca, recolhem com frio

de ave desnudam-se ao vento fresco da hora; os braços formam-se com uma carne rosada e tão fresca que parece de flôres; e no peito, esboçando um vigôr de formas que só vinte annos poderão criar, fixar, os dois peitos engordam com um raro carinho de beleza feminina.

E' por isso que o mar mais canta, doido de entusiasmo; e que esta hora nos parece mais ampla e mais livre, em toda a sua frescura.

Agora, quando todo o horisonte e todas as aguas se vêm iluminadas numa côr de azul diáfano, semelhante ao esmalte fresco de certos cristaes refratados pelo sol, com uma graça adoravel alguns bebês batem palmadas frouxas na tona anilada da agua flexuosa e quasi languida; e outros mais, para além de onde as ondas partem, vêm correndo e gritando, num momento estirados sobre o leito baloiçado das



os pés sapudos e côr de cravo, fazendo um bico de *Amôr* de porcelana e destilando, com receio, um fio de baba tímido, comprido e todo azul! Doiradas como marmelos, as suas cabeças cobertas duma leve penugem

vagas a amançarem, e dum só golpe estendidos, ou rojados pelo areal. Da primeira luz do sol — linda e reflétida nesse plano alegre e revoltado da maré — os seus corpos, todos molhados e trigeiros, iluminam-se, ao acaso, de

frescos tons de rosa e azul. São como largatos, inquietos e voando, os anéis de espuma que se alijeiram e enroscam em torno dos seus corpos elegantes de éfebos. E' assim que às vezes os vagos os surpreendem e os batem, nesse

quasi que ninguém passa. Ha em tudo um silencio e repouso deliciosos. Emfim: pode uma vez sonhar-se em plena rua e ainda á luz do sol, sem receio de que o sonho se interrompa de uma janela que se abre ou por alguma



floco de neve espanejando e correndo, quando, todas anciosas, tentam voar até ao cimo agudo das rochas e, inevitavelmente, se abatem sobre si mesmas — levantando em redor uma flora exótica de espumas.

V

Houve novena nas *Dôres*, ao fim deste dia, ha pouco mais de uma hora.

Sabem o que são novenas?

Eu sei e digo que gosto. Digo-o sem pejo e sem temôr de me contradizêr nas minhas razões anti-catolicas.

Gosto, pois; e na provincia procuro-as.

*

* *

Fui hoje ás *Dôres*, quasi ao fim da tarde, e só. Pelas ruas que nesta vila ficam para o lado norte, ao fim da tarde

pessoa que de acaso faça o cruzeiro do ar livre.

As ruas sós e cheias de sol, em terras estranhas, são de uma romantica felicidade. Eu, pelo menos sinto-o; e goso nas horas em que por elas vou muito vagarosamente... Fazem-nos bem esses logares tranquilos, onde, sobretudo, nòs temos a doce ilusão de parecermos a todos mais ou menos *estrangeiros*.

De todas as janelas cerradas; da côr alvadia dos predios pobres, embrexados entre os palacetes abazileirados da gente pomposa; de todo este ar de sonho e abstração que dá alma e attitude ás proprias folhas que a ventania, com a poeira, espalha; de tudo vem, sem duvida, um socego enternecedôr que nos conforta de muito atrito todo em sangue na nossa alma, de muita melancholia ganha das bondades e amissades mal retribuidas; emfim, de todos os nossos desgostos...

Fui vagarosamente, como quem vae

para se curar a si proprio ou para augmentar a sugestão do seu mal.

Mas *mal* de quê?

Nem eu sabia...

Gente que fazia renda e removia as agulhas da sua meia, sentava-se tranquilamente pelas portadas. Para ali já não se encontram albergues sujos de pescadores; vive, canta e trabalha, mais limpa e airosa, a familia operaria, que na provincia é rasoavel sob todos os pontos de vista moral, politico, educativo e domestico, porque é bondosa e interessante. Chega-se, mesmo, a ter-se-lhe amizade. Todavia as pessoas que se encontram são sempre poucas; e dessas o maior numero é o das mulheres que costuram dentro das suas alcovas pequenas, com muitos santos pelas paredes, duas jarras de vidro em frente do toucador envernizado, a machina da costura, o leito domestico, de catre alto, com ampla e fôfa coberta de renda de algodão, e á janela, correndo para o poleiro ou para o bebedouro, ao acaso, um pintaroxo traquina dentro da gaiola de arame muito antiga.

Por longos bêcos, por travessas alvadias que tinham na barra da janela o pote de serpão, caminhando sempre — quando cheguei lá acima, ao adro, entravam varias mulheres do povo, e entre essas algumas poveiras velhas, com a saia de saragoça sobre os cabelos recortados na fronte.

As aves cantavam cá fóra, ao sol, pelas mimosas de folha em renda. E lá dentro cantava-se... Vozes de mulheres, quasi infantis, entoavam melancolicamente um cantico, acompanhadas pela voz de um órgão suave...

Senti-me bem, nesse momento!...

Nunca assim tinha ouvido cantar, na minha vida! Parei, então, a escutar...

O largo estava deserto e uma melancolia enorme, obra estranha desta natureza de tortura em que me sinto preso, começou a envolver e a modificar a preocupação de me distrair, de ver, tão necessaria naquelas horas.

Não, eu nunca tinha ouvido cantar assim!...

Como se fosse uma evocação de velhos tempos e dos sentimentos passados, um estado dalma (pleno e perfeito e sugestional), vivia puro, completo, dentro daquela musica. De que me falava? Que sugestão trazia? Nenhuma... ou antes, uma grande e profunda sugestão, força convulsa que revolia mil coisas sepultas e obscuras e comoventes, dentro da minha alma, mas ás quaes era impossivel dar nome, palpar-lhes as fórmulas, destrinça-las, reconhece-las. Coisas tristes, abandonadas e profundas, que, creio bem, formam essa especie de vala escura e esquecida para onde vae rolando cada uma das pedras dos nossos desgostos, no produto amargo das penas cumpridas e dos ideais irrealizados, neste mundo...

Afinal... tudo saudade!...

*
* *

Cantava-se alto e longa e melancolicamente.

Na paz adormecedora do fim da tarde, a que não era estranho o sussurro longinquo das violencias e resonancias do mar, as arvores e a luz concentravam-se, com olhos de muita saudade, impressos na côr avermelhada daquele ultimo sol poente, que se espreguiçava e ia desmaiando... Do musgo negro das velhas pedras uma expressão de

pobreza e de dominio amargo, feria e commovia, a meio daquela paz quasi de sonho... O canto feminino e dorido da novena continuava... E o sol levantava mais, enfraquecia a seu desejo, como alguém que arrumasse a sua tenda ao fim de um arraial que foi alegre e se despovoára...

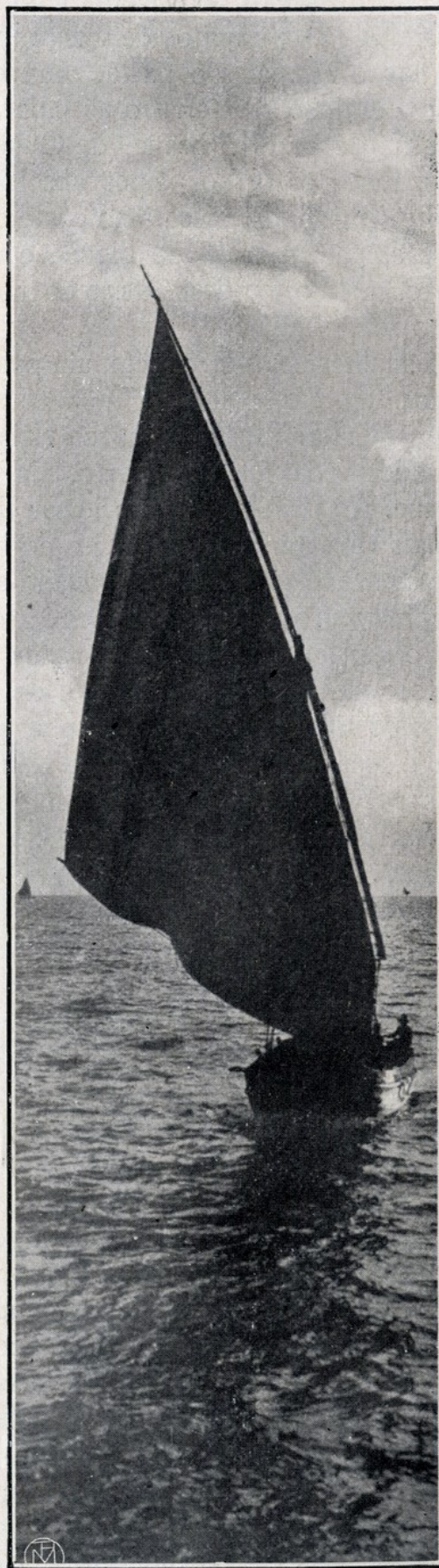
Vim descendo, a pouco e pouco, a ladeira. Pelo caminho, já a distancia, ainda se ouvia o côro de enlevação, que tanto bem me fizera. O gaz verde foi-se accendendo a espaços, com essa cêr de melancolia e de barraca de miseria, nas feiras, que tão profundas impressões de pena suscita. E eu entrei, contrariado, entre o rumor contundente da Baixa populosa.

VI

Ao domingo o poveiro anda na rua (pela sua terra) como os brasileiros num arraial: lentamente e gosando.

Pelas ruas todas — da *Lapa* e das *Dóres* ao mar — hei-lo que passa e que fuma, todo tranquilo, não tendo maior sensação do que a certeza de que o ar circula e o sol cobre os telhados... Veste de fresco e *de composto*: sapatos pedrezes de trança, boina hespanhola aos gomos verdes e brancos, casaco e calças de saragoça castanho claro, camisola de baetão negro, e dispensa as meias nos pés inchados das aguas salgadas com que de dia a dia moureja.

Não se dirá, no entanto, que entre esses poveiros e o cavadôr dos campos de Entre Douro e Minho existe uma extraordinaria diferença de tipo rustico. Hoje, que os vestuarios, como os cruzamentos de raças e de classes, já não repugnam á grey dos maritimos,



se substituíssemos, ao poveiro, a boina, a camisola e os sapatos de trança, por um largo chapéu de pasta, uma camisa de linho da terra e as chinelas grossas de bezerro branco de Guimarães, teríamos os dois tipos absolutamente irmanados, mesmo no corte das suíças, na ausência de bigode e um pouco, mesmo, no desmaneiro do modo como se vestem.

A mulher poveira, porém, um pouco menos.

As saias arrofegadas da sua vizinha lavradeira da Maia, é certo, ela as possui. No restante, porém, o seu tipo é mais característico do que o do homem; porque os casacos da poveira são sempre escuros e todos fechados e grossos; o seu lenço aperta-se ao redor do pescoço de um modo diferente do de todos os tipos de lavradeira, e a sua saia é, em geral, do mesmo ou de um mais pesado baetão que as camisolas do seu marido, de seu pai e dos seus irmãos.

*
* *

Caminhando fleugmáticamente pela rua — alto e truncado como uma figura modelada em sólido bronze — o poveiro tem a expressão de um indivíduo que goza, conscientemente, uma regalia de absoluto e orgulhoso direito.

A's vezes, com um filho miúdo pela mão — de gorra vermelha e camisola pedrez — esse homem alto sugere, num *boulevard*, um *touriste* inglês apertando nos dedos, comicamente, uma figura liliputiana. O pequeno — coitado!... — bamboleia a barriga, atropela os pesitos com de pão de centeio, faz a bocca em bico e os olhos meigos. O poveiro, porém, da superioridade do

seu tipo arrebanha, ás largas passadas, a figura chorinca do filho; e fuma, olha, impõe-se, como um animal nomada e estranho que a momentos tem zelos de confundir-se ou, melhor, de se tornar inferior entre os demais.

Porque o poveiro tem o orgulho da sua coragem e da sua independência. Ganha o pão pelo arrisco da sua vida; faz a sua aprendizagem pelo esforço próprio; a arte das suas velas e das suas redes foi ele que a criou; conclue, assim, que nada deve ás outras classes, quer material, quer politicamente, e, desse modo, ergue-se, orgulha-se, caminha resoluta e fortemente, sentindo-se, através toda a vida social, superior a todos e superior ao próprio amor da vida.

*
* *

Neste café onde escrevo e onde (diga-se de passagem) duas malditas bolas de bilhar me aturdem, vibradas pela cavalgada de um brasileiro prospero e pingado de berloques, estou a vêr passarem, além da portada que me fica fronteira — neste domingo fresco de setembro — uma serie de poveiros que aqui na sua terra, repito, caminham tão lentamente como um brasileiro e as *primas* no S. João de Braga.

Tipos de bronze luzente (mordendo o osso do cachimbo com uma fleugma admirável), o mento e o labio superior ficaram-lhes cinzentos da barbeada, como se fosse na pintura e arranjo de uma figura de terra-cota.

Nos grupos que passam vai o marido á frente, de mãos nos bolsos, fumando e arrastando os chinelos, indiferentemente. Atraz, a passo miúdo

e com as mãos como metidas contra o estomago, vão as mulheres, a trez e trez, cobertas pela cabeça com a saia negra de vinte prégas. E assim atraz de um grupo passa outro grupo, em procissão, não só pela manhã, mas toda a manhã e toda a tarde, até que á noite recolhem mais cedo, para cedo caminha-

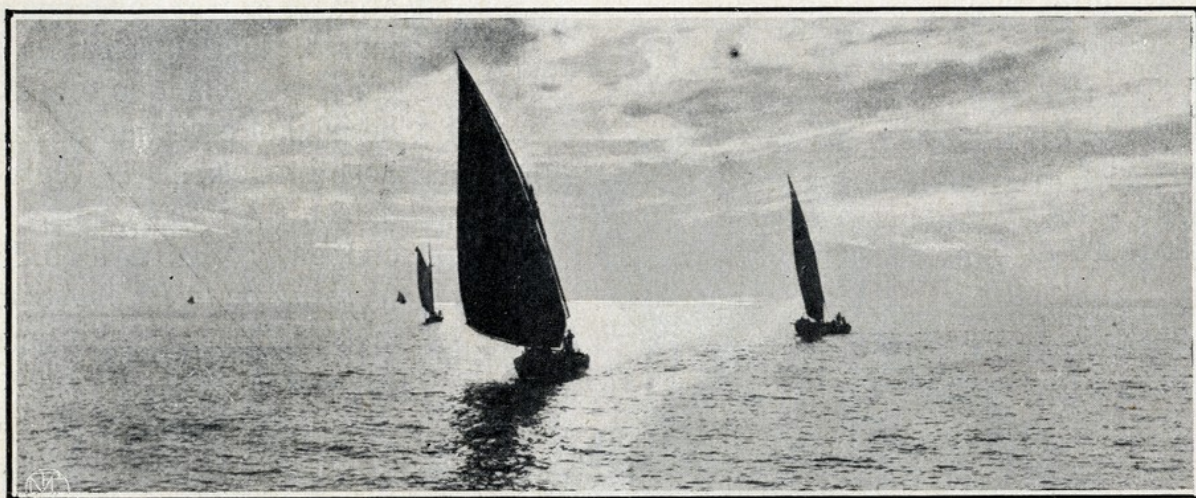
rem para o mar, na segunda feira, ao lusco-fusco, entre as nevoas.

Faz sol, agora. Um sol viçoso, alegre, que não é quente nem frio, mas sómente alegre, muito doirado e muito perfeito. O maldito brasileiro meteu a bola vermelha ao bilhar, e atira-se ás trez como que a murro. Num outro café, ali em frente, um tipo esguio, hespanhol e vestido de flanela branca, marca levia-namente ao piano um trecho da *Tosca*, e logo da *Verbena de la Paloma* e já, mais vertiginosamente, uma valsa solta, de musica leve e fresca, cheia do ar azul e da beleza do sol, que parece dançada, num jar-



dim de vivenda estival, pelas rosas e pelos silfos. Passam meninas inquietas, do seu banho regalado, desfrizadas e de vestidos azues e soltos. E enquanto o piano dá os primeiros compassos a uma dama hespanhola, num trecho des-

Porque eles são o orvalho e a côr!
E logo atravez os duros e estilizados gradeamentos do jardim, coleando para todos os lados, eles tem a graça e a originalidade de um vestido de chita, garrido, a estriar. Côres, muitas côres



envolto, sensual e original, digno dos terraços arabes de Sevilha, deixo as sugestões de volupia e de flores escarlates que essa musica me provoca e fecho esta epistola domingueira e inconsequente no mesmo instante em que mais um poveiro, vestido a rigor e seguido das classicas trez mulheres de escuro, passa e sopra para os outros, indiferentemente, o fumo cinzento do seu cachimbo curto.

VII

A' beira-mar os jardins são mais belos e mais atraentes, pela rasão de serem mais raros. Eles vivem a sua frescura e colorido alegre, estranho entre a planicie forte e arida dos areaes enormes, como certas creanças saudaveis e vestidas de garrido a meio de outras e muitas creanças que a doença e a tristeza tornaram simpaticas mas inertes...

por toda a parte — nas flôres de ervilha, nas dalias, e nas rosas — que são as ultimas. E então, ao fundo, dos alecrins e dos ramos dos limoeiros para cima, alçam-se logo as escadas de lioz, todas recurvas e suaves e polidas — ás duas margens do predio — como se fossem recurtadas em borracha e nunca pés humanos se tivessem trepado e sacudido...

De uma das colunas solidas onde embruxa o gradeamento ornamental do portão, pende — *indicativamente* — o cadeado da campainha barulhenta que os burgueses, por um acaso feliz, adotaram do uso senhorial e conventual. Mas quem não teme agitar, com mais vigôr, essas correntes suspensas, na duvida de que todas as janelas instantaneamente se abram e em cada uma surja a interrogação de uma cabeça, perguntando o que se deseja? Quem o não duvida?... E' verdade

que todos tentamos tocar o menos ruidosamente possível; e é verdade, também, que todos tocamos com algum temor... Quem será que nos aparece?...

Em seguida um homem vem, horte-lão musculoso, de tamacos, as mangas e as calças arregaçadas, crespos e a tufarem-lhe no peito (pela abertura da camisa) uns cabelos selvagens e aridos como a carqueja, e na mão, pendendo, aquelle enorme chapéu amarello, que os sóes cortiram como se fosse de bezerro.

— Salve-o Deus, senhor. Um creado de vossa senhoria...

Irto e retezando as cadeias, o esperado cão de Castro Laboreiro arremette, abrindo os dentes de agulhas de marfim num fucimho comprido e aspero, de lobo. O portão bate de novo. E logo se coleia por uma *avenida*, rente ao muro trepado pelas roseiras que já vão perdendo todas as pequeninas flôres amarelas de «Marechala». Por sobre as pedras do muro, em linha geometrica, corre ao longe um mar azul de aguarela, com algumas velas brancas e como de *yacht* levantadas e correndo no sentido de ajudarem o leme a fender as pequenas ondas que arqueiam na sua frente, vindas do sul. E seguem-se, então — dentro da frescura das folhas — os quarteirões desenhados em *coração* no debrum do buxo quadriculado; os bancos pintados de verde, porque passou a vassoura de junco e onde, teimosamente, uma ou outra folha amarela e secca descança a mandria; e dum lado e do outro, sempre o mais inesperado e originalmente possível, tufam-se aqui e ali maciços de flôr de hervilha, em rosa e branco, sobre a terra sachada e regada.

Ao fundo desses garridos, singelos e elegantes jardins do estio, da discrição das janelas corridas e erméticas até ao *bris-bris* italiano de renda creme, tudo expressa e fixa um mórno sentido de conforto, de solidez e de meiguice!... Lá dentro quem viverá?!... Oh!... nos acolchoados e comodos *divans* das salas de leitura — ecleticamente simples e modernos — visionam-se fortes mulheres de pele morena e doce, á meia luz de uma janela que impede a torreira do sol alaranjado, vestidas pela graça esplendida dos linhos encruados e frescos. Mas das plantas do terraço á louza negra



dos telhados, a luz do meio dia tudo incendeia e paralisa, como numa iminente e tragica insolação de elementos. E, nessa quietitude, canta, entretanto, argentinamente — ao friso de uma portada — um canario iludido. O estri-

dulo da ave doirada, devaneador e contente, como que todo o espaço impregna de uma alegria salutar, atractiva e, sobre tudo, despreocupada. «Cantem as aves de oiro, que toda a vida é um estio e um jardim cada um dos aspectos» — poderia ser esta a legenda sintética de uma grande obra critica acerca da nossa existencia afétiva. Nas aves, com efeito, uma ideal independencia resalta e se impõe — tão notavel, essa, que usa dizer-se, e bem, que pelo vôo e pelo canto das aves se sentiram as primeiras inquietações da vontade humana.

* *

Nesses logares de ábeira-mar, ante os pavilhões alçados e de uma grande nobreza exotica, as rosas são um mimo entre o verde aspero das folhas de silva; os cata-sões erguem, por sobre todos os maciços fôfos de verdura, a sua flôr em *pão de ló*, recortada e pesada; e os jardins, na hora quieta, clarificam-se lindamente, pelo sol, como vistos atravez um cristal.

E então, no lugar onde os caramanchões se estofam numa vegetação acamada e afogada até ser rasteira de verde, ao centro do tanque glauco e ondeado pelo jato da agua, em arco, dois meninos de barro cosido travam do braço, resguardam-se do sol e urinam presentemente para a bacia debruada de flôres.

Oh!... que pecado incivil... tão digno de uma egloga!

Mimi, a esposa de sete annos sente-se feliz com aquele *Zéca* da mesma idade que troça das flores e do alinhamento do jardim fidalgo, urinando para o meio da taça do tanque, na impossibilidade de urinar para o meio de tudo

e talvez para a cara brasileira e trigueira dos proprietarios.

E ali se enleia os dois, sorrindo e troçando entre o segredo das folhas que encobrem e que se empoálham de sol.

Sómente, ás vezes, as damas passam e surpreendem-nos. O mesmo sorriso e a mesma tranquillidade, irreverentes, ficam vivendo e troçando em face das senhoras que então param, sem maus pensamentos... E *Mimi* ainda lhe trava e braço e ergue o chapéu de zinco, pintado: e *Zéca*, com os calçotes arregaçados e os suspensorios lançados ao hombro, continua repuxando em arco para o meio do tanque, a principio com vergonha, depois com ousadia e certa covinha de mofa picando-lhe a bochecha gorda.

Mas, dispersando pelo jardim, outros encantos de côr prendem os olhos, em toda a parte. O mar, ao longe, continua correndo naquela mesma linha que o muro alto geometricamente traça e sustenta. Passam, ás vezes, ondas alegres de gaivotas, num requebro de corpo todo indolente e harmonico. E para um lado erguem-se minúsculas canas da China, todas arvorecidas de multiplices e pequeninas folhas côr de lacre; lá adeante — meiga entre a verdura espontada e humida — dispõe-se um quarteirão portuguez de *boas-noites*, tinto de vinho e branco; lá apparece, mais alem, um molho galante de *canas indicas*, cuja flor amarela e sardáda de fogo daria uma bela estilisação de capital igipcio; e as *resêdas* amarelo doente, que ficam bem quando apertadas no decote de um corpete; e os *amôres-perfeitos*, entretidos á sombra, de que as raparigas da minha

terra tanto gostam; e as heras a treparem por todos os troncos, que ha quem diga que são «palavras»; e os vasos semeados, os *mangericos* de flôr azul, as *dálías* vermelhas e despenteadas, as *begonias* em côr de prata e

E areias seccas e ardentes e perturbantes, começam a espriar-se desde onde os muros vedam esse pomar de sonho e graça que são os jardins.

De cada lado, mordendo o olhar,



fosco, as *sécias* vestidas de roxo e a murta triste e sem perfume — tudo floresce ao sol!

A'beira-mar os jardins são mais bellos, pela razão de serem mais raros. . .

ora vive o oceano quasi quiêto e onde a luz do sol como que reflete cristaes; ora a monotonia das areias caminhando em leguas e leguas de praia arida, das quaes se exala um calôr de forno, pesado e abafado, que entorpece. . .

E' como que o perigo de todo o solo em combustão interna — sequioso, asfixiante e insaciavel.

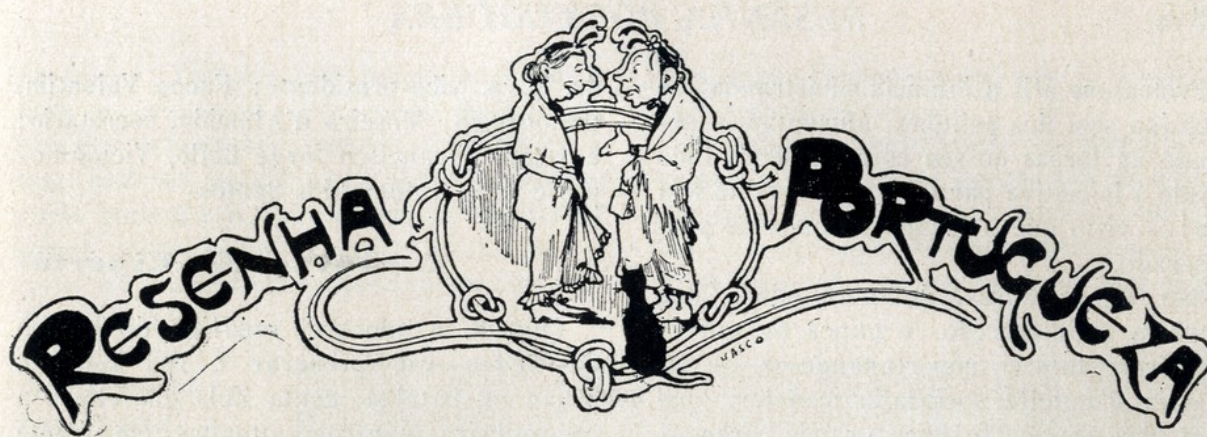
Para os retalhos alvaiados do burgo, ao longe, faiscam sobre o vermelho dos telhados largos e derrubados, os globos azues e doirados das claraboias, ao gosto arabe. Copas verdes

de laranjeiras, sobre alguns muros caídos, mostram ainda ao sol os fructos quentes. O ar é de fogo. E na esteira do oceano -- aguarelada e quasi dormente — algumas velas viajam e ganham, ao longe, sob a atmosfera congestiva e cinzenta, o seu pão torturado de cada dia.

(Conclue no proximo numero.)

ALFREDO GUIMARÃES.





Nilo Peçanha

Lisboa teve a honra de receber a visita do dr. Nilo Peçanha, uma alta individualidade da politica brasileira, e que exerceu no seu paiz o subido cargo de presidente da Republica.

Muito insinuante, intelligentissimo, abrangendo os acontecimentos n'um rapido relance, possuindo uma vastissima collecção de conhecimentos, de tal maneira os assimila, Nilo Peçanha não teve em Portugal — e registo-o com pesar — o agasalhamento a que as suas qualidades, o seu talento, o seu enorme tino administrativo tinham direito.

Personalidades d'esta ordem devem sempre ser acolhidas com o maior affecto, a todas as classes se impõe a obrigação de receber esses hospedes com a maxima cordialidade, levando a recordar a phrase do Imperador da Allemanha indicando o explorador Nansen:

— Nunca esqueçam, meus filhos, que acabam de ver um homem!

Associação Protectora das Creanças

Entre as boas instituições que a philanthropia creou entre nós, deve-se contar a Associação Protectora das Creanças, que, contando 27 annos d'existencia, infelizmente, não é tão conhecida como tinha direito, tantas são as provas que n'esse longo periodo deu d'altruismo e generosidade.



PESSOAL DA LEGAÇÃO DO BRASIL

Da esq. para a dir: Dr. Oscar Teffé, Nilo Peçanha, Arthur Teixeira de Macedo, Belford Ramos, Diogo Teixeira de Macedo e Joaquim Clington.

Protege-se alli a infancia ministrando-lhe o ensino sem fins politicos, alimentam-a segundo as forças do seu cofre, e sendo tudo devido á iniciativa particular — bemdita seja ella! — visto que o Estado só paga ao professorado.

São 84 creaturas, de tenra idade, que recebem a instrucção, e nunca os governos viram ante si, importunando-os, as direcções d'aquella sociedade modelar, que teem uma enorme fé, uma grande coragem, não as atemorizando obstaculos.

Varios bemfeitores, solemnisando uma

da Silva, vice-presidente; Facco Valentim, thesoureiro; Moreira d'Almeida, secretario; e vogaes Francisco Jorge Bello, Victor Lopes e José Antonio dos Santos.

O couraçado «Liberté»

Quando a adoravel rapariga do campo de Sédan vae procurar o seu soldado, morto na batalha, conta Zola que ella e a companheira pararam attonitas em frente d'uma casinha onde, por entre as portas e as janellas, se viam soldados rindo... E

estavam mortos! A realidade, compartilhando com a phantasia, fez com que um navio, ao approximar-se em Toulon d'um bote do *Liberté*, onde se viam na amurada naufragos que riam de goso ao considerarem-se salvos, — como riem do barco phantastico que imaginou Poë, — notou com espanto que eram cadaveres...

Vulgarmente não costume occupar-me dos successos estrangeiros, a não ser quando os posso relacionar com os do meu paiz, mas um amigo que veio de Toulon contou-me factos tão extraordinarios e que não vi relatados na imprensa, que seria pena não os deixar aqui archivados.

Dou-lhe a palavra:

«Imagine que em minha volta, no bote, á mercê das ondas embravecidas, não havia mais que allucinados, que viam cousas extraordinarias no céu e nas nuvens. Um d'elles suppunha estar no theatro, assistindo a um baile, e arremessava beijos para as bailarinas. Porque inexplicavel mysterio tomam as nuvens, n'estes casos, a fórma de mulheres? Eu mesmo, embora a segurança do meu juizo, via distinctamente no céu uma formosa mulher a estender-me os braços. Os allucinados soffreram crises terriveis. Sete morreram loucos... Nove succubiram



ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DAS CRIANÇAS — JANTAR DE FESTA

data afflictiva ou de jubilo, em varios dias do anno costumam melhorar o jantar dos protegidos da associação, como aconteceu a 23 de setembro, em memoria do nascimento d'uma neta d'um dos membros dos corpos gerentes.

Que todos os que podem não se esqueçam d'esta benemerita sociedade, e não ficaria tranquillo se não deixasse aqui os nomes da commissão executiva, que com tanto desinteresse e abnegação tem trabalhado por essa sua filha dilecta e são os srs.:

Pires Branco, presidente; Estevão Ribeiro

ao frio... Quando uma lancha se dirigia a toda a velocidade para bordo do *Liberté*, um dos tripulantes, embora a distancia a que ella se encontrava, abriu os braços como para a estreitar, e, na sua alegria de doudo, atirou-se de cabeça ao mar...»

— Ah! os mortos! exclamava um dia o dr. Arantes Pedroso! Passar os dias a ver morrer gente!...

Os que conseguiram chegar a terra, vinham em lastimoso estado d'espírito e de corpo. Só um negro, que quiz ser o ultimo a sahir do navio, se conservava tranquillo, como se desse um passeio pelo mar socegadissimo, e pavoneava se satisfeito e orgulhoso porque lhe deram umas botas de polimento.

E ria-se, mostrando os dentes.

Era um monte de carvão sobre a recordação da catastrophe rindo, sempre a rir...

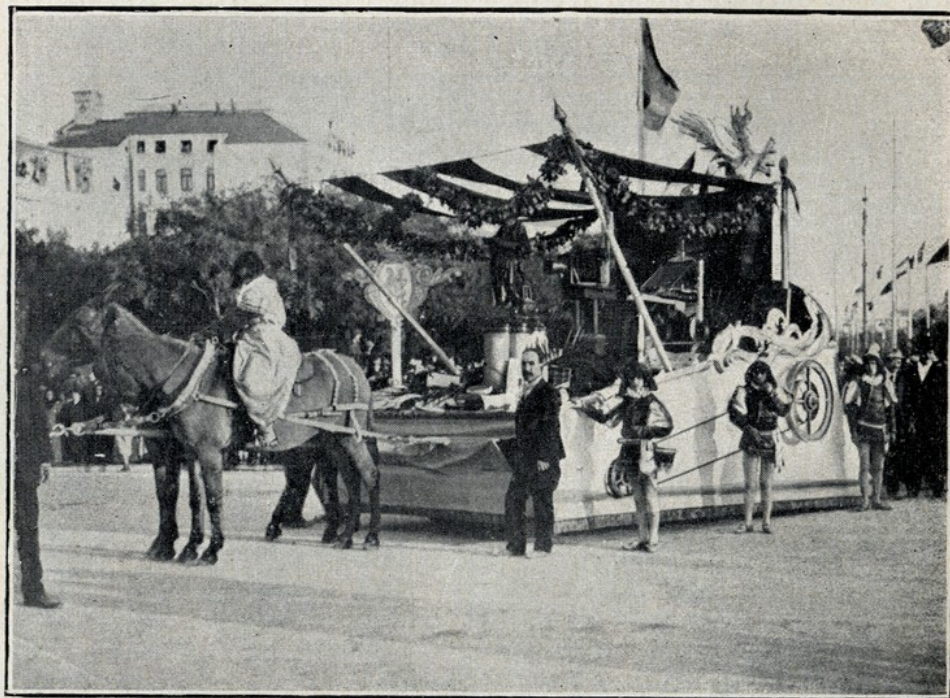
O anniversario da Republica

Para solemnizar o primeiro anniversario da proclamação da Republica em Portugal, annunciaram-se grandes festejos em Lisboa, e após o nomear-se uma commissão para pôr em execução o programma viu-se que era irrealisavel, porque só o cortejo historico demandaria cem contos de réis, e assim, se as ambições eram legitimas... os recursos é que falleciam bastante.

Não sendo uma só mão a dirigir, o resultado foi que o brilhantismo não correspondeu á expectativa, acontecendo o mesmo que já aqui deixei consignado: cada qual procedeu da maneira que entendeu, e na mór parte das ruas levantaram-se galhardetes, grinaldas de flôres de papel, tudo

sem arte, demonstrando bem o atrazo em que nos encontramos.

A falta de gosto como que assentou ar-raiaes, e em vez de concentrar os festejos em duas ou tres ruas, na Avenida, em chamar alguém que soubesse imprimir-lhe um cunho artistico, remunerando se esse traba-



CARRO DA IMPRENSA NACIONAL

lho generosamente, é claro, a derivação deu lugar a muitas ornamentações para se não aproveitar nada onde predominasse a esthetica.

As illuminações não produziram o resultado que se esperava porque abundando as côres vermelha e verde, que são absorventes, milhares de luzes que deviam dar um enorme clarão apresentavam apenas palidos reflexos.

Houve parada sendo as tropas ruidosamente victoriadas, distinguindo-se na marcha caçadores 5, assim como a marinha, que o povo adora, e alguns dos carros que acompanhavam o cortejo civico tinham o seu tanto de grandioso pela idéa.

O da Casa Pia era formado sobre um chassis d'automovel, erguendo-se ao centro a figura da Caridade sob a bandeira nacional, vendo-se no plano baixo o busto da Republica, instrumentos d'ensino, es-

phera, esquadro, e o mocho — o symbolo da sciencia.

Representava o do Commercio uma galera sulcando as ondas, com os emblemas do commercio. Na pôpa as divisas das Associações Commercial de Lisboa e dos Lojistas, cahindo dos seus rebordos colchas de seda de côr diversa, flôres, e ao centro, sobre fardos, caixas, fazendas e latas,

sente n'um pedestal, constituido pelos *clichés* typographicos cylindricos, em baixo uma panoplia formada pelo cabeçalho de varios jornaes diarios, rematados por uma grande paleta. Machinas photographicas, caixas, rolos e outros instrumentos, completavam a artistica ornamentação. Um docel erguia-se sustentado por quatro lanças com fitas pendentes. O carro era tirado por tres parelhas, e

acompanhado por seis figuras com trajés à epocha de Guttenberg.

O do Gremio Lusitano era todo azul e ouro, tendo ao centro um obelisco sobre o qual se via o globo terrestre.

Tambem era curioso o dos Correios, todo formado d'apparelhos telegraphicos e postaes.

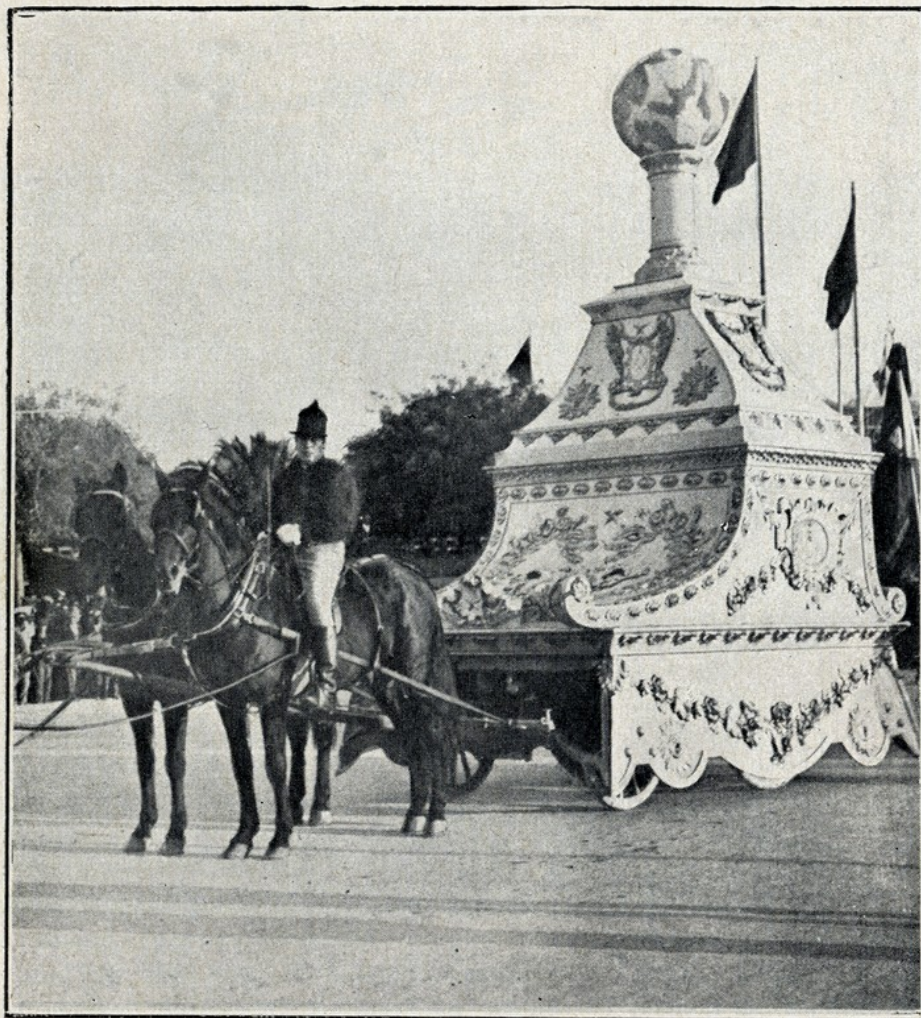
Ouvi algumas pessoas dizerem que o programma executado era d'uma monotonia desesperante. Parada, illuminações, fogos d'artificio, cortejos, na verdade não teem nada de novo.

Mas o que é que se poderia fazer para entreter o regosijo publico? Não é talvez muito facil d'achar.

E essa minha convicção guardo-a já ha annos. A ultima vez que estive em Paris, foi nas vespersas do 14 de julho, e encontrei alli um d'esses homens que censuravam a Republica por lhe faltar imaginação e engenho.

— Como transformaria o programma da festa nacional? respondeu-me. Muito simplesmente! Primeiro... está a escutar-me?

— Dou-lhe toda a attenção.



CARRO DO GREMIO LUSITANO

sentada a figura do commercio, tendo junto de si a Republica, que empunhava a bandeira nacional. Dentro da galera seis pagens empunhando os remos, e na parte baixa do carro os escudos das duas associações e as datas: 5-x-910 e 5-x-911.

No carro da Imprensa Nacional via-se atraz o escudo da imprensa; no primeiro plano, figurava um prélo antigo de madeira, no segundo a estatueta de Guttemberg, as-

— Primeiro...

— Já ouvi.

— Na parada, como é natural, não mexo; é um espectáculo que tem em si uma grande lição... toda

civismo. Sorri?

— Não faça caso... Continue.

— No respeitante ao cortejo não tenho nada a dizer.

— E provavelmente nem às illuminações?

— O fogo d'artificio também o admitto...

— Muito bem. Ah! estão os pratos de resistência. E então temos?...

— Temos...

Espere homem...

dê-me tempo para reflectir... Temos... Em primeiro lugar ponha... Não! d'isto não gósto... Talvez se podesse... Na verdade, não lhe posso apresentar o meu programma sem mais nem menos... Olhe, venha ter commigo...

— No proximo 14 de julho!

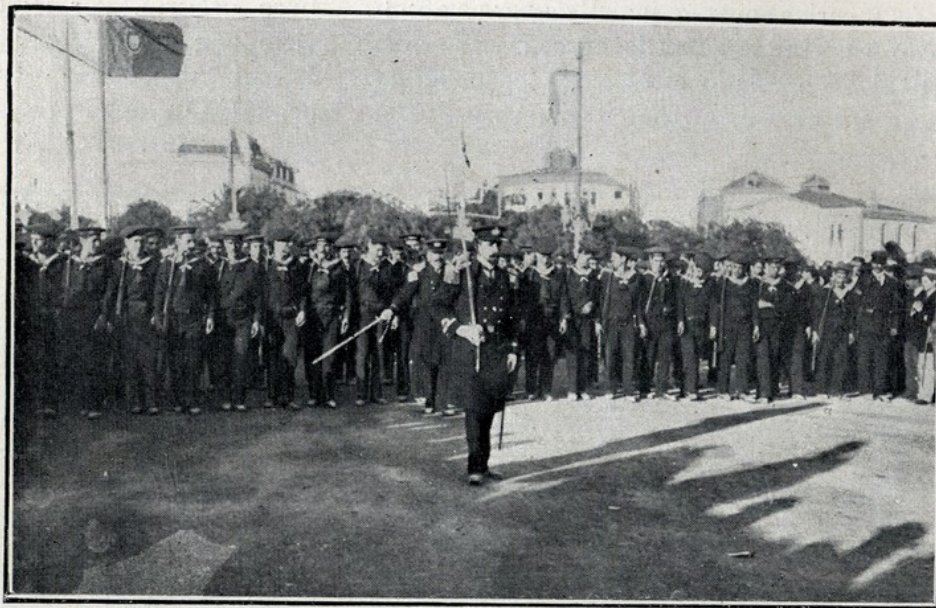
— Exactamente... Mas, como o meu caro amigo vê, as festas da Republica são indiscutivelmente muito banaes...

Os crimes da paixão

Quasi que poderia dizer que é assumpto obrigado d'estas chronicas, e o mais notavel é que os mezes sangrentos, que costumavam ser quando a Primavera retoma o seu poderio, passaram para o outono, a epocha mais calma e cheia de melancholia, como indica o amarellecer das folhas, que me dão a idéa dos phthysicos a despedirem-se da vida.

Estes dramas vão-se reproduzindo como se no lar já se não podessem abrigar as felicidades tranquillias, como se não houvesse remedio para as decepções amargas, para as feridas da alma, ou mesmo para as simples incompatibilidades.

O caso d'Alverca — gente rude — e o da travessa do Fala Só — creaturas com outro jús d'instrucção — onde o marido mata a mulher, onde o marido mata a esposa e o



PARADA — A MARINHA

amante, mostram apenas que os auctores assassinaram por mau instincto, apaixonados do romance sentimental, e o seu exemplo dá logar a epidemias d'homicidios, a contagios de carnificina.

E' a loucura do crime que traz a loucura do odio e a loucura do amor.

Cerebros mal equilibrados são invadidos de repente pela raiva furiosa.

Os olhos veem vermelho e a mão levanta-se para ferir.

Depois d'executarem o acto, voltam a si, na distensão dos nervos, e apresentam o espectáculo do estupor onde os engolpha o assassinio que praticaram.

Comprehendem a inutilidade da sua vingança idiota, teem horror pelo sangue derramado. E eil-os presos pelo remorso antes que a policia os capture.

Alguns, porém, não os attinge semelhante fraqueza. O fanatismo continúa acompanhando-os. Arrostam com soberbia os interrogatorios do juiz, e ante o jury que se enternece, appellam para os *grandes sentimentos* que os impulsionaram.

E assim se estabeleceu uma nova regra em materia de criminologia. Na nossa pro-

pensão para a piedade, pena e dó, a raça latina absolve hoje muitas vezes os crimes denominados d'amor.

Não ha, pois, motivo para admirar que elles se multipliquem.

As theorias em voga impellem para a absolvição, escudando-se na loucura. E põe-se em actividade o estado mental, a clemencia da anthropologia, e, quando assim se procede,

estamos na antiguidade. Não nos illudamos, nada de cegueira em olhos limpidos.

A culpa é nossa e podemos renegar o sangue?

Assim falam os ideologos que negam o livre arbitrio. Por muitos exemplos tem-se visto que a sua doutrina pôde ter uma influencia deploravel nos espiritos desequilibrados. O que se precisa é que cada um se



CARRO DO COMMERCIO

é porque o escravo das suas paixões deve o crime ao seu temperamento, praticando esse acto devido a uma causa que não podia dominar.

Ha uma doutrina que nega todo o livre arbitrio. E' a de Lombroso e a da escola italiana. Por ella, o temperamento é que faz o crime. Este depende menos do moral, que da physiologia e da historia natural. E' um producto do atavismo.

Somos da raça de Cain. No combate pela vida, na lucta das paixões, retrocedemos,

mantenha fiel ás velhas tradições do dever e não admittir excepção á lei moral. O não matarás do monte Sinai conserva-se como um principio supremo. E aos que o não cumprissem, eu sou de parecer que se devia applicar a pena de Talião.

Um excesso de piedade pelos criminosos acarretar-nos-hia a peor das barbaries.

Os humanitarios teem conseguido suavisar os rigores do castigo.

O indulto e o hospital dos alienados estão na ordem do dia.

E como nos crimes d'amor só se attende aos soffrimentos moraes que elles produzem e encontram-se circumstancias attenuantes que libertam monstros do castigo humano... os resultados veem-se nitidamente.

Os bustos da Republica

Esta resenha com que busco acompanhar os principaes acontecimentos do mez — e se muitos dos que me leem não soubessem como sou refractario á vaidade e a elogios, não a escreveria — o que nem sempre é tão facil como se imagina, visto que ha assumptos de que me não occupo, politicos e religiosos, não ficaria completa se me não referisse ao concurso para a escultura, em marmore, do busto official da Republica.

Os premios eram tres, e os auctores os srs. Francisco dos Santos, José Simões d'Almeida, sobrinho, e Julio Vaz Junior.

Reproduzo os modelos que foram premiados segundo a ordem porque enfileiro os nomes acima.

Portuguezes e bavaros

Os que falam e escrevem do character discolo e exaltado do nosso povo, ou conhecem-o pouco ou em nada o conhecem. O portuguez, quando não encontra de comer, emigra... para morrer de fome. Se não obtem trabalho, porque não ha ou não lh'o querem dar, pede esmola pelas ruas. Se se augmenta o preço da carne, supprime-a... e resigna-se. Se lhe levantam o aluguer da casa, passa para outra mais barata, e nenhum se mostra descontente com a sua sorte. Se encarecem os generos de primeira necessidade, convence o estomago que precisa contentar-se com o pouco que se lhe ministra. Ninguem protesta nem ninguem se aparta d'aquella docilidade que caracteriza o typo dos governados.

Não se nega a pagar o que lhe é exigido, e comtudo quantas vezes lhe teem chamado discolo e exaltado!

Em contraste a este quadro, deixem que lhes apresente o quadro d'um Estado allemão, — a Baviera.

Alli, no principio d'este mez, elevaram

o preço da cerveja, e os bavaros, que são apaixonados d'esse dourado e saboroso liquido, a melhor maneira que encontraram para se oppor ao accordo dos fabricantes foi declararem-se em *grève*. E desde então não a bebem... nenhum d'elles entra n'uma cervejaria. O seu protesto, embora pacifico, é constante, tenaz. Dignamente, como convém aos bons bebedores, affeição-se á agua, e passeam e procuram em infantis distracções o esquecimento ás suas desditas. E assim, sem um grito, sem alvo-



BUSTO DA REPUBLICA — 1.º PREMIO

rotos, nem *meetings*, nem discursos trovejantes, nem barricadas, nem revoluções, conseguiram já que diminuíssem dez réis em cada copo.

Mas como os bavaros não gostam que lhes cerceiem as liberdades, mantem-se firmes na sua attitude e não desistem enquanto o *bock* não chegar ao preço antigo.

Entretanto, o protesto, silencioso, continúa de pé, e em todo o Estado allemão segue esta luta pertinaz entre fornecedores e consumidores.

Em Portugal nunca se chegaria a este

resultado. Se aqui mais uma vez tivesse subido o preço da cerveja, continuaríamos bebendo-a como antes, e pagando-a pelo novo custo. Basta ver o que ocorreu com o tabaco, que aumentando de preço e diminuindo de qualidade... aumentaram os fumadores;



BUSTO DA REPUBLICA — 2.º PREMIO

se olharmos a carne, embora cada qual tenha que renunciar ás 68 grammas que lhe correspondem, decorrido um mez o conflicto está resolvido a favor dos marchantes. E n'essas occasiões annunciam-se *meetings*, publicam se manifestos, ouvem-se gritos de ameaça, nomeam-se commissões para estudar a maneira d'*harmonisar os interesses de todos*, e depois dos discursos, e em seguida ás manifestações de cada *protestante*, todos vão ao talho pagar o que se lhes exige pela carne, sorridentes, satisfeitos, porque estão convencidos que ganharam uma batalha...

Romaria da saudade

A unica romaria de Lisboa, é a que se realisa no mez de novembro, no dia consa-

grado ao culto da morte, em que a cidade vae ajoelhar no campo santo. E' o tempo de rezar pelos finados, tempo melancholico da Natureza, com dias temperados e serenos, com um exercito de milhares d'arvores que recortam o céu pardacento e dos ennegrecidos troncos sobe até aos cimos calvos a velha canção d'inverno que tiritia de frio. A Natureza turva-se e prepara-se para o seu enorme somno, e a formosa capital, violacea pelo frio alvorecer do outono, e ainda convulsa pelo quente anoitecer do estio, principia o inverno descobrindo-se ao pé dos sepulcros...

Ha-os para todos os gostos. Uns grandes, majestosos, solemnes, como castellos feudaes; outros, pequenos, leves, alegres, como casinhas de verão. Alguns são tão elegantes e cuidados, que, vistos de relance, semelham palacios promptos para receber os convidados a um grande baile; outros tão mo-



BUSTO DA REPUBLICA — 3.º PREMIO

destos e escondidos sob a espessura da flora silvestre, que parecem dizer que alli não ha absolutamente nada... Uns e outros com corôas seccas, com flôres recém-recortadas, com estatuas marmoreas, com medalhões symbolicos, com lampadas que alumiam a

tristeza da apaixonada recordação. Encontram-se os de grandes musicos, como Cyriaco de Cardoso; de grandes escriptores, como Latino Coelho; de grandes jornalistas, como Antonio Rodrigues Sampaio, todos manchados pelo carcomido dos annos. Alguns vejo-os juntos d'eucalyptos que choram com o soluço das folhas seccas, outros teem flôres escaldantes que alegram a vista e o coração.

Deparam-se epitaphios pomposos, com inscripções modestas, com um nome e uma data, alguns com horriveis sarcasmos. N'um lê-se:

Querido esposo... Espero-te!... 12 d'abril de 1842.

E um pouco mais abaixo:

Querida esposa... Aqui estou!... 14 d'agosto de 1893.

Tambem os ha, mudos, terrivelmente mudos, com o mutismo do que se ignora!...

Todos os annos não esqueço o dia de finados e se não tivesse outros motivos para o recordar, bastava-me este facto occorrido na aba d'uma montanha, de que fui testemunha, tanto conheci esses desgraçados.

Elle excitou a namorada para se suicidarem juntos. *Ella* morreu do ferimento. E *elle* salvou-se para contar o caso.

Chamava-se Rosa e era a de todas aquellas cercanias. Rosto sadio, bella entre as mais bonitas, loura, e com uns frescos quinze abris.

Não queria morrer, não explicava essa necessidade d'ir tão nova para o além... E escreveu á mãe:

«... Creio que poderíamos evitar a morte. Mas *elle* diz que é necessario morrer, porque a vizinhança inteirou-se e ri-se de mim, e assim morro com *elle*... Dê o meu vestido preto á Henriqueta; os meus brincos d'ouro á Maria; a boneca grande a minha irmã Alice. Adeus, e perdoe-me...»

E *elle*, que lhe acertou no coração com uma bala, não soube attingir o seu!...

Quem segue no caminho de ferro, n'uma volta da estrada, levantando os olhos, surge-lhe subitamente o cemiterio com os seus jazigos brancos, semelhando a alegre casaria n'um alto. Aquelle desviado recanto é humido e fresco, e o sol estende-se á vontade, abrilhantando as plantas que se enlaçam na não cohibida liberdade do campo; e quando passam e repassam os comboios

na sua velocidade, lançando fumo e silvos, os passageiros, fatigados da lucta da vida, fitam sem angustia o socegado asylo com a sua alvura de longe impeccavel, e as arvores que os saudam em compassados movimentos...

Alli está Rosa... Alli vive morta!... As raparigas dos arredores vão visita-la aos domingos; marchetam-lhe o coval com violetas, e rosas, rosas, muitas rosas; falam com ella... dão-lhe os bons dias... perguntam-lhe como está... se dorme bem!...

Ha quinze dias, ao passar no rapido por aquelle lindo logar da morte, vi ainda as raparigas, surpresas pelo ruido, correrem para longe, como bando d'assustadiças pombas, occultando-se com as arvores...

Não tendo medo de cadaveres, atemoriza-os o comboio, que symbolisa a vida, o progresso...

Fecundidade

Quem quer demonstrar muito não prova grande cousa, e applicando-se formulas juridicas completas á massa dos individuos, chega-se apenas a alinhar algarismos que nada representam.

A hereditariedade e o atavismo, essas duas doutrinas gemeas, teem talvez mais que os outros casos da nossa pobre humanidade, fornecido materia para compactas e solemnes estatisticas, e agora é quem procurará nos ascendentes dos manicos, dos criminosos, dos politicos ou dos homens de genio as influencias que poderam determinar essas propensões...

Zola consagrou o seu robusto talento a estudar, ás vezes d'uma maneira um pouco facticia e arbitraria, a degenerescencia social d'uma familia nascida d'um alcoolico e d'uma louca. Agrupou um lote d'individuos diversamente attingidos pelo mal hereditario e em quem se revelavam todas as fórmas da hysteria.

E' uma paciente e solida construcção feita d'observação e de these preconcebida. Mas agora mandam-me um folheto contra o alcoolismo, onde leio o artigo d'um sabio allemão que refaz a historia d'uma velha bebedeira, que viveu de 1740 até aos primeiros annos do ultimo seculo. Ha aqui já a apreciar a longevidade e assim o alcool não usurpa a sua reputação de *conservar*.

Mas ella procreou, e em que proporções! A sua descendencia não comprehende menos de 843 individuos, o que leva a suppôr que teve bastantes filhos, robustos, capazes de darem vida a outras creaturas.

Ora d'esses 843 rebentos, acompanharam-se 706 nas suas diversas carreiras, ou antes na sua maneira de viver, e descobriu-se que 142 exerceram a mendicidade, 76 foram criminosos, 81 mulheres entregaram-se á prostituição, emfim, 106 eram filhos illegitimos.

Creio que a este trabalho falta o seu tanto de seriedade.

Passemos sobre os 86 criminosos (de que sete eram assassinos). E' muito para uma familia, embora composta de 843 pessoas, porque dá um malfeitor sobre 10 individuos, um assassinio por cem. A proporção seria para rejubilar se respeitasse á população.

A mendicidade póde ainda proceder do alcoolismo. A preguiça, a incapacidade de trabalhar, a insubmissão, causadas pelo gosto da bebida, ou alguma tara physica, são capazes de levar o homem á vadiagem, mas o resto?

Sobre essas 81 prostitutas que foram o ornamento d'essa familia, quantas adoptaram esse genero de vida por degenerescencia

ou embriaguez? Não houve tambem o desejo d'uma vida na apparencia mais livre e mais brilhante, ou as aventuras imprevistas que levam a rapariga do campo para a galanteria, ou simplesmente o exemplo das mães ou das irmãs mais velhas?

E quanto aos filhos naturaes que teem elles que ver com a fatal hereditariedade? E' nas familias d'alcoolicos que se fabricam os *filhos do amor*? Seria melhor saber se elles eram rachiticos, escrophulosos ou tocados pela tuberculose que sobresaltar-se se nasceram legitimos ou illegitimos.

Emfim, tudo isto reunido — mesmo com os filhos naturaes que com certeza symbolisam o vicio — fazem o total de 405 individuos sobre 843. De 438 nada se diz, seja porque não os observaram, quer porque viveram normalmente. Estamos, pois, muito longe da terrivel fatalidade dos Rougon-Macquart. E' verdade que nos encontramos na vida e não no romance, e a vida prova muito menos porque tambem imagina menos.

Em todo o caso eis uma ebria que arremessou para o mundo, pelo menos, cinco gerações.

De poucos amadores d'agua se poderá dizer o mesmo.

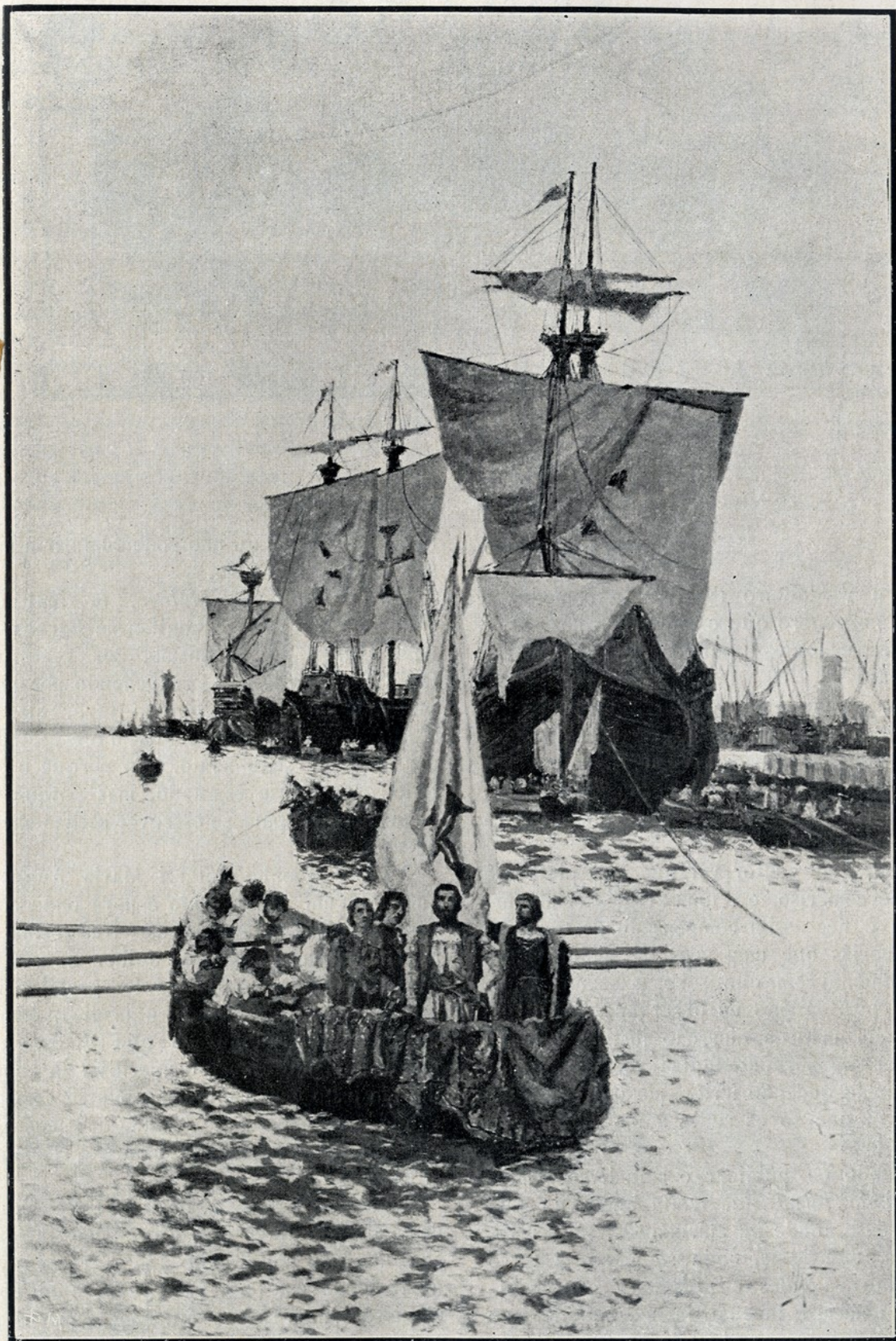
PORTUGAL DA SILVA.

**FARINHA
LACTEA** **NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910

Arte portuguesa



VAZ — PARTIDA DE VASCO DA GAMA



Gymnasio

E' o verdadeiro theatro da comedia, o unico no genero que existe entre nós, e por esses espectaculos o publico tem enorme predilecção.

Comprehende-se, porque a maioria quer despreoccupar o cerebro e assim os ditos d'espírito, as situações comicas, os enredos interessantes teem sempre primazia aos dramas por mais pungentes ou mais bem observados que sejam.

E para um auctor ver que uma platêa se estorce com riso, é d'uma alegria communicativa e fica assim compensado de todas as semsaborias que uma peça lhe acarreta até ao momento em que sobe á scena, tendo ainda por epilogo as observações dos que se dizem criticos que não justificam o seu parecer, censurando tantas vezes com uma ignorancia que não irrita, porque ella é tão palpavel que só os rudes a não distinguem desde logo.

Quando eu publicar o meu livro *Memo-rias d'um jornalista*, trinta annos de vida d'imprensa, onde ha affirmações, sarcasmos, ironias, anedotas, onde se marca a ferro candente vaidades e prosapias, não occultando nomes, e fazendo justiça áquelles que a merecem, não se olhando homens, não se distinguindo partidos, onde se hão-de dar lições d'honestidade e de cortezia, ver-se-ha bem que a imprensa, ella que podia ser

tudo, não soube ou não pôde cumprir a missão que lhe incumbia.

Os *Direitos da Mulher*, original dos srs. Arthur Cohen e Guilherme Barbosa, é uma *charge* ao feminismo, por vezes um tanto carregada, mas preenchendo por completo o fim dos auctores — fazer rir. E' d'aquellas peças que penalisam o espectador por não ter seguimento, não porque o enredo não ficasse esgotado, mas porque tinham margem para se escrever scenas cheias de *verve*.

No desempenho notarei Maria Augusta, que tem um papel certo e para onde convergem todas as sympathias; Ambrosina de Medeiros, uma elegante mulher e que na personagem da esculptora foi gracil e intelligente; Laura Hirsch, a medica, com a comprehensão nitida do que dizia; Augusto Machado, que é o aperitivo da comedia tão justo vem o seu commentario, coadjuvando estes artistas na medida das suas forças Albertina, Sophia d'Oliveira e Herminia Silva.

Seguiu-se a *Cocotte*, de Pierre Veber, um dos collaboradores dos *Vinte Dias á Sombra*, que não me é licito analysar, mas que foi recebida por toda a imprensa n'um côro elogioso tantas são as situações imprevistas, porque tem um bom acto d'apresentação, o 2.^o d'um comico irresistivel, não lhe affrouxando o interesse no 3.^o, e o ultimo como factura, chegando á farça, é dos melhores

que se tem visto em theatro pela maneira d'urdir os fios da trama.

Ensaia-se actualmente n'este theatro o *Thalassa* e *Aguentar e cara alegre*.

Apollo

Eduardo Schwalbach, inaugurando o theatro de que é director, escolheu uma peça sua, o *Chico das Pégas*, uma successão de scenas onde ha de tudo: comedia, drama, operetta, revista, mas tudo cozinhado com a sua habilidade habitual, condimentado cuidadosamente.

Se me impozessem o dever de dizer aqui que é um dos melhores trabalhos do illustre escriptor com certeza não subscreveria esse proposito, mas á generalidade do publico, que não attende a subtilzas, e não comprehende arte, a operetta agradou, sendo os auctores, — e n'estes incluo o nome do maestro Filippe Duarte — interpretes e scenographos acclamados com bastante enthusiasmo.

E como a acção passa por transes rapidos, é claro que essa variedade distrahe, e chega-se ao final com a sufficiente vontade d'applaudir.

O desempenho é muito harmonico, e se as vozes dos artistas não são um portento, esforçaram-se todos em dar relevo ao *Chico das Pégas*, sobresahindo Amelia Pereira, Nascimento Fernandes, Alegnim — inda que este parece-me deslocado n'aquelle meio — Ilda Ferreira, e entre as principiantes ha a distinguir Sara Medeiros, que é um elemento a aproveitar.

Avenida

Ha dois annos representou-se n'este theatro a *Flôr do Tojo*, do sr. Campos Monteiro, operetta que tanto no Porto como em varias cidades do Brasil tem sempre obtido exito.

A prótagonista então foi confiada a Amelia Lopicolo, e é hoje substituida por Adriana Noronha, que começa agora e se não alcançou o applauso incondicional deve-se aos reclamos espaventosos que appareceram nos jornaes, e todos sabem que o elogio sem peso, conta nem medida é contraproducente.

Escusado será falar de José Ricardo, que é sempre um grande artista, e accrescentarei que a musica de Nicolino Milano é adoravel e cheia d'harmonia.

As *Botas de Napoleão*, do sr. Sousa Rocha, que não foram bem recebidas no Porto nem no Rio, tiveram em Lisboa a mesma sorte.

Trindade

Explorou uma revista, *Ventas de Patrulha*, e que conseguiu attingir 40 recitas, o que ninguém diria, tal foi a maneira violenta como a ouviram na primeira noite.

Mas, após uns córtes, rectificações, intercalamento de scenas, lá singrou com vento mais ou menos favoravel.

A epocha d'inverno abre com os *Amores de Principe*, onde reaparece Palmyra Bastos.

Rua dos Condes

Tem em scena uma revista, *Vá p'la esquerda*, que não foi bem acolhida.

Compreende-se.

O publico principia a saciar-se do genero, de tal maneira elle se degradou, e assim não vem longe o periodo em que se poderá considerar como completamente morto... e nas condições em que actualmente estava não se perde nada...

Coliseo dos Recreios

Inaugurou a temporada com uma companhia equestre e de variedades, tendo alguns numeros sensacionais e que bastante agradaram, tanto mais que foram escolhidos com cuidado pelo seu empresario, sr. Antonio Santos.

Os espectaculos são em duas sessões por noite e os resultados correspondem a essa nova tentativa.

Animatographos

Continuam sendo os predilectos do publico — **Chiado Terrasse** e **Salão da Trindade**, onde o publico vê desfilar todos os assumptos mais palpitantes da actualidade.

*
* * *

Na Allemanha, o publico nunca applaude emquanto o panno está em cima ou não finda a execução d'um trecho musical.

Foi uma reforma que, a pouco e pouco,

se tornou em habito, tanto em theatros como em concertos. Alguns maestros mesmo, para o conseguirem, recorreram a meios rigorosamente militares. Cita-se até um *kapellmeister* que, depois de ter prohibido os applausos, entre as diversas partes d'uma symphonia, recommçou cada uma todas as vezes que os espectadores applaudiam apenas ella terminada.

Na verdade estes processos com difficuldade se admittiriam em Portugal, mesmo n'um quartel. Mas, deve-se confessar que seria conveniente conseguir, não direi a supressão definitiva de todos os applausos no decorrer d'uma peça, mas pelo menos um pouco mais de criterio na escolha do momento em que o devem fazer.

Tem-se visto que os effeitos mais notaveis dos nossos actores são prejudicados por palmas intempestivas. Quantas vezes á ul-

tima palavra d'uma scena que se devia destacar, a um effeito de voz tão estudado, veem ruidosos applausos que bastam para o destruir, e como é impossivel repetir a scena, a peça diminue de valor.

Se não se tratasse para os espectadores mais que o de ceder a um impulso irresistivel! Mas toda a gente sabe que o que o nosso publico procura primeiro que tudo é fazer-se notar por uma enorme comprehensão. Ficaria humilhado se, antes do final da phrase, não adivinhasse a idéa do auctor, se não mostrasse que percebe com extraordinaria facilidade.

Em attenção áquelles que escrevem para o theatro, admittamos, para sempre, que o nosso publico é d'uma intelligencia superior, que antevê tudo o que se passa no palco, mas dispensemo-lo de o testemunhar mutilando o pensamento do auctor.

PORTUGAL DA SILVA.



Comprimidos Bayer de Aspirina

O MELHOR REMEDIO CONTRA:

Influenza, constipações,
nevralgias, dores de cabeça, e de dentes, etc.

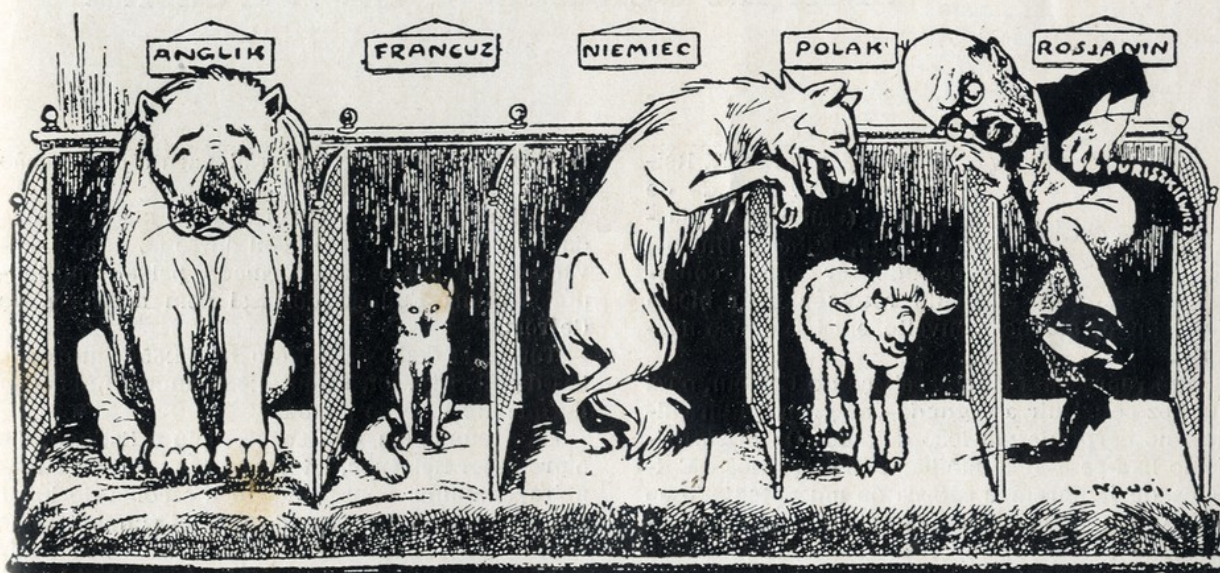


Curiosidades do tempo

O Trabalho e a guerra

O mais interessante facto no assumpto da guerra, — assumpto em que temos tentado especialmente interessar os nossos leitores — foi ultimamente a proclamação de Bebel ao congresso socialista de Iena. Em França, os anti-militaristas preconizaram a declaração de greve geral como cheque-mate dos trabalhadores á declaração de guerra. Bebel critica o projecto como impraticável. Uma grande guerra produziria tão inconcebíveis misérias, que «as massas não discutiriam a greve geral, porque se

limitariam a pedir trabalho e pão». A propria guerra traria a paralização da industria, que é o fim dos sindicalistas. Bebel diz, com muita razão, que uma guerra faria perigar a existencia da estrutura social de hoje. «Milhões de trabalhadores seriam arrancados ás suas familias, que ficariam sem têr com que viver, e centenas ou milhares de pequenos fabricantes estourariam por falta de meios de continuar nos seus negocios. Os fundos e acções soffreriam uma quebra formidável, de que tivemos ha bem pouco uma pequena amostra, e pela qual dezenas de centenas de familias em confortaveis circumstancias



O JARDIM ZOOLOGICO INTERNACIONAL: — Uma projectada conferencia da Paz em Londres:
(Os animaes teem os leitreiros: Inglaterra, França, Alemanha, Polonia, Russia)

(Mucha, Varsovia.)

se veriam reduzidas a pedir esmola. O enorme commercio de exportação com todo o mundo estrangeiro ficaria interrompido; innumeráveis fa-

bricas e empresas industriaes parariam; a importação de alimentos cessaria completamente, os preços attingiriam uma altura fabulosa, e tudo significaria uma fome geral».

Bebel calcula que cada dia de mobilisação custaria á Alemanha para cima de 9:000 contos de réis, e á França não menos. Mas a guerra traria a mobilisação também na Austria, Russia, Inglaterra e Belgica, e tudo isso daria um total de uns 45:000 contos por dia, para decidir se a Alemanha, que tem só 9 0/0 do commercio marroquino, cujo total não passa de 23:000 contos por anno, deve insistir em têr uma posição privilegiada em Marrocos, o que a Inglaterra não pretende, apesar de lhe dizerem respeito 39 0/0 do tráfico. Estas despesas de guerra, deve notar-se, são só os desembolsos immediatos, não incluem as immensas perdas indirectas devidas á paralização dos negocios e a outras consequencias da guerra. Segundo o livro do coronel Boucher «La France victorieuse dans la guerre de demain», a França poderia pôr 1.400:000 homens em primeira linha, opondo 20 corpos aos 23 corpos alemães que atravessariam a fronteira dez dias depois da declaração de guerra. A Russia despacharia em 25 dias 27 corpos de exercito para a fronteira, e 10 dias mais tarde 13 outros corpos russos estariam no territorio allemão. A guerra de 70 não passaria de um brinco de crianças em comparação com a que a França e Alemanha arriscariam por causa da questão de Marrocos.

Eis a nova orientação dos pacifistas: não é por considerações teoricas ou sentimentaes, mas pela propria organização dos interesses que a guerra acabará.



O PROTESTO SOCIALISTA: — «Resolvido que sem nosso consentimento se não fará fogo do lado da Alemanha».

(Kladderatsch, Berlim.)

Vida na Sciencia e na Industria

O enigma da Esfinge

O professor Jorge A. Reisener, da Universidade de Harward, (Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos) pretende têr enfim conseguido resolvêr o problema da Esfinge, até hoje envólto em tão denso mistério.

Que representa ela? A cabeça de Cefrem, o rei que fez construir a segunda das grandes pirâmides, no corpo de um leão deitado. O seu simbolismo liga-se á idéa familiar entre Assirios e Egipcios de juntarem a cabeça de um potentado ao corpo do mais temido dos animaes, para representar a protecção que um grande rei dá ao seu povo e o terrôr que inspira aos seus inimigos.

Quanto ao bloco em que é talhado, foi, segundo o professor Reisener, um pedaço de rocha não aproveitável para construções e posto a nu pelo aproveitamento das pedreiras aos lados delle,

com o fim de obter material para a construção das duas pirâmides maiores.

Assim o mostra o diagrama da nossa segunda figura. O bloco que ficou entre as duas excavações foi então transformado pelos trabalhadores numa Esfinge colossal com a cabeça de Cefrem.

Ter-se-ia dado este facto uns 2:850 annos antes de Christo, ou sejam 1:000 annos mais cedo do que até hoje se julgou.

«Ao tempo em que se esculpiu a Esfinge, diz o professor Reisener, o terreno não estava em maneira nenhuma consagrado e a escolha do lugar para a colossal imagem do Rei foi simplesmente devida ao facto de se não ter podido aproveitar o bloco por não ser proprio para a pirâmide.»

Assim ficam abaladas as theorias que ha perto de 5:000 annos se teem amontoado sobre a especial significação da posição da Esfinge. Que olhava para o sol nascente, — que olhava as pirâmides

— que quando se punha o sol a sombra d'ella se alongava sobre as patas estendidas, eram tudo dados para homens e mulheres se convencerem que havia aqui poderosas evidencias de misticismo e simbolismo envolvidas na sabedoria dos Egipcios. Afinal aparece-nos o professor Reisenner demonstrando que a posição da Esfinge foi simplesmente determinada pela qualidade da rocha, e que se a pedreira fôra homogenia não haveria provavelmente Esfinge alguma para preocupar, espantar cincoenta seculos de humanidade.

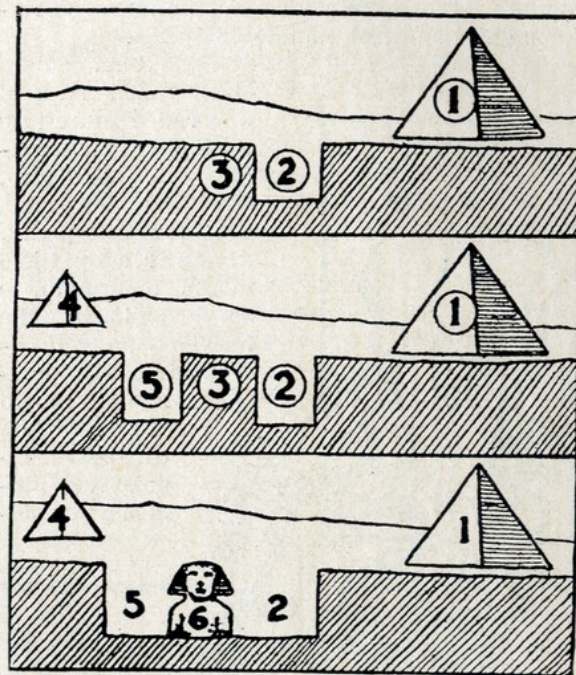
Por outro lado, faz notar que se os trabalhadores egipcios, que eram bons conhecedores do material proprio, tivessem decidido que outro qualquer ponto da facha rochosa não se prestava, então poderia outro Faraó ter construido a Esfinge; mas neste caso Cefrem teria achado ao concluir a sua piramide que aquelle tosco pedaço de rocha desfeava o templo do valle que havia construido.

Do templo do valle ao da piramide, Cefrem construiu uma vereda lageada. Depois, quando tudo estava feito (podemos suppô-lo com o professor Reisenner) ou Cefrem ou algum dos seus conselheiros tiveram uma idéa luminosa: «Porque não transformar este bloco monstruoso numa Esfinge?»

O resultado seria colossal, e o colossal, o mons-

balhos publicos ordinarios que 3:300 homens foram empregados durante 6 meses a trezerem um unico bloco de pedra a uma distancia de 300 milhas para formar parte do templo.

Com o trabalho humano tão barato — proporcionalmente mais barato do que a dinamite hoje



A CHAVE DO ENIGMA DA ESFINGE

- 1 — Primeira pirâmide, construida por Cheops.
- 2 — Pedreira de que foi tirado o material para a construcção da pirâmide de Cheops.
- 3 — Bloco de rocha improprio a sêr aproveitado para construcção.
- 4 — Segunda pirâmide, construida por Cefren, sucessor de Cheops.
- 5 — Pedreira de que foi tirado o material para a pirâmide de Cefren.
- 6 — O bloco improprio para construcção, esculpido em cabeça de Cefren com corpo de leão.



A CABEÇA DA ESFINGE: — Que significa ela?

truoso fallaram sempre ao espirito egipcio. O necessitar o trabalho milhares de escravos, não era o minimo obstaculo, porque a monarchia egipcia estava no seu auge e tinha direito de vida e de morte sobre centenas de milhares de escravos. Um papiro do tempo diz como um caso de tra-

em dia — não é para admirar que o informe rochedo fosse convertido n'um impressionante monumento de Cefren. Talvez fosse elle o primeiro rei egipcio que assim usasse juntar o seu proprio retrato ao corpo d'um leão, mas seus successores assim usaram, tanto que os archeologos concordaram em que era a Esfinge o retrato de algum rei.

Ma's a opinião que mais se espalhara era que a Esfinge era pelo menos 1:000 annos posterior a Cefren.

Se este pensou que a Esfinge preservaria a sua memoria incolume atravez dos seculos, enganou-se, pois só depois de milhares de annos é que o monstro foi identificado com o seu fundador pelos dados que o professor Reisenner encontrou nos estatutos de Micerino, o construtor da 3.^a piramide, que talvez fosse neto de Cheops que construiu a primeira.

Para se compreender a significação da Esfinge é necessário o conhecimento do uso das pirâmides, e foi d'ahi que partiu o professor Reisener para aclarar o misterio da Esfinge. Fallando dellas diz: «As pirâmides eram simplesmente os tumulos dos reis, e comquanto fossem maiores e mais esplendidos do que quaesquer outros que tivessem construido os seus antecessores, estes tumulos foram construidos sob os mesmos principios que os outros tumulos egipcios.

Teem uma camara subterranea na qual o corpo é murado e protegido da corrupção ou espoliação, enquanto em cima um monte de pedra, alvenaria ou tijolo marca o tumulo, e serve de logar onde os vivos possam comunicar com o espirito do morto por meio de offerendas e palavras magicas que as-

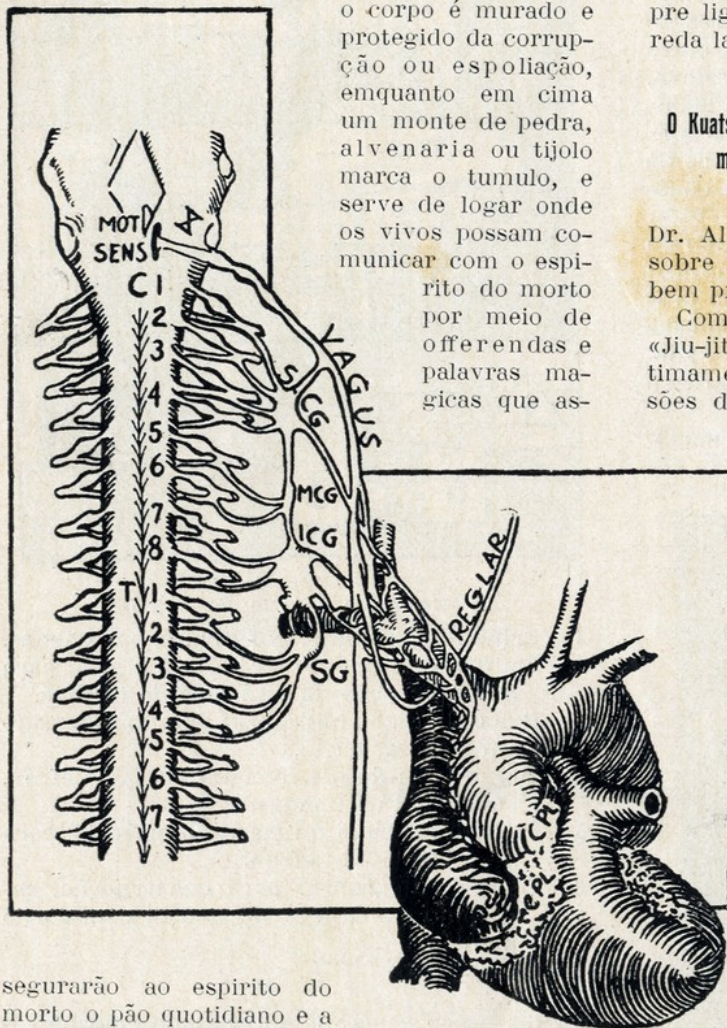


DIAGRAMMA MOSTRANDO A CONEXÃO ENTRE A ESPINHA E O CORAÇÃO.

segurarão ao espirito do morto o pão quotidiano e a protecção do mal.

Uma crença essencial da região egipcia é a de uma outra vida depois da morte, e que de qualquer maneira desconhecida a personalidade do morto continua depois da morte com as mesmas necessidades, o mesmo receio dos maus espiritos, os mesmos trabalhos e os mesmos prazeres que quando no mundo.

Em todos os tumulos se collocava comida e bebida e era um dever dos parentes dos mortos renovar essas provisões. Os reis e grandes homens estabeleciam fundos para prover ás suas necessidades depois de mortos.

Para esses fundos, concediam-se propriedades a certos individuos tornados assim sacerdotes

funerarios, que eram encarregados de levar comida e bebida diaria aos tumulos dos fundadores.

Assim é que cada piramide não só continha uma camara mortuaria para o rei, mas tambem tinha na encosta mais perto do valle uma capella para a apresentação das offerendas e a execução dos ritos proprios.

As pirâmides, com os seus templos, elevavam-se a grande altura num planalto de rochedos, e por conveniencia ou outras quaesquer razões que nos são desconhecidas, havia uma segunda capella em baixo á beira do valle, sempre ligada com o templo superior por uma vereda lageada.»

O Kuatsu, arte de chamar mortos á vida

E' em alguns casos possivel resuscitar um morto: eis um facto extraordinario em que talvez poucos acreditem. As recentes e interessantissimas investigações do

Dr. Alberto Abrams derramam consideravel luz sobre este fenómeno que participa da magia e bem prprio é a excitar a imaginação.

Como se sabe, o «Kuatsu» é o complemento do «Jiu-jitsu», o jogo de luta japonês tão falado ultimamente e que tão interessantes tornou as sessões de Raku no Coliseu dos Recreios. Ora, o



METODO DE CONCUSSÃO PARA RESTAURAR O FUNCIONAMENTO DO CORAÇÃO.

«Jiu-jitsu», sabe-se tambem, tem golpes perigosos, golpes fataes; algumas vèzes é, não o simples desmaio, mas mesmo a morte que sobrevem a certos lances. D'ahi a recommendação de que aos desafios mais sérios deve assistir um perito em «Kuatsu». O «Kuatsu» é a arte de chamar á vida as victimas dos lances perigosos do «Jiu-jitsu», servindo tambem para socorrêr os afogados, os atacados de insolação, os desmaiados por qualquer causa.

Achilles só era vulneravel no calcanhar mas

nós, simples mortaes, descendentes de mortaes, não temos as prerogativas do filho de Thetis e somos infelizmente vulneraveis por todo o corpo, mais especialmente em certos pontos. «Jiu-jitsu» quer dizer quebra de musculos. E' uma maneira scientifica de combater, que diligencia pór fóra de combate o oponente sem grande esforço, por cheques nos pontos fracos, por concussão de partes vitaes e extraordinariamente sensiveis da anatomia humana.

Uma pancada relativamente forte dada com a mão debaixo do extremo da barba, nas fontes, por detrás da orêlha, na base do cerebro ou no lado do pescoço sobre a veia jugular — póde em qualquer dos casos fazer parar a acção do coração e assim produzir a inconsciencia se não a morte. Uma pancada forte na base da espinha pode aleijar para toda a vida. O effeito paralizador da pancada no plexo solar é bem conhecido de todos os pugilistas, mas um verdadeiro jiu-jitsuista nunca dá uma pancada no plexo solar com a mão fechada; bate com a ponta dos dedos, na convicção de que a pancada assim penetra mais profundamente do que o poderia fazer a mão fechada.

O jiu-jitsuista tem uma serie de outras pancadas que dominam mas não são perigosas.

Esta breve digressão sobre os golpes do «Jiu-jitsu» com as suas por vezes tão serias consequências era necessaria para claramente se comprehendêr o «Kuatsu», ou maneira mecanica de refazer a vida aparentemente perdida. A concussão de um ponto vital produz a inconsciencia; a concussão de outro ponto rapidamente reanima.

O coração mostra mais vida do que qualquer outra parte do corpo. E' conhecido o caso do tubarão. Kuliabko conseguiu bem perceptíveis contracções no coração dum coelho cinco dias passados sobre a morte do animal; e a mesma autoridade scientifica restaurou completamente a acção do coração de uma criança vinte e quatro horas depois de ella estar morta aparentemente de pneumonia.

Apesar desta grande vitalidade, é comtudo o coração um órgão muito sensível. O Dr. Abrams assevera que exercendo uma pressão firme sobre qualquer dos pontos vitaes que os jiu-jitsuistas procuram, notou «que na maioria dos casos havia uma inibição reflexa do coração durante o periodo da pressão». Quer isto dizêr em linguagem simples que a acção do coração foi afrouxada; e é de vêr que se a pressão fosse maior, como seria no caso de uma pancada forte, podia têr o coração parado completamente. Os pontos vitaes são aquelles que communicam com diversos nervos que se prendem com o «vagus» (veja-se o diagrama da nossa gravura) nervo inibitório que vae ao coração. Uma vêz tocados esses nervos, paralisam, por intermédio do «vagus», o coração. Nota o dr. Abrams que a irritação da mucosa do estomago é igualmente inibitória do coração, o que explica os casos da morte subita causados por indigestão.

Devemos lembrar que uma irritação periferica que é levada por nervos «centripetos» a um cen-

tro nervoso, reflectindo-se depois ao longo de um nervo «centrifugo» produz uma contracção «involuntária» num musculo. E' a isto que se chama um «reflexo». Ora, ha reflexos do coração, e além do nervo «vagus» que enfraquece, que inibe a acção do coração, ha outros que a aceleram, que a excitam: o «jiu-jitsu» estimula a acção dos primeiros, o «kuatsu» a dos segundos. E' interessante notar que segundo o Dr. Abrams a dose de um sexagesimo de um grão de atropina, paralizando os extremos motores do «vagus», supprime por um intervalo de uma a três horas o reflexo do coração, de maneira que o jiu-jitsuista que tomasse atropina e assim adormecesse a sua sensibilidade cardiaca, teria enorme vantagem sobre um antagonista que tal não fizesse.

Depois de cuidadosas experiencias o Dr. Abrams concluiu que é a concussão da setima vertebra cervical, (vêr a illustração) que melhor estimula a contracção cardiaca. Declara tê-la praticado a uma paciente que estava moribunda com uma pneumonia.

«Durante o decurso da sua doença, diz elle, empregaram-se os estimulantes cardiacos usuas. Mas repentinamente durante a noite tornou-se extremamente cianotica (duma lividez azulada denotando grande enfraquecimento na circulação) e sem pulso, e determinou-se fazer a concussão á setima vertebra cervical para acordar por assim dizer, o enervado coração. Applicaram-se as superficies palmares (inferiores) dos dedos á setima verterba cervical e deram-se com os punhos cerrados sobre as superficies dorsaes (costas) dos dedos uma serie de seccas e vigorosas pancadas. Este methodo de concussão continuou-se durante uns dez minutos, com intervalos de descanso. Pouco depois de principiar a concussão, tornou-se menos evidente a cianose e o pulso perceptível durante a noite. De duas em duas horas se continuou a operação, e d'ahi em diante a menores intervalos até que ficou estabelecida a convalescença. Era evidente a todos os circumstantes que depois de cada sessão de tratamento pela concussão havia immediata evanescencia da cianose e o pulso tornava-se mais forte e menos frequente».

No exemplo acima prova-se que o «kuatsu» foi admiravelmente efficaz para trazer de novo á vida um doente quasi morto. Tambem se emprega com extraordinarios resultados para resuscitar os afogados e os que apresentam morte apparente.

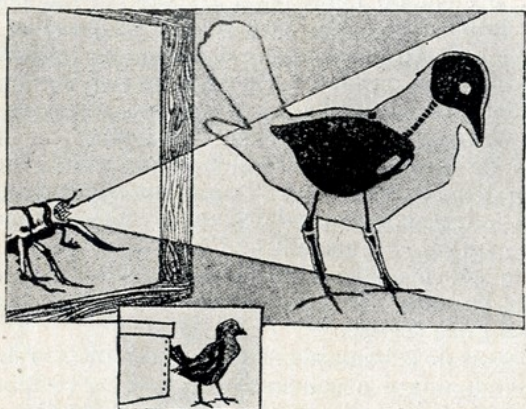
As maravilhas da visão

«Oh pudessemos nós ver-nos a nós proprios, assim como os outros nos vêem a nós!»

A visão do homem é muito limitada e a maioria das pessoas não faz ideia de quanto são limitadas a esse respeito, nem podem apreciar a microscopica, macroscopica ou telescopica visão de outras creturas. Por exemplo, estão vendo os seus filhos mas não teem a minima ideia de como as creanças os vêem a elles.

Damos uma gravura do Dr. Otto Birnleim de

S. Petersburgo que se tem dedicado a interessantes observações da visão nos animais e insectos, para provar que diferentes se afiguram as mes-



EXPERIENCIAS DO DR. BIRNLEIM

mas coisas conforme a diferente estrutura do aparelho visual de cada creatura em particular.

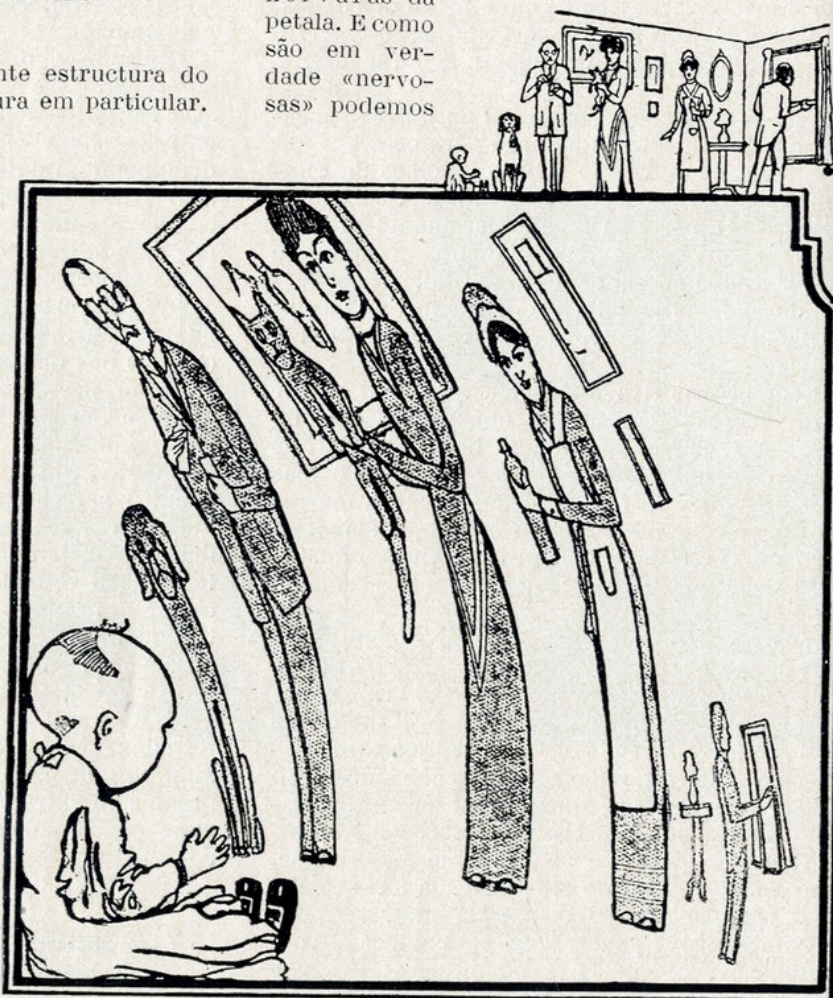
Podemos ver uma montanha, o que um insecto nunca pôde, mas um insecto por sua vez vê coisas que nós não vemos. Uma formiga dansando num raio de sol, pôde não estar realmente dansando, mas sim evitando atomos de pó invisíveis para nós, mas para ella grandes como hollas de croquet. Para um tão pequenino insecto o raio de sol parecerá cheio de rapidos meteoros e pavorosos monstros — germen que fluctuam no ar — e muitas outras coisas. Seria um mundo extraordinario. Alem de serem as coisas muito diferentes de como nós as vemos, os insectos veem cores que nós não vemos, e a sua visão microscopica dá ás coisas uma forma diferente do que as que se apresentam a nós.

Do mesmo modo que não podem ver os grandes aspectos da Natureza tambem não podem apreender as vibrações mais lentas do extremo inferior do espectro. Não é provavel por exemplo que possam ver o vermelho. Um jardim de rosas, diz o professor Birnleim, apparece provavelmente branco de neve aos pulgões e aranhas, enquanto a flôr da malva-rosa com as cores da

faxa ultra violeta, que nós não podemos ver mas que elles vêem, lhes dará combinações de cor que nem podemos calcular. Tambem se considera provavel que aos insectos nocturnos o jardim appareça illuminado em lindos e variados tons.

Está na verdade provado que as flôres possuem certa quantidade de radio-actividade, — como aliás a maioria das substancias. E um dos seus effeitos diz o sabio, é guiar os insectos nocturnos.

O aspecto de um tal jardim illuminado por tintas e cores inimaginaveis nos pareceria a fantastica paisagem de um conto de fadas. Do mesmo modo a faculdade microscopica tornaria um tal jardim ainda mais fantastico. Um insecto entrando n'uma rosa por exemplo, pareceria entrar n'um largo e abobadado aposento em volta do qual umas linhas recortadas e ornatos seriam as delicadas fibras das petalas. Por detraz, linhas de luz oscilante, que seriam as nervuras da petala. E como são em verdade «nervosas» podemos



COMO, SEGUNDO O DR. BIRNLEIM, UMA CRIANÇA VÊ
Em cima, a scena qual nós a vemos

suppor que teem mais radio-actividade do que o seu envulcro, e parecerão portanto mais brilhantes aos olhos do insecto.

Recentes experiencias demonstraram ainda que os insectos tem provavelmente dois ou tres outros sentidos que nem podemos nomear. Como estes complicam a apparencia das cousas não nos é possível imaginar. Sabemos todavia o sufficiente para calcular quão curiosa será a visão que tem o insecto das coisas do mundo.

Uma descoberta tambem muito curiosa é a faculdade do insecto de ver em casos em que nós não vemos. O Dr. Birnleim experimentando certas baratas, traças e borboletas chegou á conclusão que possuem vista do raio X. Por outras palavras, tem os olhos sensíveis ás vibrações ultra-violetas que nós não podemos ver.

Quando um raio de luz passa através de um espectroscopio (um prisma de vidro que tem o poder de separar as partes componentes do raio) vemos sete côres diferentes e as suas modificações, principiando no vermelho e acabando em violeta (é o que se chama o espectro). Cada cor é produzida por uma differente escala de vibrações que fere a retina. Mas abaixo do vermelho ha vibrações, chamadas infra-vermelhas, que vibram demasiado lentas, e acima do violeta outras vibrando demasiado rapidas para o olho humano as apreender: chamam-se ultra-violetas. Nas ultimas estão os raios X e outros possuindo notaveis qualidades. Quando intensificamos os raios X de maneira que os olhos os possam sentir, podemos ver através de tudo, — digamos de um corpo humano — que possam atravessar os raios, do mesmo modo que podemos ver através d'um vidro porque os raios de luz podem passar através delle.

O Dr. Birnleim assegura que as suas experiencias lhe provaram que os insectos normalmente são sensíveis aos raios ultra-violetas.

Tomou uma caixa de madeira com faces da grossura de duas polegadas. Metteu-lhe dentro um besouro, animal que tem muito medo do pintaroxo. Fechou a caixa por todos os lados, deixando-lhe apenas uma pequena abertura atraz que cobriu com vidro. A caixa estava hermeticamente fechada, de maneira alguma o besouro podia ver para fóra. Depois collocou um pintaroxo do lado de fora. Imediatamente principiou o besouro a correr para um e outro lado mostrando que sabia estar ali o seu inimigo. Repetiu a experiencia varias vezes, sempre com o mesmo resultado. Não parecia haver maneira do besouro aperceber o seu inimigo senão pela vista. Depois dirigiu uma corrente de raios X para dentro da caixa, através da madeira.

O insecto mostrou claramente que era sensível ás vibrações.

Se assim é, que fantamagoria deve a vida apresentar a estes insectos! O besouro dentro da caixa teria visto claramente o passaro através da madeira, mas não como nós o vemos, senão como um esqueleto com um nebuloso contorno de carne e pennas. Isto assim deve ser, diz o Dr. Birnleim, porque, dada a vista dos raios X, todo o objecto através do qual elles passam apparece transparente. O besouro d'esta especie veria uma parada não como uma massa de alegres uniformes e homens em marcha — mas

como uma procissão de esqueletos com botões metallicos fluctuando sobre elles

Estas opiniões do Dr. Birnleim são curiosas e suggestivas; o professor porém é muito mais um naturalista do que um optico e a sua descrição do raio X por exemplo, confunde um tanto o que o optico comprehende e habitualmente descreve por este nome com uma especie de radiação completamente differente — isto é, os constituintes ultra-violetas da luz. Literalmente, estes raios ultra-violetas, sendo desconhecidos aos nossos sentidos, podem ser descriptos como uma especie de raios X; e não ha duvida que os insectos vêem por meio destes raios «côres» de que não fazemos idea. Por outro lado, se os besouros são sensíveis aos raios de Roentgen, como parece que prova o Dr. Birnleim, não se segue que vejam os homens (ou passaros) como «arvores andantes» por assim dizer. Se um pintaroxo é uma fonte de raios X (o que é possível, mas não provado e mesmo improvavel) então a sua proximidade do besouro occasiona provavelmente apenas uma vaga sensação de desconforto, tal como experimentaríamos das radiações dum corpo quente invisivel para nós. Tambem nos parece um pouco exagerado o desenho do Dr. Birnleim sobre a visão da creança.

Uma nova maravilha, um novo facto revolucionario. A população parisiense pode admirar em Montreuil duas árvores dignas dessa admiração. Uma é um pecegueiro

que dá amendoas; a outra uma amendoeira que dá pêcegos. Não é, hão-de concordar, coisa que se esteja a vêr todos dias. Os senhores não acreditam? Pois vão vêr: lá estão essas duas maravilhas botánicas, obra dos professores Armand Gauthier e Henri Poincaré, que propositadamente fizeram este reciproco enxerto para experiencias sobre a evolução. Descrevendo essas suas experiencias e os resultados á Academia das Sciencias, os professores pretendem têr refutado em parte as theorias darwinianas sobre a evolução. A natureza não produz a variação das especies por evolução lenta e gradual: mas sim procede por saltos, por bruscas revoluções.

As variações das especies, dizem, dependem em grande parte do enxerto accidental ou intencional, e apresentam as suas duas árvores como provas do seu assêrto.

O jejum, remedio para todos os males

O jejum é para um ja celebre autôr inglêz, Upton Sinclair, o segredo da juventude eterna, da saude perfeita e permanente. Pelo conhecimento d'esse segredo nada trocaria no mundo. E' a valvula de segurança da natureza, diz elle, uma protecção automatica contra a doença. Não pretende estar á prova de toda e qualquer doença virulenta: basta o sentir-se immune contra as infecções communs e os males crónicos. Espera continuar na sua idéa de jejuar ao menor indicio de qualquer sintoma, uma dôr

de cabeça ou uma constipação, um sentimento de depressão ou a língua suja, ou uma ferida num dedo que se não cura rapidamente. Nesta ordem de ideias escreveu o seu livro sobre a cura pelo jejum. Os efeitos do método de Sinclair são explicados da seguinte maneira: O alimento superfluo produz fermentações, enchendo o corpo de uma quantidade de materias toxicas superior á que podem eliminar os órgãos competentes. O resultado é o sobrecarregamento desses órgãos e dos vasos sanguíneos, — e de ahí as dores de cabeça, reumatismos, arteriosclerose, paralisias, apoplexias, mal de Bright, cirroses. etc. E prejudicando o sangue e abaixando a vitalidade, o mesmo facto prepara o sistema para as infecções, — constipação, pneumonia, tuberculose, febres. Mal o jejum começa e foi vencida a primeira sensação de fome, as secreções cessam, e todo o sistema assimilador, que tanto tira da energia corporal, fica livre e descansa. O organismo enceta então uma limpeza geral, que pode ser ajudada por um clister e um banho diário, e sobretudo pela ingestão de muita agua. A língua torna-se suja, desagradáveis o hálito e a transpiração, e isto continua até que as substancias toxicas tenham sido eliminadas. Então começa a língua a limpar e a regressar a fome.

A perda de peso durante o jejum é geralmente de meio kilo por dia. E' consumida primeiro a gordura, depois o tecido muscular. A verdadeira fome só principia quando o corpo tenha quasi sido reduzido ao esqueleto e ás visceras. O autor do método diz ter encontrado em numero consideravel quem tenha jejuado por 40 ou 50 dias.

Estranho caso, este tratamento cura tanto a magreza como a obesidade. Os que pesavam de mais não voltam ao antigo peso; os magros podem ganhar quasi meio kilo por dia durante um mês. Ha um perigo a recear no jejum, é o receio. Ninguém deve começar o tratamento sem estar convencido de que é conveniente fazê-lo; se possivel, deverá ter consigo alguém que já tenha feito a experiencia, e nenhum parente aprehensivo que lhe note atemorizado que o pulso está abaixo de 40, e que o coração pode parar durante a noite.

Um medico, Dr. Robinson, saiu a combater Sinclair, dizendo não haver experiencia bastante larga e minuciosa para fundamentar a generalidade e o tom positivo em que Sinclair annuncia os seus resultados. Por outro lado, diz não haver na idea tanta originalidade como Sinclair e os seus discipulos crêem, pois ella tem já surgido varias vezes na historia da therapeutica. Tem apparecido de tempos a tempos entusiastas que julgam o jejum remedio de todos os males, e alguns medicos recomendam o jejum aos pacientes quando as condições permittam o seu emprego.

Podêr-se-ia, pois, dizer, segundo o Dr. Robinson, que o que nas ideias de Sinclair ha de bom é velho, e que o que nellas ha de novo é exagerado ou não sufficientemente provado.

A guerra nos ares

A guerra e os rumores de guerra enchem os ares; enchem os ares em todas as accepções da frase: os ares inferiores e os ares superiores, — em projecto,

pelo menos. Surgem as fantasias realizaveis de novas tacticas e novas armas: e o publico sonha na grande revolução que destes novos modos de combater ha-de advir para a questão da guerra. O paroxismo pavoroso da sua fúria, ou a sua morte, finalmente, esmagada sob o peso da propria plethora formidável?

Chegam-nos da America noticias sobre a futura guerra aérea. O aeroplano achou um hábil caçador, o almirante Twining, com o seu canhão para atirar tiros a 3 milhas de distancia na vertical. As experiencias deram, segundo nos dizem, o melhor resultado. Para pôr um balão ou aeroplano fóra de combate e matar instantaneamente os seus pilotos basta fazer explodir uma pequena granada ao pé delle. O canhão Twining pôde ser manejado por um só homem se fôr necessario (o allemão, até hoje o melhor, exige seis).

Os problemas de recuo e de pontaria são para esta especie de armas os mais árduos de resolver, e ha enorme dificuldade em fixar a posição do cano e resistir ao recuo do canhão apontando para cima. Difficil é tambem o determinar nestas circumstancias as trajectorias. E' algo de parecido com o tiro aos pássaros.

Sobre o perigo de o aeroplano atirar bombas para um navio, o almirante Twining explica que isso é extremamente improvavel, a não ser que o aeroplano se chegue a uma distancia muito pequena, o que é difficil para elle. O navio pode atirar ao aeroplano muitissimo antes que este esteja em condições de poder atacar o navio.

«Se se pudesse colocar um canhão num aeroplano, este estaria em quasi egualdade de circumstancias com o navio, mas ainda se não resolveu esse problema». Um canhão para poder prestar para alguma cousa precisa de ter um peso com que hade ser muito difficil poder carregar um aeroplano.

Deitar de um aeroplano uma bomba sobre um couraçado é tão difficil como, estando nós num comboio em marcha, deixar cair uma laranja num ponto determinado da linha. Para conseguir esta habilidade, seria necessario largar a laranja uns poucos de segundos antes de chegar a esse ponto porque a laranja cái animada na queda da velocidade horisontal do caminho de ferro. Além disso, como o peso que pode suportar o aeroplano é muito limitado, só muito poucas bombas poderá trazer, enquanto o navio possui uma quantidade considerabilissima de munições.

O novo canhão pode disparar em qualquer posição do cano. A posição vertical é evidentemente perigosa, porque a granada se não explodisse cairia no ponto de partida. O ângulo de tiro vai de 50 a 75 graus. Nas experiencias fez-se fogo com diferentes ângulos. Usaram-se granadas descarregadas. A espoleta é tão sensivel que as granadas rebentariam pelo menor contacto

com o aeroplano, mesmo roçando numa das asas. O exame do canhão provou que passára sem avaria a primeira série de experiências. A seguir fizeram-se novas experiências com variados ângulos de tiro. O canhão poderá fazer fogo com a velocidade de 12 tiros por minuto.

As lanternetas são carregadas com altos explosivos; rebentando espalham uma carga de



CANHÃO TWINING CONTRA AEROPLANOS

chumbo que se dispersa segundo um cône que é quasi certo comprehendêr o aeroplano, se a pontaria fôr um pouco cuidadosa. Para se podêr seguir a trajetória ha indicadôres de fumo para de dia, e rastros luminosos á noite.

Agora o reverso da medalha. Dizem os apologistas do aeroplano que este poderá deixar cair de um altura inatingivel pelo menos uns 100 kilos de alto explosivo, e assim destruir caminhos

de ferro, pontes, navios, cidades; além disso deve notar-se que tudo que sobe aos ares terá de descêr, attingindo o solo com velocidade consideravel. Ora, as granadas ou os seus fragmentos serão sempre um perigo ao caírem. Quem em terra atirar a um aeroplano tem pois de pensar bem primeiro.

O menor tempo em que até agora se tem conseguido determinar, com o auxilio dos mais aperfeiçoados instrumentos, a altura a que está o aeroplano (para regulação das alças) tem sido de 8 minutos: neste intervalo o aeroplano pode já têr variado bastante de distancia. Dahi uma grande dificuldade para a questão do tiro.

Em França ha hoje mais de mil aviadôres destinados ao serviço militar. Ha tambem nesse país cincoenta escolas de aviação, dez das quaes de 1.^a classe, que podem aprontar aviadôres com uma semana de aprendizagem e traino, em caso de necessidade. Com as facilidades actuaes de construcção podem fabricar-se vinte aeroplanos por dia se necessario fôr; e como estes se podem deslocar facilmente em fardo compacto, a questão do transporte não é dificuldade de maior. Um antigo celeiro dá facil esconderijo para pôr os aeroplanos perto do campo de acção. As pessoas proximas podem estar de tudo ignorantes no momento em que a frota aérea se revela, levando comsigo a destruição.

Nisto reside o grande podêr, geralmente mal apreciado, do aeroplano: o efeito moral que produz nas comunidades ameaçadas. E' esse um consideravel valôr para radicar a idéa da conveniência da paz.

A preservação pessoal é uma lei racinal da natureza; e o receio pela completa destruição da nossa familia e bens não é sentimento que se deixe facilmente vencêr pelo apêlo ao patriotismo. O crime de suscitar uma guerra em tais condições poderia muito bem levantar um violento protesto e uma insurreição geral contra os governantes que imprudentemente a isso se abalançassem.

O barco voadôr

Para exercer um logar importante na marinha de guerra, é preciso ao aeroplano o poder pousar na agua e levantar d'ella o vôo, porque nem sempre será conveniente

o faze-lo do tombadilho ou do castello de um navio, como mostrámos no nosso numero de abril (pag. 313). Está descoberto um barco que tão bem se move num como noutro elemento.

O hidro-aeroplano Fabre, como lhe chamam, é um aeroplano provido de boias de maneira a abaixar-se, aguentar-se sobre a agua, navegar e levantar-se aos ares quando se queira. E' composto de um caixilho vertical análogo ao corpo d'uma bicicleta, ao qual estão ligados: atrás a principal superficie elevadora com o motôr no seu extremo; na frente os lemes verticaes e horizontaes, e no centro o assento do pilôto. De baixo ligam-se três flutuadores: um á frente do caixilho, e dois debaixo da superficie elevadôra, a metade da distancia do centro aos extremos.

São hidroplanos, e cada um forma a base de um outro flutuadôr. A disposição garante a estabilidade longitudinal e transversal, e faz com que os flutuadôres da rectaguarda se não movam na agua já agitada pelo dianteiro. Os flutuadôres oferecem pouca resistencia ao ar no vôo; e para absorvêr os choques, a sua superficie inferior é flexivel, de madeira delgada que actua como a pele d'um tambôr. Desta forma o caixilho e o aparelho são protegidos como os carros são protegidos pelas molas dos solavancos numa má estrada.

A forma afilada do fundo dos flutuadôres permite-lhes passar sobre as algas e quaesquer corpos flutuantes, e roçar pelos rochedos sem perigo, mesmo andando rapidamente. Nenhum barco

bindo depois a 3 metros e meio, altura em que voou mais tempo. Numa experiencia mais recente atingiu a altura de 18 metros, em que voou um percurso de perto de 4 milhas. Desde então teem-se feito muitos percursos no ar e na agua com excelente resultado.

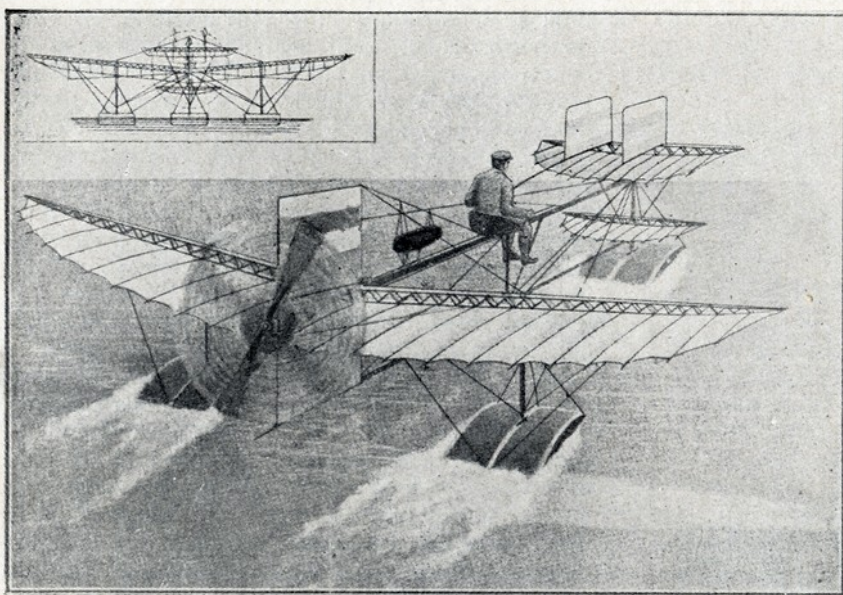
Um cão que fala

Chama-se Dom o prodigio. A principio o publico abanou scepticamente a cabeça julgando tratar-se de uma mistificação, ou, quando muito, de uma illusão. Mas não houve remédio senão render-se quando viu os mais distinctos homens de sciencia estudarem o curioso animal, fazerem metódicas investigações sobre as suas capacidades. Como vulgarmente acontece, os mais affirmativos negadores converteram-se em exagerados generalisadôres do facto, dizendo ter o caso antecedentes historicos desde ha quasi dois mil annos. Plinio, o famoso naturalista romano, e mais recentemente o filólogo Perty, haviam já feito referencia ao facto de os cães poderem imitar a linguagem de seus donos. Mesmo entre os contemporâneos caninos de Dom elle encontraria rivaes: nada menos de uns vinte ou trinta, e mesmo um gato, que segundo as affirmações es-

critas da sua dona, seria capaz de pronunciar frases inteiras e até de cantar canções populares.

Estas affirmações são tão pouco verdadeiras como eram infundadas as negações do principio. O caso de Dom, segundo a opinião do dr. Alfredo Gradenwitze, que pessoalmente investigou o fenómeno, é não só autântico, mas unico. Outros cães haverá capazes de imitar palavras, á maneira do papagaio, mecanicamente, sem lhes ligar significação. Mas Dom «fala», e é o unico animal até hoje que provadamente o fêz. As suas falas exprimem tendencias intimas que visam á communicação com o dono e outras pessoas, manifestando a sua affeição ou pedindo a satisfação de qualquer desejo. Já quando muito novo dava mostras de excepcional intelligencia, sendo contados numerosos e notaveis factos acontecidos nos seus primeiros annos. Nunca teve educação especial senão o treno usual para a caça.

Tanto a linguagem como as suas outras faculdades excepcionaes se desenvolveram espontaneamente e sem qualquer incitamento exterior.



O HIDROPLANO FABRE

automóvel tem tanta facilidade de evolução em paragens de pouco fundo e perigosas, como este hidroplano impellido por um motôr de ar. Pode mesmo continuar andando se não houver agua. Não succederia mal se o hidroplano pousasse numa planicie: os flutuadôres são para isso bastante sólidos. O aparelho pode partir da terra ou do mar indiferentemente. As asas podem dobrar-se, o que aumenta a semelhança com as aves. Para o aeroplano maritimo esta faculdade é mais importante que para o aeroplano terrestre, porque quando o aeroplano chega a um porto em que precisa de se demorar, se não colhêsse o pano das asas podia havêr avarias com o vento. As velas são feitas de um pano conhecido pelo nome de «simili-sêda», usado nos barcos de regata, e podem envergar-se e desenvergar-se facilmente.

O hidroplano Fabre atingiu já a velocidade de 34 milhas por hora no mar. Na primeira experiencia começou por se levantar a 2 metros da superficie e voou uns 500 metros nesse nível, su-

Tudo n'elle é espontaneo e proprio: quando satisfeito fala por sua livre iniciativa, mas se houver a menor causa de aborrecimento já não pronuncia uma palavra e cousa alguma o levará a exhibir as suas capacidades. Aos seis mêzes, bem mais cêdo que qualquer criança, revelou o seu talento extraordinario pronunciando a sua primeira palavra articulada: estava junto á mesa, com olhares suplicantes para o dono. E perguntando-lhe este se queria alguma cousa, respondeu repetindo a ultima palavra da pergunta («haben», têm.) Desde esse momento tornou-se objecto das attentões mais assíduas, mas raras vêzes se executou uma educação propositada. Porisso o cão offerece a extraordinaria apparencia de uma forte individualidade, fazendo tudo por seu arbitrio, sem nenhuma impulsão externa perceptivel. Sempre foram notavelmente independentes as suas maneiras. Em casa do dono em Theerhutte, no meio das tapadas reaes, levava uma vida de perfeita liberdade, exceptuando os seus deveres «profissionaes» de cão «setter». Todos os dias partia só para um passeio matutino, passeando gravemente pela matta e fazendo por vezes uma visita a algum dos amigos do seu dono. Abria a porta afastando o ferrolho como qualquer alma christã, entrava, deitava-se confortavelmente junto ao fogão, e, se bem humorado, tinha uma pequena palestra com as pessoas da casa.

Quando encontrava na rua crianças que iam para a escola pedia-lhes para tomar parte no seu lanche com as palavras «hunger» (fome) ou «kuchen haben» (quer bôlo). Conta-se que uma vez, dando com uma velha de uma aldeia vizinha que ia para o mercado, pausadamente se lhe dirigiu pronunciando as palavras: «Don fome; quer bôlo.» A velhota de tal forma se assustou que largou o seu cabaz e deu ás de vila diogo firmamente convicta de que o cão tinha demonio incubo.

E' curioso que Don fala aos extranhos com a mesma facilidade que ao seu senhôr. Porisso quando o Dr. Pfungst, conhecido especialista de psicologia animal, e o Dr. Vosseler, directôr dos jardins zoologicos de Hamburgo, desejaram submeter Don a experiencias scientificas, não tiveram a menor difficuldade para o fazer pronunciar todas as palavras do seu repertorio. Os records fonograficos que se executaram nessa occasião provaram de sobejo a identidade da linguagem de Don com a fala humana. Ha decerto pequenas differenças de estrutura da laringe, mas que não destroem de maneira alguma a clarêza das palavras. O Dr. Vosseler fez a proposito de Don uma conferencia sobre o problema da linguagem nos animaes em geral, e nos cães em particular, problema que foi tratado scientificamente. Chamou a attenção sobre o facto de certas aves (papa-gaios, corvos, etc.) possuirem uma notavel aptidão para imitar a fala humana, apesar da completa differença entre a nossa laringe e a delles. Nos mamiferos essa habilidade é uma absoluta excepção, apesar de a sua laringe se assemelhar

muito mais á do homem. De facto, a corformação da laringe canina é a muitos respeitos mais favoravel do que a do homem. Don é portanto um prodígio, e o primeiro caso de um cão que não só pronuncia palavras como lhes attribue significação e as faz servir intencionalmente para satisfação das suas necessidades. E' mais ou menos conversadôr, conforme as circunstancias. Com bom tempo fala mais facilmente do que com mau. Mas é visivel que o exercicio da linguagem envolve um grande esforço e muita fadiga para o animal.

Don é um bello cão, castanho, forte, de olhos intelligentes.

Quando o Dr. Vosseler acabou a sua conferencia, começou a representação que todos os assistentes esperavam com anciedade. Um prato com carne — a tudo que é bôa comida chama o cão «bôlo» — lhe foi apresentado. Primeiro perguntaram-lhe o seu nome, ao que distinctamente



DON, O CÃO FALANTE

respondeu: «Don». A segunda pergunta foi: «Que é que sente?» A isto respondeu: «hunger» (fome), demorada a segunda sílaba mais do que a primeira, e com distincta articulação do «r». Sendo-lhe perguntado depois: «quer alguma cousa?» muito vivamente replicou: «haben, haben», palavra que, como muitos homens, elle aparentemente prefere a todas as outras. Apresentando-se-lhe a carne, espontaneamente pronunciou a palavra «Kuchen», e com perfeita clarêza na pronuncia do «K» e do «ch». A certas perguntas replicava «Ja» (sim) e «Nein» (não). A sua mais recente aquisição, de que parece particularmente orgulhoso, é a palavra trissilabica «Haberland», nome da noiva do seu dono. Apesar de o vocabulário de Don comprehendêr só nove palavras, não-ó devemos considerar muito desfavoravelmente, em comparação com as 150 dos australianos e as 200 que as pessoas de mais elementar educação se pretende vulgarmente usarem, mesmo nos mais civilizados paises.



Serões das senhóras



Chronica da moda

PARA uma época de transição, isto é, para quando apenas mal se entreveem ainda as primeiras innovações da nova estação que começa, é sempre o pratico *tailleur* que mais prende a nossa attenção, e ao qual recorremos na falta de uma *toilette* mais caracterizada pelos ultimos requintes da moda. Para esse genero de vestuario continua invariavel a predilecção pelos tecidos como a sarja lisa ou de riscas, o panno, e ainda o setim e o velludo, que parecem mantêr-se na primasia que tiveram o inverno passado.

O *tailleur* requer como sempre um corte irrepreensivel, e quanto mais sóbrio fór de enfeites mais accentuada será a sua distincção. As saias, neste principio de estação, apparecem, pouco mais ou menos, com a mesma largura que teem tido até aqui. Um bom corte, a solidez do tecido e a simplicidade de forma são ainda as unicas qualidades necessarias para uma saia verdadeiramente pratica

O feitiço de uma saia é ponto que muita

attenção requer da sua possuidôra; nem todas as formas conveem a todas as estaturas, e o mesmo succede com os tecidos; só a forma lisa, os pannos inteiros e as riscas ao alto podem favorecer a mulher de baixa estatura, ao passo que as formas complicadas, os pannos cortados e as riscas diagonaes ou atravessadas conveem ás mulheres altas.

Cada estação nova, renova a forma das blusas. As blusas differentes da cor da saia estão completamente fóra da moda. Em todo o caso são admis-

siveis quando haja harmonia de tons entre a saia e a blusa, ou quando esta ultima tenha algum enfeite da cor da saia. A forma *kimono* permanecerá ainda por largo tempo, e as blusas *voilées* são presentemente muito apreciadas.

Nos vestidos de grande *toilette* a fantasia dos *voilages* cresce a ponto de serem estes duplicados e triplicados, conseguindo os mais bellos effeitos de transparencia e

córes pela superposição de tecidos: temos, por exemplo, uma túnica de musselina de seda rosa pálido, posta sobre uma túnica de musselina de seda azul celeste; uma túnica *gris*, outra *mauve* sobre azul muito pálido,



e finalmente uma túnica azul pálido sobre outra *mauve*; estes conjuntos de tons, que á primeira vista parecerão a mais atordoa-

dôra das modas, consegue, pela combinação inteligente, o effeito mais dõce e deslumbrante possível.

As simples *écharpes* de musselina de sêda ou de crêpe da China, estão a pouco e pouco cedendo o logar a lindos manteletes, que já tanto successo fizeram no tempo das nossas avós, e que hoje novamente se vão introduzindo como um elegante adorno nas *toilettes* das senhoras de meia idade. *Nil sub sole novi*, diz o Ecclesiastes: Nada ha novo sob o sol, carissimas leitoras!

Os vestidos escuros são sempre os mais adequados

para as senhoras cuja idade passe dos cincoenta, e justamente agora está para ellas em grande moda o uso dos vestidos de setim preto.

Toda a senhora de uma certa idade deveria evitar seguir cegamente a moda, mas somente usar o que convém á sua figura, á sua silhueta, e ao seu parecer; não ha inconveniente em que ella use os mesmos vestidos e os mesmos chapéus das mais novas, mas estes devem sempre differir na cõr e nos enfeites: é esta a verdadeira maneira de se saber vestir.

As *toilettes* para de tarde são sempre sobre o curto, mas para de noute já se vêem os vestidos compridos e de cauda, não de certo com as longas e rodadas caudas de

outros tempos, mas de caudas estreitas, differindo apenas na forma: umas quadradas, outras sobre redondo, outras formando bico.

Como enfeites estão muito em voga as franjas de froco de sêda, e tambem de contas, que guarnecem as túnicas e mesmo as saias. São no entanto as franjas de sêda as preferidas.

Os veludos terão este anno maior preeminencia ainda que no inverno passado, sendo as *toilettes* mais elegantes todas desse tecido; igualmente favorecida é a belbotina ou veludilho. Sobresáem os grandes casacos de veludo preto. Resurgem, finalmente, as pelissas á 1830, que, ao que parece, terão muitas partidarias.

Lenços de fantasia

Estão entrando novamente em moda os pequeninos lenços de cõr, que apparecem



cem uma variedade tão imprevista que se tornam graciosos a ponto de attrairem a attenção e applicação do bom-gosto. Não são

como os antigos lenços de côr, azues, rosa ou lilaz: são uns lencinhos de cambraia fina, com uma minuscula cercadura de côr, sendo a letra bordada no mesmo tom. As côres mais em voga são o verde Imperio, o acastanhado, o azul *royal* ou azul faiança, o lilaz e o amarello roseo. Alguns são metade brancos, tendo a outra metade umas largas riscas em diagonal, nas côres que indicámos; outros são brancos a meio, e apenas coloridos aos quatro cantos. Para os lenços todos brancos os bordados da Madeira são os que estão mais em voga, como sendo dos mais bonitos, e também os de finas rendas: Valenciannas verdadeiras, a fina renda de bilro, etc. Estes lencinhos são uma mera fantasia, e quasi microscopicos, para que as senhoras os mettam na palma da sua luva.

Leques para «soirées»

Os leques, que ordinariamente acompanham uma *toilette* de *soirée*, são quasi sempre de dimensões regulares.

Os modelos antigos, sobretudo o estilo Luiz XVI, são os que mais se usam. Alguns são lindos, em tons grisalhos, *vieil argent* e preto. Leves contornos de lentejoilas prateadas ornem os desenhos, e as varetas são de marfim, com frisos pretos.

Este modelo além de bonito é apropriado a todas as idades. Tem-se tentado rejuvenescer o classico leque de plumas de avestruz, introduzindo varias imitações de maior ou menor fantasia. O leque *chiffon* é a novidade mais recente, e profetiza-se-lhe um grande successo para o proximo inverno. São ainda os reflexos da moda dos *voilages* que inspiraram certamente esta nova invenção. As varetas são de madrepêrola e o leque é formado em cada vareta, por uma especie de fôlha estreita, feita de seda furta-côres, guarnecida de uma minuscula renda dourada, e recoberta de uma segunda fôlha de gaze furta-côr também, igualmente ornada de renda. No conjuncto o effeito é o mais maravilhoso possivel.

Vocações e predilecções de pessoas reaes

Reis, rainhas, principes e princezas, têm todos a sua especial vocação em materia de

arte, á qual se entregam pelas horas disponiveis do dia, como qualquer outra gente.

E' interessante observar-se as varias aptidões e propensões das regias personagens de varios paizes.

Em pintura são em grande numero. Mencionaremos como um dos melhores, ha alguns annos atraz, o fallecido rei D. Carlos, que era sem duvida um grande artista, cujos quadros foram varias vezes louvados nas mais notaveis exposições de diferentes paizes.

Hoje, talvez, é o principe Eugenio da Suecia, irmão do actual rei, o decano dos pintôres reaes da Europa.

E sua alteza um artista de profissão, cujos quadros são assignados com o pseudonymo de «E. Oscarson», o sobrenome do seu defuncto pae, o rei Oscar. Estudou em Paris durante muitos annos vivendo no bairro latino, e dando lições de pintura como qualquer artista de inferior classe. As suas telas têm sido expostas nas maiores galerias de Londres, Paris e Berlim, e á custa do seu pincel adquire todos os annos uma somma importante.

A Duqueza d'Argyll, a Rainha Guilhermina da Hollanda, a ex-rainha D. Amelia, e a Rainha de Hespanha serão talvez em seguida as maiores artistas nessa arte. Diferem nas suas predilecções; as paisagens são as pinturas favoritas da Duqueza d'Argyll e da ex-rainha D. Amelia; passaros e flôres as da Rainha Eugenia; as gravuras são preferidas pela Rainha Guilhermina.

A escultura é também uma das artes que mais attractivos conta entre personalidades reaes especialmente entre o elemento feminino.

Como das melhores artistas citaremos a Condessa Gleichen, prima da defuncta Rainha Victoria de Inglaterra, cujos trabalhos têm apparecido por mais de uma vez na exposição de Londres. A par da Condessa Gleichen estará sem duvida a Rainha Margarida de Italia, cujos bellos trabalhos em marmore e bronze lhe tem feito grangear renome de artista. Algumas das suas obras adornam varios palacios em Roma, destacando-se d'entre ellas, uma bella escultura da Virgem colocada no mesmo lugar em que o Rei Humberto foi morto.

Em seguida citaremos novamente a Du-

queza d'Argyll que alem de pintôra é também uma notavel esculptôra. Foi ella a autôra e executôra das estatuas de sua mãe a Rainha Victoria, existentes na grande praça de Calcuttá, e na fachada de Kesington Palace em Londres.

A Rainha de Inglaterra e a princeza real da Suecia são semelhantes na sua predilecção pela leitura e trabalhos de costura; os bordados executados pelas suas delicadas mãos, são verdadeiros mimos de perfeição e bom gosto. Quanto á leitura, certo é ver a Rainha Mary ou a princeza real da Suecia com um livro na mão, nas horas disponiveis do dia.

A fotografia tem também habeis amadoras, entre ellas a Rainha Alexandra e as suas tres filhas, especialmente as princezas Victoria e Maud. Mão ha muito tempo foi publicado em Londres um album de bellas photographias tiradas pela Rainha Alexandra, em que se revelava toda a sua grande destreza nessa arte. Mas mais entusiasta é ainda a princeza Victoria, a qual possui lindos albuns cheios de bellas fotografias tiradas por ella propria em varias epocas, não só em casa como fóra; paisagenns e retratos são os seus melhores trabalhos. Quanto á Rainha Maud da Noruega é uma artista de tal forma que as suas fotografias poderiam competir com as dos melhores fotografos.

Colleccionar estampilhas tem sido ha muito tempo uma das predilecções do Rei Jorge de Inglaterra, que possui uma collecção riquissima avaliada em dez mil libras o minimo, na qual figuram estampilhas de uma grande raridade.

O rei de Italia Victor Manuel é também um colleccionador de estampilhas, mas a sua grande predilecção são no entanto as moedas antigas, possuindo uma collecção conhecida e considerada como incomparavel. Tem escripto varios livros e folhetos sobre numismastica, e o seu museu de moedas em Italia tem sido a attração dos mais apaixonados colleccionadôres.

Entre os maiores devotos da musica citaremos como principaes o Rei da Suecia, o Imperador da Allemanha, a Imperatriz da Russia, a princeza de Battenberg, e a princeza Maria Victoria de Schleswig-Holstein. De todos elles é no entanto o Rei da Suecia

o maior artista, em qualquer instrumento, seguindo-se-lhe a princeza de Battenberg.

No canto é uma verdadeira artista a princeza Maria Victoria, que sendo o principal ornamento da Sociedade Coral de Windsor tem tido nos seus concertos occasiões de se fazer admirar em publico pela sua linda voz.

O Kaiser é considerado como um bello compositôr assim como a princeza de Battenberg; quanto á princeza da Russia, a essa cabem os louvôres de uma notavel pianista.

O principe Karageorgevitch, da Servia, é um admiravel artifice em trabalhos de metal, gravadôr e encadernadôr de livros. Alguns dos seus desenhos, e proprios trabalhos, têm ganho os maiores louvôres dos arbitros nas melhores exposições da Europa. A expensas suas existe um atelier em Paris, frequentado todos os annos pelo mundo artistico, no intuito de conhecer para seu proprio interesse as ultimas composições da sua capacidade e espirito em trabalhos de couro, gravura e metal. Um grande rendimento ganho por suas proprias mãos, e pelo seu talento, são a bella consequencia da sua particular destreza e vocação, mostrada desde tenra idade.

Um dos gôstos predilectos do fallecido Rei Eduardo VII era colleccionar bengalas de todas as formas e modelos, principalmente quando estas eram de um feitio original, ou tinham alguma ligação com qualquer facto historico ou litterario.

Ninguém possuia uma tão celebre collecção desse artigo, e para a conseguir, gastou por vezes bastante dinheiro.

Fazer enxovaes para creanças pobres, eis uma das predilecções da Duqueza de Connaught e de sua unica filha a princeza Alexandra de Teck; á mesma obra se dedicam também a actual Rainha de Inglaterra, e sua filha a princeza Maria Victoria, consagrando todas as semanas algumas horas do dia a esses caridosos trabalhos.

Viajar foi sempre a grande predilecção da princeza Patricia de Connaught e da princeza imperial da Allemanha. Qualquer destas princezas tem viajado uma grande parte do mundo; as suas viagens porem não são apenas por paises estrangeiros, mas ambas percorrem varios pontos do seu proprio paiz, vendo e observando por campos

e cidades, e viajando sempre incognitas para se esquivarem ás formalidades. Tudo quanto ha de maior merito quer na Gan-Bretanha, quer na Allemanha, tem sido visitado por estas celebres viajantes, e nunca as suas fisionomias se mostram tão sorridentes, como quando andam nas suas bellas excursões.

Mulheres architectas e decoradôras

A America é o país onde as mulheres mais invadem as profissões que são vulgarmente desempenhadas por homens. No commercio o seu numero é considerabilissimo. Nas occupações de dactilografia e estenografia entram por 90 por cento; mais de mil mulheres são medicas; um dos maiores jornaes do Oeste é dirigido por uma mulher. Entre todas estas profissões que exigem anos de estudo e uma preparação trabalhosa e difficil, o mister de decoradôra está naturalmente indicado como trabalho adquado ás qualidades femininas. Em Nova-York, Chicago, Boston, São Francisco, as mulheres decoradôras gozam da melhor conceituação. Na maioria das habitações, sobretudo nas de campo, a estetica americana é admirável, um mimo de conforto, de ordem, de simplicidade. A construcção de muitas é dirigida por mulheres. Não é decerto em competência tecnica que elas sobrepõem os seus concorrentes masculinos; igualam-nos porém e excedem-nos pelo bom gosto. A maioria das vêzes são mulheres ilustradas a que súbitos revezes de fortuna (tão vulgares na America) obrigam a recorrer a essa profissão: mobilar as casas alheias com o gosto que desenvolveram e educaram no arranjo das que um dia foram suas.

As architectas que maior celebridade alcançaram na America foram Mrs. Candace Wheeler e sua filha Miss Dora Keith. Foram as precursoras nessa carreira onde o gosto feminino se aliava nelas a uma habilitade commercial que lhes fez conseguir uma boa fortuna; foram tambem as fundadoras de uma fábrica donde saíram os materiaes como elas desejavam, obedecendo aos seus planos e aos seus principios de estetica do mobiliario.

As duas jovens mais interessantes que actualmente exercem essa profissão em Nova-York são Miss Barrows e Miss Whitridge. Apenas são chamadas para mobilar qualquer habitação, começam por uma conferencia com o seu cliente em que assentam as ideas e intenções que este tem no assumpto. Em seguida compõem, reúnem, harmonizam todos os modelos e desenhos de móveis, tapetes, pinturas, etc., e apresentam ao frêguêz o seu plano, que é immediatamente executado se mereceu approvação.

O mobiliário é depois executado sob a sua direcção, as tapeçarias tecidas expressamente, os biombos, os panos de mesa, as molduras, os quebra-luzes, os reposteiros, tudo enfim feito sob as suas ordens, para que se conserve, nos minimos pormenores, a harmonia completa do desenho, a correcção geral dos aposentos.

As suas principais fontes de inspiração são a arte japonêsa e o estilo colonial americano. Miss Barrows sustenta que é a adaptação e não a imitação da naturêza que faz a excelência japonêsa em materia de decoração. Numa secção dos seus *ateliers* teem Misses Barrows e Whitridge uma collecção, ou melhor um museu de desenhos japonêses que lhes servem de guias e inspiradores nos seus planos de decoração. Segundo a opinião de Miss Barrows, as qualidades necessárias para um efeito seguro e completo são o sentimento da forma e da côr na sua justa adaptação; ao primeiro golpe de vista os olhos devem repousar, pela harmonia das linhas e das côres.

Na casa Barrows e Whitridge uma das associadas vela pelas instalações *in loco*, outra dirige as fábricas e assiste á execução dos planos.

E a propósito de artes decorativas, digamos que em Lisboa, com os elementos de que dispõem o Museu das Janelas Verdes e outros estabelecimentos do Estado, sem já falar dos subsidios dos particulares, se poderia constituir um importante museu de formas de mobiliário, que facilmente se completaria até onde fosse necessário para o ensino. Ha entre nós quem pense que a nossa industria do mobiliário poderia um dia vir a sêr considerada de exportação. Urge, pois, pensar nella.